

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO – LINHA DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM
COMÉRCIO EXTERIOR**

JÉSSICA CORRÊA MENEGALI

**OS BRICS NO CONTEXTO DAS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS E
ECONÔMICAS NO CENÁRIO INTERNACIONAL DOS ANOS 2000**

CRICIÚMA

2016

JÉSSICA CORRÊA MENEGALI

**OS BRICS NO CONTEXTO DAS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS E
ECONÔMICAS NO CENÁRIO INTERNACIONAL DOS ANOS 2000**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Administração no curso de Administração Linha de Formação Específica em Comércio Exterior da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Natália Martins Gonçalves

CRICIÚMA

2016

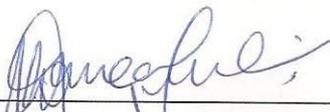
JÉSSICA CORRÊA MENEGALI

**OS BRICS NO CONTEXTO DAS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS E
ECONÔMICAS NO CENÁRIO INTERNACIONAL DOS ANOS 2000**

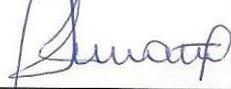
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Administração, no Curso de Administração Linha de Formação Específica em Comércio Exterior da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Geopolítica.

Criciúma, 30 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Natália Martins Gonçalves, PhD. - Orientadora
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)



Prof.ª Izabel Regina de Souza - Mestra
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)



Prof.ª Maria Helena Souza dos Santos - Especialista
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

CRICIÚMA

2016

DEDICATÓRIA

Aos amigos Felipe, Marina e Tamires, pessoas com as quais obtive ensinamentos valiosos e a meus pais, por me ensinarem o verdadeiro valor da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todo seu amparo e proteção em todos os momentos da vida.

Aos meus pais, Altair Ghizzo Menegali (*in memoriam*) e Claudete Corrêa, por todos os ensinamentos passados, em especial, por me ensinarem as coisas que realmente possuem importância na vida, educando-me com seus exemplos e por me deixarem como maior herança o incentivo aos estudos.

Aos amigos Felipe Alves, Marina Gonçalves Nagel e Tamires Cardoso Patrício pelo quarteto formado.

As pessoas essenciais em minha vida, Tiago Corrêa Menegali, Maricelma Apolônia Eduardo, Amanda Farias e Verônica Bortolotto por todo apoio, compreensão e carinho.

Agradeço especialmente a minha orientadora Natália Martins Gonçalves, pessoa pela qual possuo enorme admiração e respeito, por sua sabedoria, ética e humildade.

A Unesc e ao corpo docente por todas as oportunidades e ensinamentos proporcionados.

“A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece”

Antonio Gramsci (1891-1937)

RESUMO

MENEGALI, Jéssica Corrêa. **Os BRICS no contexto das transformações políticas e econômicas no cenário internacional dos anos 2000**. 2016. 105 páginas. Monografia do Curso de Administração – Linha de Formação Específica em Comércio Exterior, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Nas últimas décadas, a cooperação Sul-Sul vem ganhando espaço frente as limitações encontradas na cooperação Norte-Sul. Um destaque para esse tipo de cooperação são os BRICS. BRIC é um acrônimo de Brasil, Rússia, Índia e China criado em 2001 pelo economista Jim O'Neill para designar as quatro maiores economias de mercados emergentes, sendo a África do Sul integrada em 2011. O objetivo desse estudo foi identificar os fatores políticos e econômicos que fundamentaram o posicionamento dos BRICS no cenário internacional dos anos 2000. Para atingir os objetivos propostos a metodologia da pesquisa enquadrou-se quanto aos fins como descritiva e quanto aos meios como pesquisa bibliográfica e documental. A análise dos dados foi qualitativa. Como resultado verificou-se que as especulações realizadas no início dos anos 2000 acerca dos países que compõem o BRIC foram modestas em comparação ao potencial do grupo e aos valores que se concretizaram. O crescimento do PIB real entre 2000 e 2015 tanto em relação ao BRIC como ao G6, foi superior ao projetado em 2003. No entanto, enquanto a diferença entre o PIB projetado e o real do G6 teve um aumento de 18%, o BRIC superou sua projeção em 92%. Quando adicionado a África do Sul no valor do PIB real do BRIC, essa diferença passa para 96%. Visualizou-se também, que a cooperação dos BRICS engloba diversos setores, mas que no entanto, ainda possuem pouca integração comercial. Outro ponto verificado foi que os BRICS possuem grande importância regional, sendo os principais parceiros comerciais de seus vizinhos, fazendo com isso que o grupo seja o porta-voz do sul global no cenário internacional. Além disso, os cinco países que formam os BRICS reúnem um poder extraordinário quando combinado. Dois deles fazem parte do Conselho de Segurança das Nações Unidas e três deles, são potências nuclearmente armadas.

Palavras-chave: Economia Política internacional; cooperação sul-sul; nova ordem mundial; BRICS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Império Britânico em 1919	18
Figura 2 – Os fatores e as consequências da globalização dos mercados.....	24
Figura 3 - Correlação entre o crescimento da participação da CGV e do PIB <i>per capita</i>	32
Figura 4 - BRICS	36
Figura 5 - Projeção do PIB dos BRIC´s e G6	39
Figura 6- Localização dos BRICS	42
Figura 7 - Maiores áreas, populações e economias mundiais	44
Figura 8 - Reformas no FMI	45
Figura 9 - Crescimento médio do PIB entre 1990 e 2015	49
Figura 10 - Evolução do PIB em trilhões de dólares entre 1990 e 2015	50
Figura 11 - Crescimento médio do PIB entre 1990-1999, 2000-2015 e 1990 e 2015	51
Figura 12 - Comparação do PIB real com o PIB projetado para o BRIC, no período de 2000 a 2015	52
Figura 13 - Comparação do PIB real com o PIB projetado para o G6, no período de 2000 a 2015	52
Figura 14 - Evolução das exportações mundiais e dos BRICS entre 1990 e 2015 (US\$ <i>FOB</i>).....	54
Figura 15 - Evolução das importações mundiais e dos BRICS entre 1990 e 2015 (US\$ <i>CIF</i>)	55
Figura 16 - Exportações do Brasil em 2015 (US\$ <i>FOB</i>).....	56
Figura 17 - Importações do Brasil em 2015 (US\$ <i>CIF</i>).	58
Figura 18 - Corrente de comércio do Brasil em 2015 (US\$).....	59
Figura 19 - Exportações da Rússia em 2015 (US\$ <i>FOB</i>).....	60
Figura 20 - Importações da Rússia em 2015 (US\$ <i>CIF</i>).	61
Figura 21 - Corrente de comércio da Rússia em 2015.....	63
Figura 22 - Exportações da Índia em 2015 (US\$ <i>FOB</i>).....	64
Figura 23 - Importações da Índia em 2015 (US\$ <i>CIF</i>).....	65
Figura 24 - Corrente de comércio da Índia em 2015	67
Figura 25 - Exportações da China em 2015 (US\$ <i>FOB</i>)	68
Figura 26 - Importações da China em 2015 (US\$ <i>CIF</i>).....	70
Figura 27 - Corrente de comércio da China em 2015.	71

Figura 28 - Exportações da África do Sul em 2015 (US\$ <i>FOB</i>).	72
Figura 29 - Importações da África do Sul em 2015 (US\$ <i>CIF</i>).	74
Figura 30 - Corrente de comércio da África do Sul em 2015.	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fases da globalização desde o início da década de 1800	22
Quadro 2 - Pilares do sistema Bretton Woods	27
Quadro 3 – Comparação entre o Banco Mundial e o FMI	27
Quadro 4 – Comparação entre o Banco Mundial e o FMI	28
Quadro 5 - Causas que levaram ao colapso do sistema <i>Bretton Woods</i>	28
Quadro 6 - Causas que levaram ao colapso do sistema <i>Bretton Woods</i>	29
Quadro 7 - Fontes de títulos da pesquisa bibliográfica	36
Quadro 8 - Plano de coleta de dados	37
Quadro 9 - Síntese dos procedimentos metodológicos	38
Quadro 10 - Reuniões de Cúpula dos BRICS	40
Quadro 11 - síntese dos fatores políticos e econômicos influenciadores do posicionamento dos BRICS no cenário internacional.....	78
Quadro 12 - síntese dos fatores políticos e econômicos influenciadores do posicionamento dos BRICS no cenário internacional... Erro! Indicador não definido.	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados geográficos dos BRICS.....	42
Tabela 2 – Investimentos em educação, saúde e pesquisa e desenvolvimento (P&D)	47
Tabela 3 - Dados econômicos de 2015.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CGV	Cadeia Global de Valor
EUA	Estado Unidos da América
EU	União Europeia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
RI	Relações Internacionais
IDE	Investimento Direto Estrangeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA	13
1.2 OBJETIVOS	14
1.2.1 Objetivo geral	14
1.2.2 Objetivos específicos	14
1.3 JUSTIFICATIVA	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 RELAÇÕES INTERNACIONAIS	16
2.2 A GEOPOLÍTICA DO SÉCULO XX.....	17
2.2.1 Globalização	21
2.3 A ECONOMIA INTERNACIONAL NOS SÉCULOS XX e xxi.....	26
2.3.1 Breve histórico	26
2.3.2 As cadeias globais de valor	30
2.3.3 O Comércio Exterior	32
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	34
3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO-ALVO	35
3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS	37
3.4 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	37
3.5 SINTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	38
4.1 Caracterizar os BRICS	39
4.1.2 Contextualização geopolítica	41
4.2 RELAÇÕES POLÍTICAS A PARTIR DOS ANOS 1990.....	44
4.3 PARTICIPAÇÃO DOS BRICS NA ECONOMIA INTERNACIONAL.....	46
4.4 PARTICIPAÇÃO DOS BRICS No comércio INTERNACIONAL	53
4.4.1 Brasil	56
4.4.2 Rússia	60
4.4.3 Índia	63
4.4.4 China	67
4.4.5 África do Sul	72

4.5 OS BRICS NOS ANOS 2000: SÍNTESE DOS FATORES POLÍTICOS E ECONÔMICOS INFLUENCIADORES DO SEU POSICIONAMENTO NA GEOPOLÍTICA GLOBAL.....	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS bibliográficas	83
APÊNDICES	92

1 INTRODUÇÃO

O comércio internacional é uma relação estabelecida entre os povos há séculos, mesmo que informalmente no princípio. Tomado em suas bases mais primitivas, essas relações de trocas possibilitam suprir a carência interna de determinados produtos e o escoamento do excedente da produção de determinado mercado. A internacionalização do comércio se deu ao longo da história, atravessando processos de transformações políticas, territoriais e dos sistemas de produção, levando à consolidação de grandes potências mundiais.

Os países europeus, em especial a Inglaterra, dominaram a dinâmica da economia do mundo até meados do século XIX, baseados na relação colonial, essencial no fornecimento de matéria-prima e mão-de-obra, e como mercado consumidor de produtos industrializados. No entanto, ao fim da Segunda Guerra Mundial esses países estavam arrasados, dando lugar às alterações importantes no equilíbrio entre as grandes potências do mundo ocidental (VESENTINI, 2000).

No pós-guerra, a preocupação principal dos EUA era de impedir o crescimento do socialismo perante os demais territórios e preservar sua expansão econômica. Com isso, sua atenção estava voltada entre atacar a pobreza dos países da Ásia e ajudar a reconstrução da Europa Ocidental. Em 1947, o Plano Marshall entra em operação, com o intuito de prover recursos aos países europeus para sua revitalização e reconstrução em troca de sua lealdade à política externa e ao sistema de defesa coletivo norte-americano. Contudo, esses esforços de contenção ao socialismo não envolveram a América Latina e o Caribe devido à crença americana de que a expansão do socialismo nesses lugares seria de menor risco e facilmente administrada (CORRÊA, 2010).

Anos mais tarde, houve uma expansão dos movimentos de inspiração socialista no continente americano, fazendo com que os EUA tivessem um posicionamento diferente do adotado anteriormente. Em uma tentativa de conter esses movimentos, os EUA lançaram programas de desenvolvimento ao continente. No entanto, estes recursos eram modestos e incapazes de causar grandes saltos econômicos nos países contemplados. As ações objetivavam evitar aventuras socialistas no continente, o que poderia prejudicar os negócios das empresas norte-americanas instaladas nesses territórios (CORRÊA, 2010).

No final dos anos de 1980, os EUA e a Europa voltam a propor medidas

de intervenção nos países Latino Americanos. Os instrumentos propostos foram resultantes do chamado "Consenso de Washington", acontecido em 1989, na cidade homônimo, visando a reestruturação econômica desses países, por meio de condições para a concessão da cooperação financeira externa, políticas liberalizantes para o comércio e a entrada do capital internacional através das privatizações. Entre as recomendações do Consenso (documento do Banco Mundial de 1989) também estava que o Brasil direcionasse seu comércio internacional para as exportações de commodities agrícolas, ou seja, paralisar, ou retroceder, ao seu processo de industrialização nacional (BATISTA, 1994). Essas medidas se firmaram nas teorias de comércio internacional baseadas nas leis de vantagens comparativas, onde o país deveria se posicionar no mercado, vendendo produtos em que este seria comparativamente mais eficiente nos custos de produção. Essas ações foram criticadas por setores da sociedade pois isso incentivava aos países industrialmente subdesenvolvidos a terem atitudes completamente inversas às adotadas pelas grandes potências em décadas anteriores (RICARDO, 1985).

A tradicional cooperação Norte-Sul era, e continua sendo em alguns casos, destinada a intervenções pontuais e ineficazes em relação aos interesses internos e às estratégias de desenvolvimento de longo prazo dos países do Hemisfério Sul, deixando lacunas nas relações políticas e econômicas entre esses países, demonstrando assim suas limitações no estreitamento de interesses mútuos que consigam sobreviver às crises e ultrapassar os postulados clássicos dessas relações. Nesse vácuo de entendimento e de poder, surgem as relações de cooperação Sul-Sul, quebrando o monopólio das relações internacionais tradicionais Norte-Sul estabelecidas nas bases do colonialismo, evoluindo pelo imperialismo e o neoliberalismo estabelecido no Consenso de Washington em 1989. A aproximação desses países abriu espaço para o diálogo entre as nações do Sul, com propostas comuns visando discutir ações na busca de resultados efetivos para a promoção de mudanças sociais e econômicas, a partir de suas realidades que são próximas do que se comparados com os países do Norte do hemisfério (CORRÊA, 2010).

Nesse cenário de cooperação internacional Sul-Sul pode ser destacado os BRICS. BRICS é um acrônimo de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, criado pelo economista Jim O'Neil em 2001 (sendo a África do Sul integrada em 2011). Segundo esse economista, o mundo deveria prestar atenção nesses quatro países fundadores pois estavam conseguindo um crescimento econômico

diferenciado, além de possuir um contingente populacional formador de um mercado interno vultoso, serem detentores de matérias-primas, além de outros fatores relevantes, quando comparados com a média dos demais países do mundo. No período de uma única década, o BRIC quase quadruplicou seu PIB agregado, sendo que a economia mundial apenas dobrou nesse mesmo período. Em meados de 2011 eles representavam aproximadamente 20% do comércio mundial, comparados a menos de 10% em 2001 (O'NEIL, 2012).

Como apresentado, os BRICS tem se destacado no cenário internacional. Todavia, ainda existe dificuldades na compreensão de quais foram os fatores que fundamentaram as bases desse posicionamento. Portanto, esse estudo visa identificar os fatores que fundamentam o posicionamento dos BRICS no cenário internacional dos anos 2000, considerando o contexto das transformações históricas, políticas e econômicas desse período.

1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

O sistema econômico atual está inserido em um ambiente global, onde poucos países possuem muita influência perante os demais. No entanto, as nações ao longo dos séculos sofrem transformações sistemáticas em seus processos de organização política, social e econômica. Nos últimos séculos, esse poder tem se concentrado nos países localizados no Norte do globo. Os fatores históricos relacionados ao processo de colonização e exploração feita em grande parte nos países do Sul pelos países do Norte, os quais serviram e servem de suprimento de materiais base para a produção e mercado consumidor essencial aos países do norte, reforçaram esse processo de dependência e assimetrias no desenvolvimento socioeconômico. Mesmo passados anos da liberdade política formal das colônias, muitas permanecem dependentes de seus colonizadores, considerando-se a matriz tecnológica, o suprimento de bens não fabricados no próprio país, difícil acesso à educação de qualidade, o emprego suprido pelas ofertas das organizações estrangeiras em busca de produção em massa a baixo custo, sem levar em consideração, muitas vezes, as necessidades desses países.

Essas iniciativas de cooperação internacional Norte-Sul, não foram desenvolvidas com a finalidade de garantir governabilidade, legitimidade e planejamento, pensado em longo prazo. Diante disso, Corrêa (2010) afirma que o

essencial no processo de desenvolvimento é saber gerar, aplicar, agregar valor e inovar, não apenas pontualmente mas de forma perene. Neste sentido, ele complementa que a cooperação internacional apenas será legítima e coerente, na promoção de desenvolvimento, se buscar o compartilhamento e a transferência de conhecimento, de processos inovadores, de boas práticas, de experiências bem sucedidas entre outros fatores. Devido a isso, surge a necessidade de parceiros que compreendam melhor a realidade e as necessidades dos países não desenvolvidos, levando ao apoio da cooperação Sul-Sul por economistas políticos (CORRÊA, 2010).

Considerando esse cenário, assumiu-se como pergunta norteadora desse estudo a seguinte: **quais os fatores políticos e econômicos que influenciaram o posicionamento dos BRICS no cenário internacional dos anos 2000?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Identificar os fatores políticos e econômicos que influenciaram o posicionamento dos BRICS no cenário internacional dos anos 2000.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Caracterizar os BRICS;
- b) Identificar relações políticas e de poder que se constituíram por estes países a partir de 1990 e que serviram de base para o posicionamento dos BRICS nos anos 2000;
- c) Descrever a participação dos países na economia internacional;
- d) Descrever a participação dos países no comércio internacional e intra-grupo.

1.3 JUSTIFICATIVA

Desde o final do século XX, os países do sul estão alcançando visibilidade no comércio e diplomacia internacional. Um dos exemplos que pode ser

citado é a união de países que deu origem ao atual BRICS, sendo formado pelo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Esse grupo de países possuem como um dos objetivos principais a cooperação entre seus membros para fomentar o desenvolvimento entre e intra-grupo. O BRICS foi formado pelos cinco países pois eles alcançaram certa relevância na relação mundial e dispõem de bens necessários ao desenvolvimento, como exemplo: *commodities* do Brasil, armas e gás da Rússia, mão de obra barata e especializada da Índia, indústria da China e a África do Sul com *commodities* e permitindo acesso ao continente africano.

Este estudo tem o intuito de identificar os fatores políticos e econômicos que fundamentaram o posicionamento dos BRICS no cenário internacional dos anos 2000. O estudo será oportuno devido as recentes mudanças ocorrentes no cenário internacional. Com estes fatores levantados, será possível ter um maior embasamento para a análise do que ocorrerá futuramente ao cenário internacional e quais as nações estarão destacando-se. As informações levantadas poderão ser relevantes para a utilização de forma estratégica para a política internacional do Brasil, visando fortalecer a parceria com o grupo. Com o resultado da pesquisa, será possível verificar posteriormente se possuem outros países com as mesmas condições favoráveis apresentadas pelos BRICS no seu posicionamento mundial. Ainda poderá servir à organizações nacionais visando novos mercados consumidores destes países em ascensão, ou ser um incentivo às ações em outros países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento para que também consigam melhorar suas estruturas e relações internacionais.

A viabilidade deste trabalho se dá por conta do estudo fundamentado em um estudo bibliográfico, com base em livros de especialistas sobre o assunto, com o resgate histórico de alguns temas importantes para a análise e compreensão do que será abordado; artigos científicos de bases indexadas e *websites* governamentais e institucionais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica possui como objetivo analisar autores que já escreveram sobre o tema no qual se deseja pesquisar (VIANNA, 2001). Desta forma, o presente capítulo se propõe a prover embasamento teórico ao assunto proposto, abordando temas como relações internacionais, geopolítica e economia internacional.

2.1 RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O surgimento das relações internacionais foi estimulado pelo crescimento da integração econômica em nível mundial. As transformações ocorridas nos séculos XVIII e XIX – época da Revolução Industrial – na produção e circulação de mercadorias típicas desse período, demonstraram a relevância dos estudos voltados à área de relações internacionais. Com isso, foi fomentada a análise do Estado voltada em suas relações, ou seja, qual a posição ocupada e o papel desempenhado por cada Estado em âmbito das suas relações com os outros Estados (MAGNOLI, 2004).

Os estudos voltados à área de relações internacionais (RI), como campo de conhecimento específico das ciências sociais, surgiram com o fim da Primeira Guerra Mundial. O primeiro departamento de RI surgiu com a união de acadêmicos da universidade escocesa de Aberystwyth, que possuíam como objetivo discutir sobre a guerra. A discussão de seus estudos, possuía como principal finalidade livrar a humanidade das consequências desse período e evitar repetição de tragédias similares. Para isso, era necessário estudar a guerra e suas causas (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

Entre as correntes de pensamento formada nas RI, as que mais se destacam são o Idealismo/ Liberalismo e o Realismo. A corrente de pensamento do Liberalismo possui como fundamento base o lugar do indivíduo na sociedade (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). Este pensamento defende as ideias de que há relação entre a democracia e a paz e que o livre-comércio contribui para a permanência da paz entre as nações, conforme já afirmava o filósofo Montesquieu (1689-1755), citado por Nogueira e Messari (2004, p.62), “a paz é o efeito natural do comércio”, uma vez que gera uma relação de mútua dependência e interesses

comuns entre as nações.

Já o Realismo defende que o dever do Estado e de um cidadão responsável é zelar pela sua sobrevivência enquanto Estado. Em outras palavras, se um Estado não tentar reduzir sua vulnerabilidade, tornar-se-á mais vulnerável perante os demais que o fizerem (ALBUQUERQUE, 2005). Este pensamento é completado por Nogueira e Messari (2005) quando afirma que o Estado é o autor central das relações internacionais.

Para Muir, além dessas duas correntes clássicas, haveriam ainda perspectivas menos polarizadas, como a pluralista, a globalista e a estruturalista ou dependentista. A pluralista trata-se de uma visão menos política, marcada mais pelo conceito de gestão – políticas públicas - do que de soberania, abrindo o leque de decisões e influências geopolíticas em organizações como empresas, instituições políticas internacionais e organizações não governamentais. Já a globalista possui a “visão estruturalista da superação do Estado, como entidade política protagonista das relações internacionais, para pensar em um sistema internacional regulado por instituições mundiais”. E por fim, a dependentista parte das visões – de base marxista - de desigualdade do sistema internacional e da divisão Norte-Sul causados pelo processo de descolonização (CARVALHO, 2002, p.133).

2.2 A GEOPOLÍTICA DO SÉCULO XX

O termo “geopolítica” surgiu no início do século XX e é considerada uma ciência, entre a geografia e a ciência política, que tem por objetivo estipular fundamentos para as ações do Estado sobre o espaço. De forma que, é o conhecimento que tem por finalidade garantir a soberania de um Estado perante os demais e em seu próprio território nacional, garantindo sua segurança (VESENTINI, 1996).

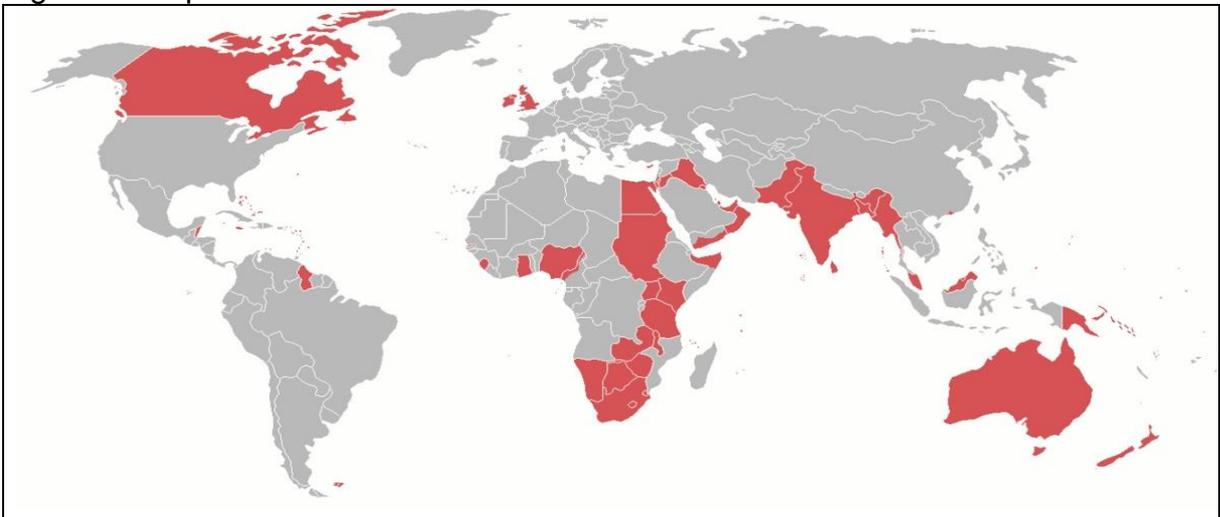
O almirante da marinha norte-americana, Alfred T. Mahan, embora nunca tenha utilizado o termo, é considerado um dos fundadores da geopolítica. Em uma de suas obras mais importantes, *The Influence of Sea Power upon History (1660-1783)*, ele buscava apresentar os fundamentos da estratégia naval, por meio de um estudo sobre a guerra na qual defendia a importância do poderio naval para explicar a maior parte da história. Segundo Mahan, o controle das rotas marítimas era o segredo para a hegemonia mundial, pois eram consideradas as veias por onde o

fluxo do comércio internacional circulava, ou seja, o Estado que desejasse hegemonia mundial deveria possuir grande poder naval. Para Mahan, os EUA já estavam protegidos de seus inimigos por terra, restando a exploração dos mares e as trocas econômicas internacionais para consolidar o poder norte-americano (CARVALHO, 2002).

A partir de 1850 até 1914, os conflitos tinham motivação império-colonial e com a expansão da capacidade industrial, originou-se a necessidade de novos centros consumidores e matérias-primas. O ambiente internacional naquele período era marcado pela dinâmica das disputas por insumos para o crescimento, em vista que os Estados tinham a necessidade de crescer, alimentar-se de espaço com o intuito de fomentar o desenvolvimento, criando um cenário favorável a discussões acerca de temas geopolíticos (CARVALHO, 2002).

O estudo da geopolítica expandiu-se rapidamente pelos anos seguintes, devido ao cenário em que o mundo se encontrava na primeira metade do século XX. As disputas por territórios eram acirradas e isso proporcionava um clima de pré-guerra entre as grandes potências do período, considerando que a ordem mundial era multipolar desde o século XIX, permanecendo assim até à Segunda Guerra Mundial. O declínio da Inglaterra, que foi grande potência mundial na ordem monopolar desde o século XVIII até quase todo século XIX, mantendo colônias e poder territorial em todos os continentes, conforme ilustra a Figura 1, fez aumentar os embates entre os países mais fortes política e economicamente pela hegemonia mundial (VESENTINI, 2003).

Figura 1 - Império Britânico em 1919



Fonte: Antunes (2014).

A Primeira Guerra Mundial envolveu os principais impérios do mundo, que se consolidaram desde meados do século XIX, com suas estratégias econômicas e políticas voltadas à expansão e hegemonia dentro e fora do continente, ou seja, essas grandes potências adotaram estratégias globais (COSTA, 2013).

Os EUA voltaram-se para o alargamento de sua extensão territorial após sua independência do Império Britânico em 1776. Até esse período, seu território era restrito apenas a área das treze colônias. Em sua progressiva expansão, adquiriu da França o território de Louisiana, da Espanha o território da Florida, da Inglaterra o território do Oregon, do México o território do Texas, da Rússia o Alasca. Simultaneamente a expansão territorial, houve rápido progresso na agricultura, pecuária e indústria em consequência ao grande contingente de imigrantes provenientes principalmente da Europa. Arelado ao processo de expansão dos EUA, à existência de matérias primas em grande quantidade e facilidade para investimentos em diversos setores da economia, contribuíram para o seu posicionamento no século XX (COSTA, 2013).

No início do século XX, a liderança mundial começou a deslocar-se para os Estados Unidos. Pela primeira vez uma potência que não era europeia assumia o poder. Este país já estava a algum tempo envolvendo-se na geopolítica mundial, até chegar a Primeira Guerra Mundial, na qual tomou direcionamento determinante, levando a sua ascensão como potência de primeira ordem e substituindo a Inglaterra como articulador do mundo ocidental (FONT; RUFÍ, 2006).

Importantes fatos políticos e econômicos à ocorrência da Segunda Guerra Mundial, mas tem-se como principal motivador a ascensão do nazismo na Alemanha. Devido às consequências da Primeira Guerra Mundial, como a perda de território e a derrota alemã na guerra, o nazismo surgiu em 1933 propondo restabelecer o poderio alemão na Europa, recuperar os territórios perdidos na Primeira Guerra Mundial e anexar as áreas habitadas por populações de origem e língua alemãs (OLIC, 1993).

Com sua derrota na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha perdeu toda as possessões coloniais que havia conquistado após 1880. Os territórios perdidos, foram apropriados pelo Japão, Grã-Bretanha, Áustria e Nova Zelândia. Já em 1945, ao final da Segunda Guerra Mundial, foi o Japão que viu seu território desaparecer em função de sua derrota para os EUA e aliados (OLIC, 1999).

Na década de 50, após os conflitos da Segunda Guerra Mundial, o mundo presenciaria o início de duas histórias que marcariam o século XX. Uma delas em 1951, com o intuito de fomentar a paz, cria-se a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) - que posteriormente se tornaria na União Europeia (UE). E em segundo lugar, o crescimento de um conflito conhecido como Guerra Fria (PANCERI, 2009).

Olic (1993) relata que, com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945:

Começava a se delinear uma nova ordem mundial na qual as tradicionais potências europeias (França, Grã-Bretanha e Alemanha) já não estavam mais no centro das decisões da política internacional. O mundo agora passava a gravitar em torno de dois países que, embora tivessem combatido lado a lado em face da ameaça representada pelo nazismo, no pós-guerra passaram a disputar a hegemonia planetária: os EUA e a URSS. Ambos começaram então a desempenhar o papel de superpotências, representando cada uma delas um modelo próprio em sociedade (OLIC, 1993, p.28).

Segundo Brzezinski, (1989, *apud* MELLO 1999), a natureza da confrontação americana-soviética era histórica e estaria diretamente ligada às considerações de ordem geopolítica e estratégica. Nesta competição, os EUA assumem o papel de herdeiros históricos das potências navais do período das grandes navegações, enquanto a União Soviética seria a sucessora das potências terrestres, gerando assim uma rivalidade bipolar, fundada na hegemonia das duas maiores potências bélicas do planeta.

Com a derrota do nazismo, chega ao fim não apenas a *Geopolitik* – desenvolvida a partir de Ratzel, sendo considerada a geopolítica alemã com relações com o nazismo - mas também a geopolítica e a geografia política acadêmica (FONT; RUFÍ, 2006). Ao final da Segunda Guerra Mundial, com o alcance parcial das noções de geopolítica e a percepção limitada, a geopolítica entra em crise de seus pressupostos fundamentais. De acordo com Carvalho (2006, p.30), “Até meados da década de 70, ela viveu numa espécie de ostracismo, pois os vencedores a identificavam com os vencidos (fascismo italiano, política expansionista do Japão e o nazismo alemão)”.

Segundo Carvalho (2006), os anos 70 e 80 impulsionaram o retorno de estudos geopolíticos sendo que,

Era um período em que a guerra nuclear apresentava-se como o horizonte nebuloso das relações internacionais. A corrida armamentista representava cifras astronômicas neste período, os gastos mundiais com armamentos alcançavam por volta de oitocentos bilhões até um trilhão de dólares por

ano. Neste sentido, a guerra, a busca por armamentos novos, os armamentos nucleares representavam uma realidade muito próxima da maioria dos países. Também, que decorridos mais trinta anos do final da Segunda Guerra, já não havia ressentimentos muito intensos que pudessem desconsiderar as ideias pregadas pela *geopolitik* alemã no curso da Guerra. Ainda num período histórico recente, as profundas alterações decorrentes do “fim do mundo socialista” entre os anos de 1989 e 1991, acrescentavam novas perguntas, a respeito de quem iria conduzir os destinos do século XXI (CARVALHO, 2006, p.31).

O jogo geopolítico mundial altera-se com o colapso do bloco soviético, não apenas referindo-se a sua distribuição, mas também à sua natureza. O poder militar e atômico, cedeu lugar a uma dimensão econômica, na qual novos atores surgem nesse contexto para reclamar sua parcela de poder (CARVALHO, 2002).

Indo ao encontro desse pensamento, Vizentini (2004, p.18) acrescenta que “os anos 1990 e o início do século XXI significam também o princípio de uma época de crise e transição rumo a um período histórico, com o declínio do ciclo de expansão ocidental iniciado há cinco séculos.” Outra característica que pode ser ressaltada nesta nova ordem econômica mundial pós Guerra-Fria, é o número de processos de integração que vem ocorrendo entre as nações, no entanto, sem sugerir algum tipo de governança global. Para os países subdesenvolvidos, os acordos políticos e a integração econômica tornou-se o caminho mais viável para a busca da projeção internacional, através da união de forças e estratégias comuns para se posicionarem diante dos mercados internacionais abertos, após a queda das barreiras do mundo socialista, representados pela queda do Muro de Berlin, em 1989 e a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991, iniciando a era dos mercados globais, a chamada globalização. Como exemplo, pode-se citar o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e a cooperação Sul-Sul (SARAIVA, 2007).

2.2.1 Globalização

Interpretada como o processo de diminuição das fronteiras internacionais, originando interações e interdependências, a globalização representa uma redefinição dos papéis, das potencialidades, das possibilidades, das vulnerabilidades e dos riscos no mundo que modificou a própria natureza das relações internacionais (TOMÉ, 2003).

Segundo Indovina (1990), a globalização não é algo recente, sendo que

consiste em mais uma etapa do processo de expansão do capitalismo (*apud* FONT; RUFÍ, 2006). Um argumento que poderia explicar esta perspectiva é a globalização das finanças, que embora remeta ao início dos anos 2000, é um fenômeno um pouco mais antigo. Como exemplo citado por Font e Rufí (2006, p.7):

Se Sassen calcula que 65% do capitalismo mundial está nas mãos de 7 países (Sassen, 1996), Lênin, em 1916, falava de 80% exclusivamente nas mãos de 4 países (Lênin, 1974). Ou, inclusive poderíamos remontar a concentração do mercado financeiro ao papel dos banqueiros genoveses e flamengos na colonização espanhola da América.

O intercâmbio realizado entre as nações, oportunizou a expansão e o crescimento dessas sociedades, abrindo o mundo para as inovações e o progresso. Desde a década de 1800, pode ser identificado quatro fases distintas da globalização, conforme apresentado a seguir no Quadro 1 (CAVUSGIL; KNIGHT; RIESENBERGER, 2010).

Quadro 1 - Fases da globalização desde o início da década de 1800

Fase da Globalização	Período aproximado	Fatores desencadeadores	Principais características
Primeira fase	1830 até o final da década de 1800, com pico em 1880	Introdução das ferrovias e o transporte marítimo	Aumento da manufatura: comércio através das fronteiras de <i>commodities</i> , em grande parte por <i>trading companies</i>
Segunda fase	1900 a 1930	Aumento da produção de eletricidade e aço	Surgimento e domínio das primeiras empresas multinacionais (principalmente europeias e norte-americanas) nos setores industrial, extrativista e agrícola
Terceira fase	1948 à década de 1970	Formação do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT, do inglês <i>General Agreement on Tariff and Trade</i>); fim da Segunda Guerra Mundial; Plano Marshall para reconstrução da Europa	Esforço concentrado da parte dos países industrializados ocidentais para redução gradual de barreiras ao comércio; crescimento das multinacionais japonesas; comércio entre países de bens de marca; fluxo entre países de moeda, em paralelo ao desenvolvimento de mercados globais de capital
Quarta fase	Década de 1980 até o presente	Expressivos avanços nas tecnologias de informações, comunicações e manufatura; privatização de empresas estatais em países em transição; notável crescimento econômico nos mercados emergentes	Taxa de crescimento sem precedentes no comércio entre fronteiras de bens, serviços e capital; participação nos negócios internacionais de empresas de pequeno e grande porte, originárias de vários países; foco nos mercados emergentes para atividades de exportação, IDE* e suprimento

Fonte: Adaptado de Cavusgil, Knight e Riesenberger (2010, p.24).

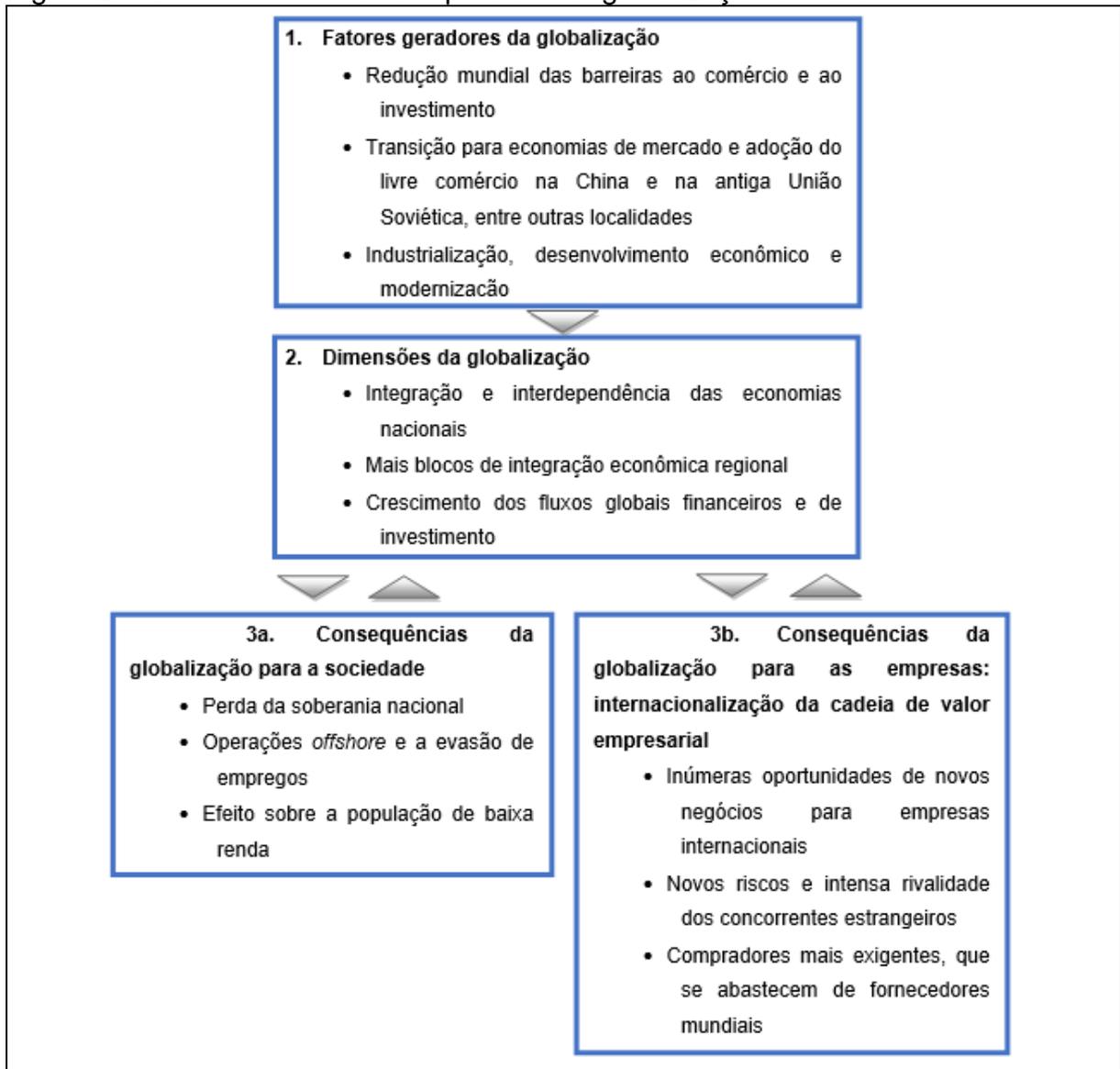
Nota: *Investimento Direto Estrangeiro.

Conforme apresentado no Quadro 1 a *primeira fase* teve início em 1830, com a expansão das ferrovias, crescimento do comércio e eficiência do transporte marítimo e como consequência os negócios internacionais difundiram-se nesse período. A *segunda fase* teve início por volta de 1900, com o aumento da produção de eletricidade e aço. Nos anos seguintes à Primeira Guerra Mundial, muitas empresas já operavam em escala global. A *terceira fase* da globalização se iniciou após a Segunda Guerra Mundial, com a demanda crescente por bens de consumo e, em especial, para a reconstrução da Europa e do Japão. Devido às altas tarifas e barreiras comerciais, em 1947 criou-se o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), que serviu como um fórum global de negociação para a liberalização de barreiras comerciais nos mercados internacionais. E a *quarta e atual fase* se iniciou nos primeiros anos da década de 1980, com um grande crescimento no comércio e investimento entre os países, a liberalização do mercado europeu, a prosperidade dos mercados emergentes e os avanços tecnológicos em informação, comunicação e transporte (CAVUSGIL; KNIGHT; RIESENBERGER, 2010).

Nos dias atuais, o processo de globalização não se restringe apenas em um campo, mas sim envolve grande interdependência entre as economias domésticas, comércio, mercado financeiro, produção, distribuição e marketing de consumo. Este processo é impulsionado pela tecnologia, que facilita e agiliza a comunicação mundial seja ela para a troca de informações ou relativa à sistemática de trabalho, facilitou a abertura das economias domésticas, as privatizações das estatais, a desregulamentação dos mercados, a expansão do comércio global e as políticas de crescimento voltadas às exportações (HENDERSON, 2003).

A globalização da economia e dos mercados é um tema polêmico; ao longo dos anos tem gerado publicações, debates e discussões abordadas por defensores e detratores da temática. De um lado tem aqueles que defendem que a globalização levará ao melhor dos mundos possíveis. Por outro lado, existem aqueles que contrapõe esse pensamento, afirmando que a globalização é uma forma de homogeneizar as diferenças, não dando espaço ao desenvolvimento e a preservação da identidade local (FONT; RUFÍ, 2006). A Figura 2 apresenta de forma esquemática, os fatores e as consequências da globalização das economias.

Figura 2 – Os fatores e as consequências da globalização dos mercados.



Fonte: Adaptado de Cavusgil, Knight e Riesenberger (2010, p.27).

Tomé (2003) defende que a globalização gera redução dos custos, desenvolvimento tecnológico, expansão nas comunicações e nos transportes causando como consequência uma noção de espaço e tempo diferente do tradicional. Ainda, segundo o mesmo autor, a globalização também auxilia na luta global contra o narcotráfico, a criminalidade, os problemas ambientais, o terrorismo, a promoção universal dos direitos humanos. Somado a isso, mesmo que a globalização possa gerar “efeitos desiguais em sociedades diferentes e em populações em níveis diferenciados de desenvolvimento”, a globalização também contribuiu para que muitos povos deixassem a linha da pobreza (TOMÉ, 2003, p.19).

Para Robertson (1992), a globalização faz com que as decisões tomadas

em um determinado lugar do planeta, possam causar consequências imediatas a outro. As mudanças ocorridas na moda, nos costumes na forma de vida da Europa, por exemplo, podem influenciar diretamente a criação ou destruição de empregos no sudeste asiático, levadas pela velocidade das informações e da mobilidade do capital e dos mercados consumidores.

A partir dos anos 80, acentuou-se a liberalização comercial e financeira, sendo essas consideradas as características de fundamento da globalização. Nesse contexto, os países periféricos, como os latino-americanos ficaram sem muita escolha a não ser inserir-se nesse sistema. Essa intervenção nos assuntos internos dos países da América Latina, tem significado a perda da soberania na gestão das políticas econômicas e do desenvolvimento desses países, tendo como resultado a presença do capital estrangeiro nos diversos setores dessas economias. Como as decisões de investimentos são tomadas externamente, isso dificulta uma ação eficaz das políticas econômicas internas, fundamentadas no interesses nacionais desses países latino-americanos (CARVALHO, 2002).

Sposati (2002) contribui com a ideia de que a globalização, em si mesma, não pode ser dita como positiva ou negativa. A globalização de valores éticos referentes aos direitos humanos, aos direitos das crianças ou contra a violência, é realmente positiva. No entanto, quando este processo resulta na desregulamentação das forças de trabalho, no aumento do desemprego e na diminuição dos salários, ela torna-se negativa pois amplia as diferenças entre os povos.

Em suma, os que defendem a globalização, em especial os EUA, a consideram como um processo irreversível, como forma de influenciar os outros países para a ampliação do capital transnacional, no entanto mantêm restrições quando se trata da entrada desses capitais em suas economias, conforme afirma Carvalho (2002, p.248):

Os Estados Unidos impõem no mundo políticas de liberalização e desregulamentação econômica para ampliar sua esfera de influência num contexto mundial, ao mesmo tempo em que fixam políticas de proteção e restrições à entrada de mercadorias em seu mercado principalmente naqueles setores em que suas empresas não tem competitividade suficiente para concorrer com os produtos importados.

Dessa forma, a globalização possui suas vantagens e desvantagens, restando a cada Estado gerenciar tais condições para evitar que o país sofra os

possíveis danos causados, permanecendo esquecido à frente de outras economias ou perdendo participação em mercados já adquiridos (NOSÉ JUNIOR, 2005).

2.3 A ECONOMIA INTERNACIONAL NOS SÉCULOS XX E XXI

2.3.1 Breve histórico

No início do século XX o sistema monetário internacional era baseado no padrão ouro. No entanto, naquele momento, as estruturas monetárias nacionais existentes não eram iguais. As únicas a adotarem um padrão puramente baseado no ouro foi a Inglaterra, a Alemanha, a França e os EUA. O dinheiro que circulava internamente era em forma de moedas de ouro “e ao montante adicional de papel-moeda e de outras moedas simultaneamente em circulação correspondia um volume equivalente adicional de ouro guardado nos cofres de seus bancos centrais ou tesouros nacionais” (EICHENGREEN, 2012, p. 45).

Entre 1880 e 1913, as nações industrializadas possuíam livre conversão da moeda doméstica em ouro, a um preço fixo. Isso resultou em taxas cambiais fixas, já que nessa época havia pouca variação, pois os preços fluíam para cima ou para baixo de acordo com a descoberta de ouro ou prata e o progresso técnico na produção de bens. Contudo, por volta de 1913 o padrão ouro entra em crise com seus sinais de instabilidade, como o aumento do desemprego. Com a Primeira Guerra Mundial, na necessidade de cobrirem suas despesas, os países europeus imprimiram muito dinheiro fazendo com que se rompesse o elo entre suas moedas e o ouro (SANCHEZ, 1999).

Em julho de 1944, pouco antes do término da Segunda Guerra mundial, foi realizada nos EUA a Conferência de Bretton Woods com o propósito de discutir novas políticas financeiras e monetárias em âmbito global (FOBE, 2014). O principal objetivo dos acordos de Bretton Woods era facilitar uma retomada do comércio internacional por meio da estabilidade monetária (MOFFITT, 1985). Os quatro pontos que definiram o sistema Bretton Woods estão apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 - Pilares do sistema Bretton Woods

Fundamentos	Descrição
Criação do fundo Monetário Internacional (FMI)	O FMI deveria fornecer o maquinário que fosse preciso para a cooperação multilateral, com o objetivo de facilitar o comércio internacional; e criação do Banco Mundial, que deveria oferecer empréstimos feitos por bancos privados. Quem pegasse emprestado teria, assim, de aceitar as condições estabelecidas por essas duas instituições.
Taxas de câmbio fixas porém ajustáveis	Os países concordaram em declarar paridades oficiais em relação ao dólar (que por sua vez tinha seu valor fixado em ouro), manter suas taxas cambiais dentro de 1% acima ou abaixo dessas paridades e alterar tais paridades apenas no caso de circunstâncias especiais, classificadas de “desequilíbrio fundamental”. No entanto, tal noção jamais foi definida.
Fonte de abastecimento	Os países que precisassem defender suas taxas cambiais poderiam retirar créditos do Fundo Monetário Internacional (FMI), inicialmente sem restrições e depois sob condições progressivamente mais severas. Esse mecanismo podia ser entendido como uma política de seguro. Cada país pagava prêmios em tempos normais, formando um <i>pool</i> de recursos com os quais seria possível contar durante uma crise. Assim, a liquidez era oferecida na forma de facilidades de empréstimos preestabelecidos.
Código de ação	Estabelecido para guiar os ajustes cambiais internacionais, o código consistia numa estrutura de regras que tinham por objetivo assegurar que os países removeriam o controle cambial existente e retornariam para um sistema de pagamentos multilaterais baseados na conversão da moeda. Esse código era obrigação dos integrantes do FMI.

Fonte: Adaptado pela acadêmica a partir de Sanchez (1999, p.35).

Ao final das discussões de Bretton Woods, resultou-se a criação do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), e a fixação do dólar como moeda internacional padrão para o câmbio (FOBE, 2014).

O Fundo Monetário Internacional (FMI), possuía como objetivo policiar as práticas monetárias dos países-membros e o comércio internacional. E em 1947, é assinado o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT) com o intuito de auxiliar o FMI em suas funções referentes ao comércio internacional (MOFFITT, 1985).

Já o BIRD, tinha por objetivo financiar a reconstrução dos países devastados pela Segunda Guerra Mundial. A capitalização do BIRD foi realizada por meio das vendas de títulos ao mercado garantidos pelos países membros. No entanto, com o passar do tempo seu foco ficou voltado em ajudar os países em desenvolvimento (BRASIL, 2016a).

Quadro 3 – Comparação entre o Banco Mundial e o FMI

(continua)

Itens	FMI	Banco Mundial
Caráter	Instituição monetária	Instituição de desenvolvimento

Quadro 4 – Comparação entre o Banco Mundial e o FMI

(conclusão)

Itens	FMI	Banco Mundial
Funções	<ul style="list-style-type: none"> Estabilização do sistema monetário; Financiamento temporário dos déficits do balanço de pagamentos 	<ul style="list-style-type: none"> Promoção do desenvolvimento econômico; Financiamento do desenvolvimento econômico
Empréstimos	Curto prazo	Longo prazo
Fontes de financiamento	Reservas oficiais e moedas dos próprios países membros	Empréstimos nos mercados de capitais internacionais
Crédito	Para todos os membros	Para países em desenvolvimento
Pagamento	De 3 a 5 anos (em alguns casos, 10 anos)	De 15 a 20 anos

Fonte: adaptado de Sanchez (1999, p. 57).

Os EUA possuíam participação majoritária no FMI, tanto em termos econômicos como políticos, possuindo mais cotas que os demais países-membros da instituição. Com isso, os EUA eram os principais contribuintes no sistema de governança do fundo comum (FOBE, 2014).

Em 1947, com o início da Guerra Fria, os EUA colocaram como prioridade da sua política externa, a reconstrução e o desenvolvimento acelerado dos países capitalistas. Essa foi a saída encontrada perante a ameaça de avanço do socialismo, fazendo com que os EUA operassem o sistema monetário e financeiro internacional de maneira “benévola”, a fim de recuperar, desenvolver e estimular as economias capitalistas (SERRANO, 2004).

Em 1971, houve a suspensão da conversão de dólar em ouro, ocasionando com isso oscilação da moeda americana conforme o mercado e levando ao fim do sistema *Bretton Woods*. No Quadro 5, pode ser visualizado as causas que levarem ao colapso do sistema *Bretton Woods* (SANCHEZ, 1999).

Quadro 5 - Causas que levaram ao colapso do sistema *Bretton Woods*

(continua)

Causas	Descrição
O dilema de Triffin	Segundo o economista Robert Triffin, haveria uma contradição na estrutura do sistema de Bretton Woods. Os EUA, responsáveis pela conversão do dólar em ouro, estariam gastando mais do que recebendo e isso acarretou uma crise de confiança na capacidade americana de converter a moeda.
Falhas no mecanismo de ajuste de pagamento	Os governos não poderiam alterar suas taxas cambiais porque não sabiam dizer quanto estava caracterizado um “desequilíbrio fundamental”.

Quadro 6 - Causas que levaram ao colapso do sistema *Bretton Woods*

(conclusão)

Causas	Descrição
Falta de controle	De acordo com o sistema de <i>Bretton Woods</i> , para manter o equilíbrio do balanço de pagamentos, os governos deveriam controlá-los, mas o próprio sistema causou o oposto.
Descompasso monetário	Monetariamente, os países possuíam diferentes níveis de inflação e por isso as taxas cambiais não poderiam ter sido fixadas.
Inflação	Com a guerra do Vietnã, os EUA imprimiram mais dólares, o que acabou resultando na exportação da inflação pois as taxas cambiais estavam vinculadas ao dólar
Fatores internos dos EUA	As taxas de juros estavam sendo um empecilho na estimulação da economia

Fonte: Adaptado de Sanchez (1999).

Nas três décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial, a economia internacional inicia uma fase de expansão, com o aumento do comércio e dos investimentos diretos sendo superiores ao ritmo de crescimento do produto global. No final desse período, houve um recuo das taxas de crescimento dos EUA para posições mais modestas, considerando que havia emergido como grande potência mundial no pós-guerra, enquanto os países europeus e o Japão recuperam folego e retornaram aos patamares de produção que obtinham antes da guerra e passam a ter uma participação mais ativa no intercâmbio global (ALMEIDA, 2001).

Com a reorganização da economia mundial, a demanda por capital crescia e, a priori, “só poderia ser obtido através da transferência e concentração de recursos em determinados polos. Neste sentido, [...] o Terceiro Mundo passou cada vez mais a capitalizar o novo salto econômico do Norte” (VIZETINI, 2004, p.23).

No início dos anos de 1980, por consequência do aumento das taxas de juros nos EUA, deu-se início à crise da dívida externa. Com o aumento dos pagamentos internacionais em moeda forte, os esforços dos países latino-americanos era voltado para as exportações, pois haviam entrado em recessão e necessitavam pagar os banco credores (VIZENTINI, 2004).

A partir do início da década de oitenta, a chamada crise das dívidas que se caracterizava pela incapacidade dos países devedores de quitarem suas dívidas externas em função da crise econômica mundial – originada na crise do petróleo no início da década de setenta -, acentuaram-se as intervenções do FMI e do Banco Mundial nas políticas internas dos países latino-americanos. Esse descompasso econômico afetou a capacidade dos países endividados de financiarem seu

crescimento econômico, do qual obtinham recursos para pagar a dívida externa (CARVALHO, 2002).

Essa crise ocorrida nos anos de 1980, obrigou as economias periféricas “a se submeterem às políticas de ajuste de corte neoliberal imposta pelos credores, organismos internacionais e governos centrais, em troca de renegociação de suas dívidas e do retorno ao sistema financeiro internacional” (FIORI, 2007, p.52). Em âmbito generalizado, esses países aparecem no final dos anos de 1990 com suas políticas econômicas e forma de inserção homogêneas e subordinada às finanças privadas internacionais (FIORI, 2007).

Neste contexto, o processo de integração econômica não é o mesmo em todas as regiões do planeta. Há uma ampliação nas interdependências econômicas, os avanços tecnológicos induzem o fluxo de informações ocorrerem de maneira muito mais rápida, obrigando que os agentes econômicos tenham atitudes mais agressivas na tentativa de garantir seu espaço no mercado mundial (CARVALHO, 2002).

2.3.2 As cadeias globais de valor

A cadeia global de valor (CGV) centra-se em especial “sobre a organização espacial do capital sob a produção de um bem ou serviço, num contexto de competição interdependente”, ou seja, é a movimentação de um bem entre diversas fronteiras durante seu processo de produção (SANDOVAL, 2015, p. 167). Por exemplo, uma matéria prima extraída de um país é exportada para um segundo país para ser processada, e em seguida, transferida para uma unidade fabril em um terceiro país que fará sua exportação para um quarto país para consumo final do produto (UNCTAD, 2013).

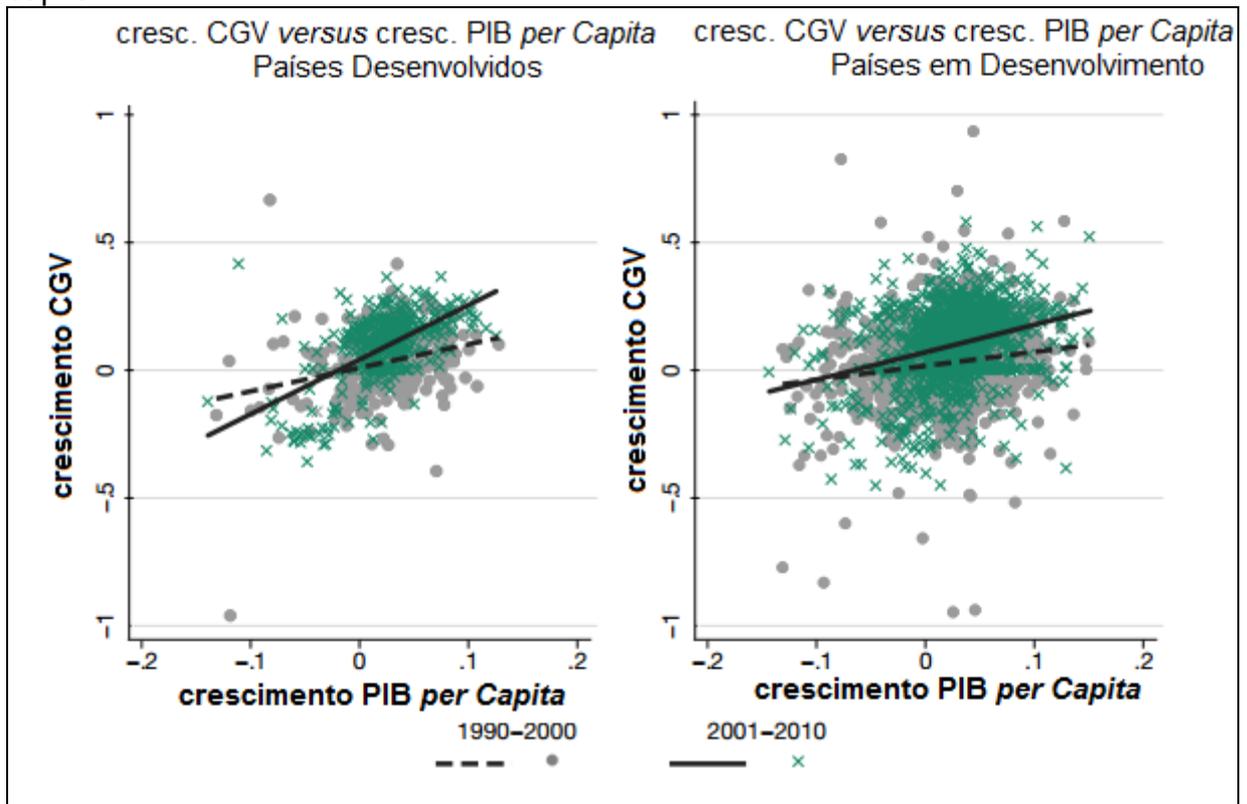
Com as cadeias globais de valor, aumenta-se a demanda para a liberalização do comércio de indústrias e em contrapartida reduz a demanda por proteção comercial. Isso ocasiona uma diminuição dos pedidos de anti-dumping, em vista do relacionamento comercial mais próximo. A maior integração vertical proporciona maior dependência de produtos intermediários. Por serem sensíveis aos custos derivados das distâncias, as cadeias globais de valor tendem a estarem mais interligadas no comércio intrarregional (CEPAL, 2016; WTO, 2015).

Um dos benefícios da cadeia global de valor aos países em desenvolvimento, é o acesso ao conhecimento internacional, permitindo-lhes conhecer novas tecnologias e melhorar as já existentes em seu território de uma forma mais rápida. Além disso, as cadeias globais de valor possibilitam geração de emprego, crescimento de produtividade, além de afetar a configuração social dos países. Contudo, nem todos os efeitos causado pela CGV são positivos. As atividades de maior valor agregado tendem a ser controladas pelas empresas líderes nas CGV (multinacionais), enquanto outras empresas possam ganhar menos, tenham menos oportunidades de crescimento e são mais vulneráveis aos ciclos econômicos (CHEN, 2013; UNCTAD, 2013).

Para o país acolhedor da CGV, o impacto no seu desenvolvimento e crescimento econômico depende principalmente de dois fatores: o primeiro é a natureza da CGV em si, sendo importante que esse tipo de cadeia apresente potencial de aprendizagem e que a capacidade possa ser aplicada à produção de outros bens ou serviços; e como segundo fator o ambiente empresarial na economia de acolhimento, é a disposição da empresa em investir no desenvolvimento de novas competências, melhoria de suas capacidades e busca de novas oportunidades de mercado (UNCTAD, 2013).

Estudos realizados ao longo dos anos demonstram que, com o crescimento da participação na CGV, as taxas de crescimento do país também aumentam. Conforme Relatório de Investimento Mundial da Conferência Das Nações Unidas Sobre Comércio e Desenvolvimento – UNCTAD – de 2013, há uma relação positiva entre a participação em CGV e o crescimento do PIB *per Capita*, tanto para países desenvolvidos como em desenvolvimento, conforme pode ser visualizado na Figura 3 (UNCTAD, 2013).

Figura 3 - Correlação entre o crescimento da participação da CGV e do PIB per capita



Fonte: Adaptado de UNCTAD (2013, p. 150).

De acordo com a Figura 3, o crescimento da CGV e do PIB *per Capita* estão proporcionalmente relacionados, em vista que a participação na CGV possibilita geração de valor agregado na economia doméstica e geração de empregos (UNCTAD, 2013).

2.3.3 O Comércio Exterior

O comércio exterior pode ser caracterizado pela troca de bens e serviços, entre diferentes nações, por meio das fronteiras internacionais, possuindo como finalidade a venda de suas mercadorias excedentes e a compra do que é escasso em seu território (KEEDI, 2004).

Há dois motivos básicos que levam os países a participarem do comércio exterior. Primeiro, os países são diferentes uns dos outros e essa diferença pode trazer-lhes benefícios, conduzindo-os a arranjos em que cada um produza aquilo que sabe fazer de melhor em relação a outros. Segundo, isso proporciona economia de escala de produção, sendo que haverá maior mercado consumidor para absorver

a produção. Isto é, cada país pode dedicar-se à produção de bens limitados em escala maior, gerando conseqüentemente um aumento da eficiência na produção (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005).

Durante o século XX, o volume comercializado internacionalmente cresceu mais rápido que a produção total dos países, ou seja, houve um aumento considerável nas trocas comerciais internacionais enquanto a produção obteve um leve aumento. No entanto, nos últimos 50 anos, o comércio internacional cresceu de forma desigual, sendo maior em alguns anos em comparação a outros. Além destas mudanças, o comércio internacional também enfrentou alterações na importância de determinadas matérias-primas. A lã e o algodão por exemplo, tornaram-se menos importantes; já o petróleo e a bauxita, tornaram-se muito mais relevantes. Além das matérias-primas, também houveram modificações nos manufaturados, no qual uns deram lugar a outros como foi o caso dos tecidos para o aço, químicos, carros entre outros (SANCHEZ, 1999).

Existem três principais teorias sobre o comércio internacional e cada uma possui percepção distinta referente ao papel do Estado, no que diz respeito a comercialização internacional de produtos (SANCHEZ, 1999).

O mercantilismo adota uma perspectiva a longo prazo, com foco nos fatores reais que influenciam o fluxo de comércio, tais como estoque e qualidade de recursos e técnicas de produção. Esta teoria busca responder algumas questões como: (i) Se há e quais seriam os ganhos com o comércio internacional? (ii) qual o padrão dos fluxos de comércio? (iii) qual o volume de bens comercializados internacionalmente? Em suma, esta teoria busca identificar o que determina o comércio internacional (BAUMANN, 2004).

Para os liberais o principal objetivo de uma sociedade é a criação da riqueza por meio da combinação eficiente dos fatores de produção. As empresas e os Estados necessitam da riqueza para poderem ter poder e sobreviver. Sendo assim, um dos valores fundamentais é a eficiência (SANCHEZ, 1999).

Já os estruturalistas se preocupam mais com a justiça, ou melhor, a injustiça do sistema. Possuem como prioridade a correção de uma tendência injusta no sistema (BAUMANN, 2004).

Em suma, o comércio exterior tornou-se fundamental nos dias atuais, devido à dificuldade de permanecer no cenário globalizado sem realizar trocas

mercantis com outros mercados, sendo que as relações econômicas facilitaram a comercialização entre os Estados (DIAS; RODRIGUES, 2007).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método científico caracteriza-se pela escolha de técnicas organizadas para exposição e esclarecimento de uma determinada situação pesquisada, devendo sua seleção estar apoiada em dois critérios fundamentais: a essência do objetivo ao qual o mesmo se aplica e o objetivo pretendido para o estudo (FACHIN, 2001).

Nela, o pesquisador selecionará as principais estratégias, métodos e procedimentos para a efetivação e execução do projeto de pesquisa, visando a construção do conhecimento (BARROS; LEHFELD, 2000).

No entanto, cabe ao pesquisador analisar e refletir sobre os dados obtidos para formação de conclusão lógica, em vista que o procedimento metodológico mostra apenas a forma científica de conduzir a pesquisa (CERVO, BERVIAN, 1996).

Desta forma, será apresentado a seguir, os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Conforme Gil (1994, p. 42), a pesquisa define-se como, “[...] o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científico”.

A pesquisa científica pode ser considerada como um fruto da curiosidade e questionamento para entendimento de novos fatos. Em suma, pode se dizer que por meio de métodos adequados, a pesquisa permeia em busca de respostas (MICHEL, 2009).

Com relação aos fins, este trabalho utilizará dois tipos de pesquisa, a pesquisa descritiva e a explicativa, as quais serão melhor explicadas a seguir.

- a) **Pesquisa descritiva:** ela tem por objetivo observar, analisar, registrar, e relacionar fatos ou fenômenos ocorridos sem a intenção de modifica-los. Buscar conhecer os panoramas sociais, político e pessoal no ambiente a ser estudado

(CERVO; BERVIAN 2002). Este tipo de pesquisa adota procedimentos do tipo formal e possui objetivos que são claramente traçados e definidos para que se possa responder o problema formulado. A pesquisa descritiva também busca fazer estimativas relacionadas aos comportamentos que são manifestados por uma população ou amostra levada em consideração (MATTAR, 2001). Essa pesquisa é descritiva pois visa descrever os fatores que influenciaram o crescimento do BRICS no século XXI.

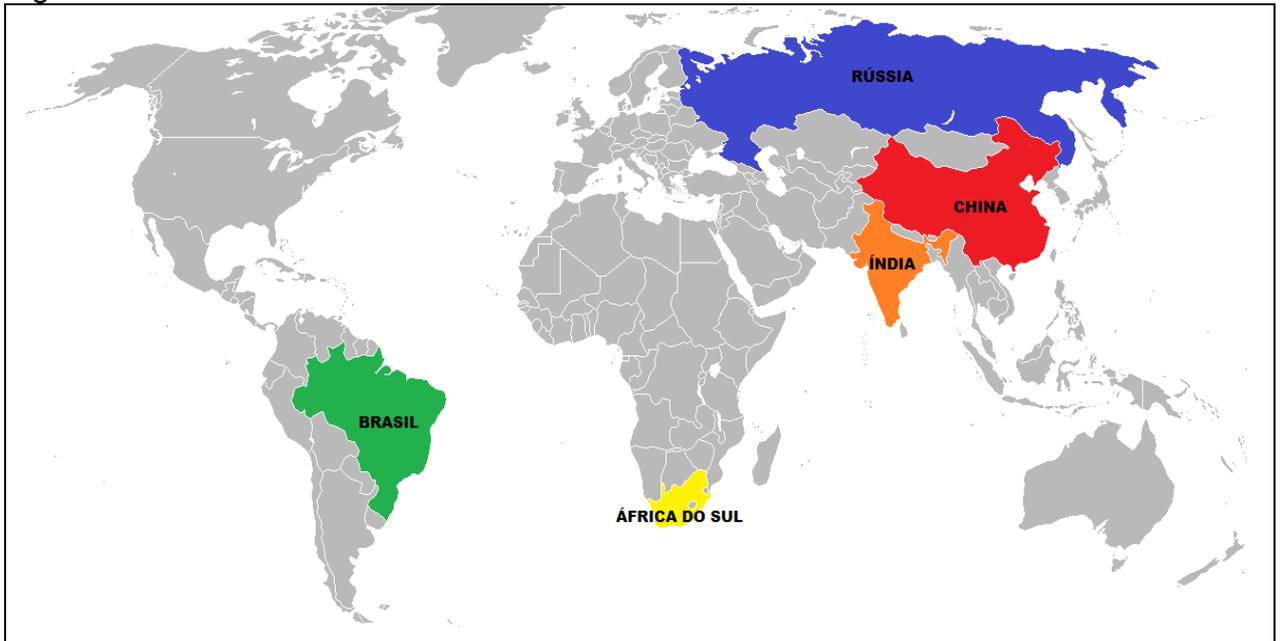
No que se refere aos meios de investigação, esta pesquisa terá caráter bibliográfico e documental.

- a) **Pesquisa bibliográfica:** é um estudo sistematizado, baseado na análise da literatura na forma de livros, revistas, teses e dissertações, jornais, periódicos científicos, em meio eletrônico, ou seja, material acessível ao público em geral (VERGARA, 2009 e PINHEIRO, 2010). Ela não é simplesmente a repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, a pesquisa bibliográfica proporciona a análise de um tema sob nova perspectiva ou abordagem de estudo, levantando-se a novas conclusões. (MARCONI; LAKATOS, 2008).
- b) **Pesquisa documental:** possui como objetivo, a coleta de elementos mais relevantes para o estudo a ser realizado, por meio de documentos e registros considerados cientificamente autênticos (MARTINS, 2004). Essa pesquisa é documental pois aborda relatórios, artigos e estudos publicados sobre os BRICS, além de pesquisas em base de dados como o Banco Mundial.

3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO-ALVO

O estudo está voltado nos fatores que levaram os BRICS a se destacarem no cenário internacional nos anos 2000 e por este motivo, o contexto aplicado ao estudo foi os países que formam este bloco, sendo eles: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Segundo dados do Banco Mundial de 2015, juntos, estes países representam 42,1% da população e cerca de 22,3% do PIB mundial.

Figura 4 - BRICS



Fonte: Adaptado de fonte livre (2016).

No Quadro 7, estão apresentadas os assuntos, tópicos e autores abordados no trabalho:

Quadro 7 - Fontes de títulos da pesquisa bibliográfica

Assunto	Tópicos abordados	Autores
Relações Internacionais	Realismo/ Liberalismo	NOGUEIRA, MESSARI (2005) ALBUQUERQUE (2005)
	Demais correntes de pensamento	CARVALHO, 2002
Geopolítica do século XX	Contextualização	CARVALHO (2002) FONT, RUFÍ (2006) OLIC (1993) VISENTINI (2003)
	Globalização	HENDERSON (2003) CARVALHO (2002) SPOSATI (2002)
Economia internacional	Breve histórico	FOBE (2014) SANCHEZ (1999)
	Cadeias Globais de Valor	CHEN (2013) UNCTAD (2013)
	O comércio exterior	BAUMANN (2004) SANCHEZ (1999)

Fonte: Elaboração própria (2016).

3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS

Em primeiro momento, para estruturação da coleta de dados deve-se fazer a delimitação do tema, realizar a fundamentação bibliográfica e definir claramente os objetivos e problemas relacionados, para que haja coerência na pesquisa (CERVO; BERVIAN, 1996).

Nesta pesquisa serão utilizados dados secundários pois serão extraídos de fontes bibliográficas e documentais. Conforme relata Andrade (2010, p. 29): “As fontes secundárias referem-se a determinadas fontes primárias, isto é, são constituídas pela literatura originada de determinadas fontes primárias e constituem-se em fontes das pesquisas bibliográficas”.

A seguir apresenta-se o plano de coleta de dados a ser utilizada na pesquisa:

Quadro 8 - Plano de coleta de dados

Objetivos Específicos	Documentos	Localização
Caracterizar os BRICS.	Artigos, documentos e base de dados oficiais	Sites oficiais: Banco Mundial, CIA, PNUD, Goldman Sachs
Identificar relações políticas e de poder que se constituíram por estes países a partir de 1990 e que serviram de base para o posicionamento dos BRICS nos anos 2000.	Artigos, documentos e base de dados oficiais	Site oficial: FMI
Descrever a participação dos países na economia internacional.	Artigos, documentos e base de dados oficiais	Sites oficiais: Banco Mundial, Brasil, CIA, UNCTAD
Descrever a participação dos países no comércio internacional e intra-grupo.	Artigos, documentos e base de dados oficiais	Sites oficiais: Banco Mundial, UNCTAD

Fonte: Elaboração própria (2016).

3.4 PLANO DE ANÁLISE DOS DADOS

A técnica de análise de dados a ser utilizada na pesquisa será a qualitativa. Ela consiste na análise das variáveis que podem ser qualitativas quando podendo considerados atributos e/ou qualidades (BARBETTA, 2010).

Conforme Sampieri, Collado e Lucio (2006, p. 5) “o enfoque qualitativo utiliza coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aperfeiçoar

questões de pesquisa e pode ou não provar hipóteses em seu processo de interpretação”.

A análise qualitativa possui como um dos principais aspectos a descrição, que de acordo com Martins e Theóphilo (2009, p. 141) podem ser “descrição de pessoas, de situações, de acontecimentos, de reações, inclusive transcrições de relatos. Um pequeno detalhe pode ser essencial para o entendimento da realidade”.

3.5 SINTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir, é apresentado a síntese dos procedimentos metodológicos:

Quadro 9 - Síntese dos procedimentos metodológicos

Objetivos Específicos	Tipo de Pesquisa Quanto aos fins	Meios de Investigação	Classificação dos dados da Pesquisa	Técnica de coleta de dados	Procedimentos de coleta de dados	Técnica de análise dos dados
Caracterizar os BRICS.	Descritiva	Bibliográfico	Secundário	Sites oficiais e artigos científicos	Levantamento de dados	Qualitativa
Identificar relações políticas e de poder que se constituíram por estes países a partir de 1990.	Descritiva	Bibliográfica e Documental	Secundário	Sites oficiais e artigos científicos	Levantamento de dados	Qualitativa
Descrever a participação dos países na economia internacional.	Descritiva	Documental	Secundário	Sites oficiais e artigos científicos	Levantamento de dados	Qualitativa
Descrever a participação dos países no comércio internacional e intra-grupo.	Descritiva	Documental	Secundário	Sites oficiais e artigos científicos	Levantamento de dados	Qualitativa

Fonte: Elaboração própria (2016).

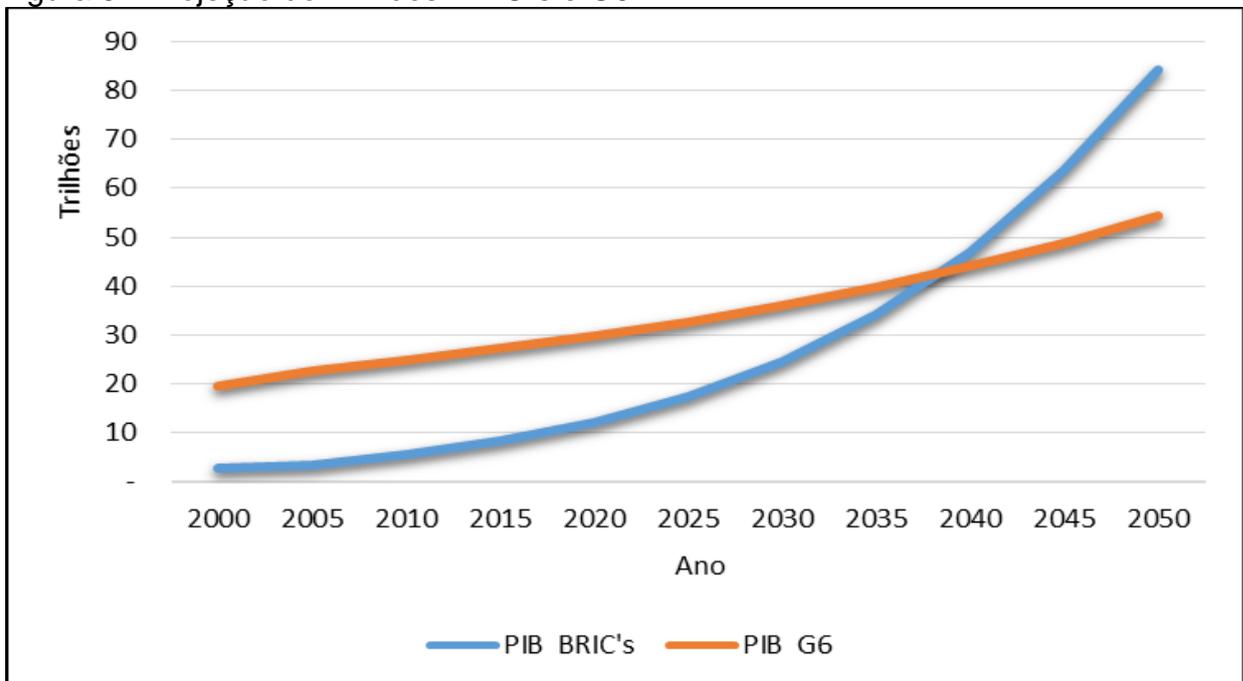
4 O POSICIONAMENTO DOS BRICS NO CENÁRIO INTERNACIONAL DOS ANOS 2000

4.1 CARACTERIZAR OS BRICS

BRIC é um acrônimo de Brasil, Rússia, Índia e China criado em 2001 pelo economista Jim O'Neill para designar as quatro maiores economias de mercados emergentes. Para O'Neill (2012, p.13) essas quatro economias são, "juntamente com algumas outras estrelas em ascensão, o motor de crescimento da economia mundial".

Em 2003, os economistas Dominic Wilson e Roopa Purushothaman corroboram com O'Neill com a publicação do documento "Dreaming with BRIC's: The path to 2050" no qual comparavam a economia dos BRIC's com a do G6 (EUA, Japão, Alemanha, França, Reino Unido e Itália) até 2050, conforme pode ser observado na Figura 5.

Figura 5 - Projeção do PIB dos BRIC's e G6



Fonte: Elaboração própria a partir de Wilson e Purushothaman (2003, p. 9).

De acordo com os estudos realizados por Wilson e Purushothaman (2003), o BRIC poderia transformar-se em uma força global em um futuro não muito distante. A economia dos países que formam o BRIC, juntas, poderiam ultrapassar a

economia do G6 por volta de 2039. Segundo eles, se tudo ocorrer conforme o estimado, a economia da Índia pode tornar-se maior que a do Japão em 2032, e a da China maior que a dos EUA por volta de 2041 – e possivelmente em 2016 maior que qualquer outro país exceto os EUA (WILSON; PURUSHOTHAMAN, 2003).

Em 2008 é realizada a primeira reunião formal de Chanceleres do BRIC, passando a constituir uma nova entidade político-diplomática e não apenas um acrônimo para identificar as quatro economias emergentes. Desde 2009 o BRICS (sendo a África do Sul integrada apenas em 2011) tem se encontrado anualmente para discutir assuntos de interesses mútuos, conforme apresentado a seguir no Quadro 10 (BRASIL, 2016c).

Quadro 10 - Reuniões de Cúpula dos BRICS

Cúpula	Cidade	Ano	Assuntos
I	Ecaterimburgo - Rússia	2009	i) Inaugurou a cooperação em nível de Chefes de Estado e de Governo do então BRIC. ii) Discussões acerca de temas econômicos, financeiros, reforma nas organizações internacionais; iii) Emissão do documento “Perspectivas para o diálogo entre Brasil, Rússia, Índia e China”.
II	Brasília - Brasil	2010	i) Encontro de Ministros da Agricultura do grupo; ii) Encontro de Presidentes de Bancos de Desenvolvimento; iii) Seminário de Think Tanks; iv) encontro de Cooperativas; v) Fórum Empresarial.
III	Sanya - China	2011	i) Ingresso da África do Sul ao grupo; ii) Lançamento de novas iniciativas em áreas como saúde e ciência e tecnologia; iii) Encontro de Ministros do Comércio; iv) Aprovado Plano de Ação, anexo à Declaração, com diretrizes voltadas ao aprofundamento da cooperação existente e à exploração de novas áreas.
IV	Nova Délhi – Índia	2012	i) Criado novo pilar de atuação dos BRICS, a cooperação financeira com terceiros países; ii) Organizado grupo de trabalho para estudar a viabilidade da criação do “Banco BRICS”; iii) Firmado dois acordos entre os Bancos de Desenvolvimento dos BRICS.
V	Durban – África do Sul	2013	i) início das negociações para constituição do Arranjo Contingente de Reservas – capital inicial de US\$100 bilhões; ii) Estabelecimento do Conselho Empresarial do BRICS e <i>Think Tanks</i> ; iii) Aprovado relatório de viabilidade e factibilidade do “Banco de Desenvolvimento dos BRICS”
VI	Fortaleza – Brasil	2014	i) Assinados os acordos constitutivos do Novo Banco de Desenvolvimento e do Arranjo Contingente de Reservas; ii) Realizado acordo entre os bancos nacionais de desenvolvimento dos BRICS para a cooperação em inovação.
VII	Ufá - Rússia	2015	i) Aprovada a "Estratégia para a Parceria Econômica"; roteiro para a intensificação, diversificação e aprofundamento das trocas comerciais e de investimento entre os cinco países; ii) Assinados acordos de cooperação cultural e de cooperação entre os Bancos de Desenvolvimento dos BRICS e o Novo Banco de Desenvolvimento.

Fonte: Elaboração própria a partir de Brasil (2016c).

Entre as sete cúpulas realizadas até então, podem ser destacadas a III e a VI Cúpula. Na III Cúpula houve o ingresso formal da África do Sul como membro permanente do grupo, surgindo vários questionamentos pois ela não apresentava parâmetros econômicos semelhantes ao BRIC, nem mesmo características básicas como a extensão territorial e população. No entanto, a África do Sul entra como representante do continente africano e servindo como porta de acesso ao continente, contribuindo com a imagem dos BRICS como representantes de uma nova ordem econômica mundial (RIBEIRO; MORAES, 2015).

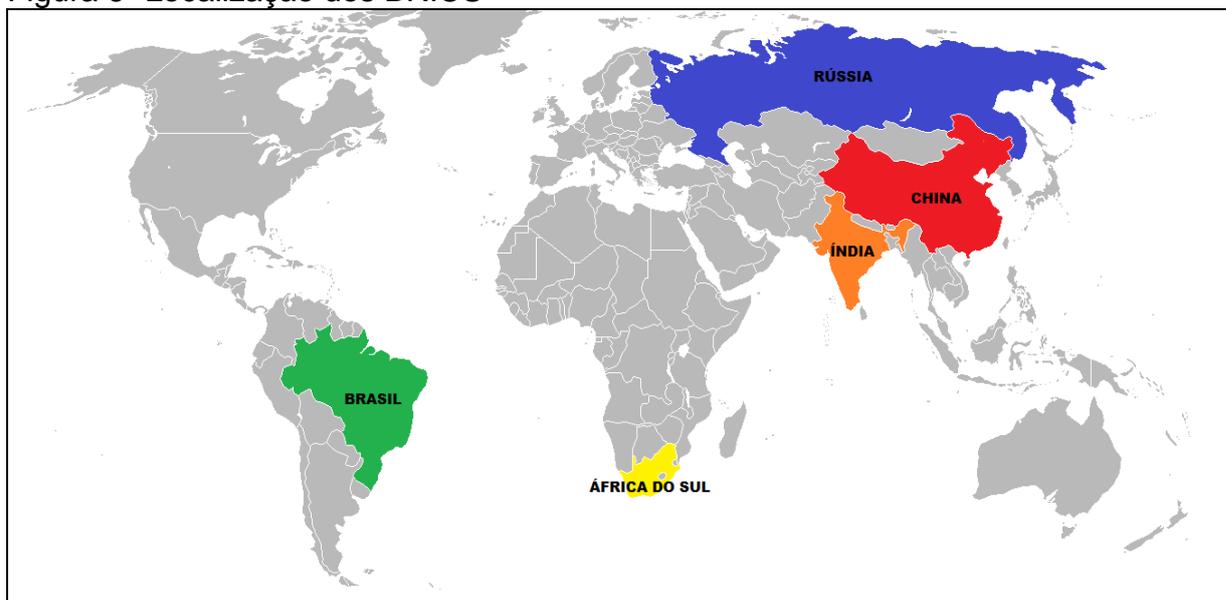
Na VII Cúpula, os BRICS assinam um acordo oficializando a criação do Novo Banco de Desenvolvimento. Ele seria liderado pelos cinco países e direcionado ao financiamento de projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável aos países emergentes e em desenvolvimento (BRASIL, 2016c).

Desde então, a agenda dos BRICS tem se ampliado, abrangendo mais tópicos a serem discutidos pelo grupo, tais como, a situação econômica e financeira internacional, o papel e as funções da ONU, FMI e Banco Mundial, objetivos de desenvolvimento do milênio, segurança alimentar e energética, dentre outras questões importantes como, o terrorismo internacional (TIAN, 2016).

4.1.2 Contextualização geopolítica

A distribuição dos BRICS no mundo, torna-os presentes em praticamente todos os continentes do planeta, fazendo com que os BRICS sejam um porta-voz regional para os demais países emergentes ou países em desenvolvimento. A Figura 6 mostra a localização de cada país que compõe os BRICS.

Figura 6- Localização dos BRICS



Fonte: Adaptado de fonte livre (2016).

Os BRICS não possuem ligações estreitas quanto sua geopolítica, cada país localiza-se em regiões distintas do planeta. Embora a Rússia e a Índia façam fronteira com a China, cada uma está localizada em partes distintas do continente. A China está na parte mais ao leste do continente, a Rússia fica ao norte da eurásia (entre o leste europeu e o oeste asiático), a África do Sul fica ao sul do Continente Africano e o Brasil, na parte leste da América Latina (TIAN, 2016).

A seguir abordam-se os aspectos geográficos dos cinco países que compõem o grupo.

Tabela 1 - Dados geográficos dos BRICS

PAÍSES	POPULAÇÃO 2015 (MILHÕES)	RANK ING	% RURA L	% URBAN A	EXTENSÃO TERRITÓRIA L (KM ²)	RANKIN G	IDH 2014	RANKIN G
BRASIL	207.847,528	6	14,3	85,7	8.515.767	5	0,755	75
RÚSSIA	144.096.812	10	26,0	74,0	17.098.240	1	0,798	50
ÍNDIA	1.311.220.000	2	67,3	32,7	3.287.260	7	0,609	130
CHINA	1.371.220.000	1	44,4	55,6	9.600.001	4	0,727	90
ÁFRICA DO SUL	54.956,920	26	35,2	64,9	1.219.090	25	0,666	116

Fonte: Elaborado a partir de Brasil (2016c), Banco Mundial (2016), CIA (2016) e PNUD (2016).

Conforme pode ser observado na Tabela 1, a população dos países que compõem os BRICS está entre as maiores do mundo e, quando somadas, elas chegam ao montante de 3,08 bilhões de habitantes, representando 42,1% da

população mundial. Esse dado representa o potencial do mercado consumidor nesses países, em vista que nos últimos anos está havendo crescimento da classe média em decorrência da diminuição de classes mais baixas. Todavia, em 2014 os BRICS representavam 44,6% da mão-de-obra mundial. Apenas a população da China e da Índia, se somadas, representam 36,5% da população mundial. Além disso, a extensão territorial desses países também está entre as maiores do mundo, com exceção da África do Sul que, assim como sua população, também é a que menos se destaca nos BRICS.

O Brasil e a Rússia, mesmo possuindo a base de sua economia no setor primário, apresentam elevada taxa de população que vive em área urbana. A Índia é o país dentre os BRICS que possui maior população vivendo em área rural que urbana; na China o percentual é equilibrado (55,6% urbana e 44,4% rural) e na África do Sul há predominância da população que vive em área urbana.

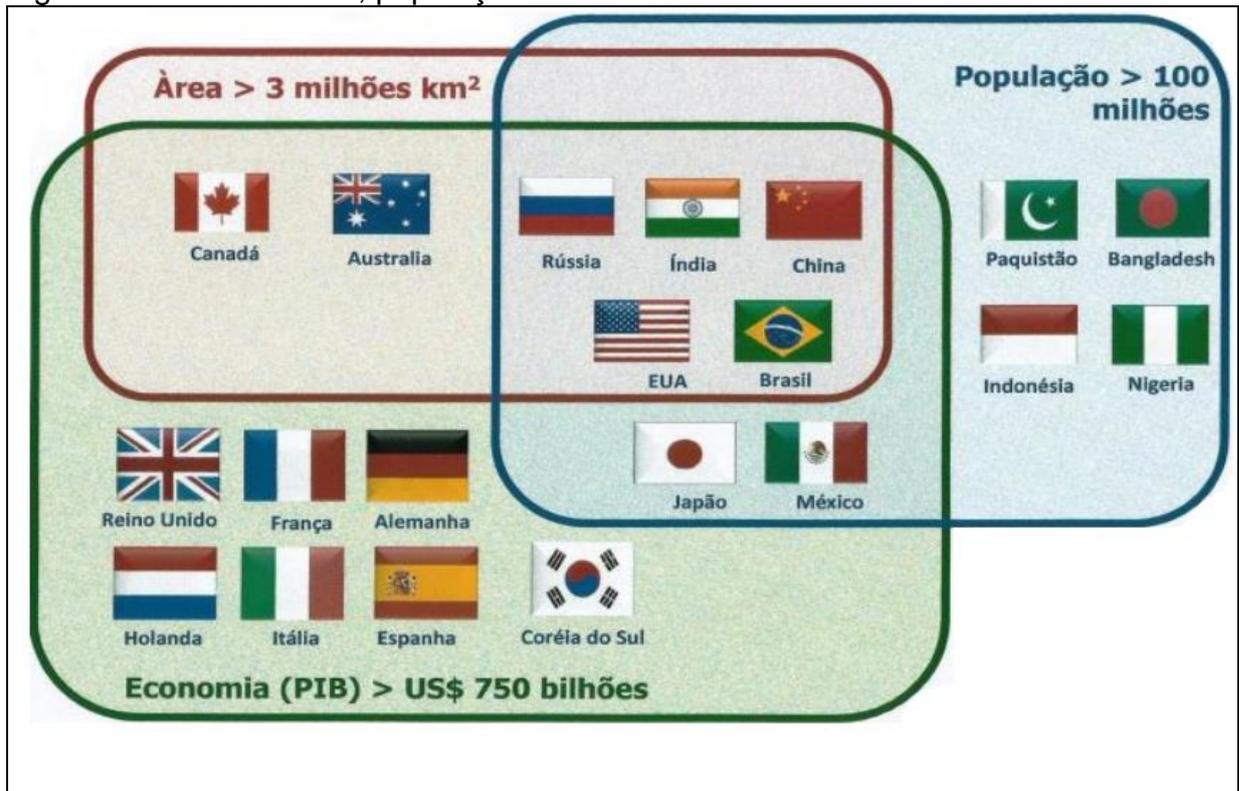
Além da população, os BRICS também estão entre os maiores territórios do mundo, estando quatro de seus países nas sete primeiras colocações. A Rússia além de apresentar o maior território dos BRICS, destaca-se por ser o maior território mundial. Contudo, a Rússia também destaca-se no BRICS por seu IDH, estando em 50º no ranking mundial com 0,798, seguida pelo Brasil, China, África do Sul e Índia respectivamente (ordem no grupo). Nesse indicador, pode ser observado o descompasso entre os BRICS, do qual a Rússia encontra-se na 50º colocação e a Índia 130º.

Em suma, quando analisados tais fatores, individualmente de cada BRICS, observa-se que não há um país que seja referência em todos eles mas sim, que o grupo se complementa.

Conforme Carmona (2014), para se tornar uma potência é necessário reunir atributos como população, território, riquezas, capacidade militar e científica. No entanto, uma nação não tornara-se automaticamente uma potência possuindo esses atributos. É necessário que haja coesão nacional perante esses atributos, para garantir sua ascensão mundial, caso contrário, eles serão utilizados por países que possuam “projeto de nação” melhor delineado.

Indo ao encontro a esse pensamento, foram delineados os países que destacam-se na geopolítica nos três primeiros e principais atributos descritos anteriormente (população, território e riquezas), conforme apresentado na Figura 7.

Figura 7 - Maiores áreas, populações e economias mundiais



Fonte: Carmona (2014, p.42).

Como pode ser observado na Figura 7, os quatro países que deram origem aos BRICS, juntamente com os EUA, encontram-se entre as cinco nações com maior destaque nos três principais critérios citados anteriormente (a economia será abordada no item 4.3 deste trabalho). Sendo assim, a aliança de Brasil, Rússia, Índia e China não deu-se por acaso. Posteriormente, em 2011, a união da África do Sul ao grupo deu-se para torna-lo mais representativo mundialmente, com a presença dos BRICS no continente africano e demonstrar o desejo das nações “marginalizadas” de reestruturação da conjuntura internacional.

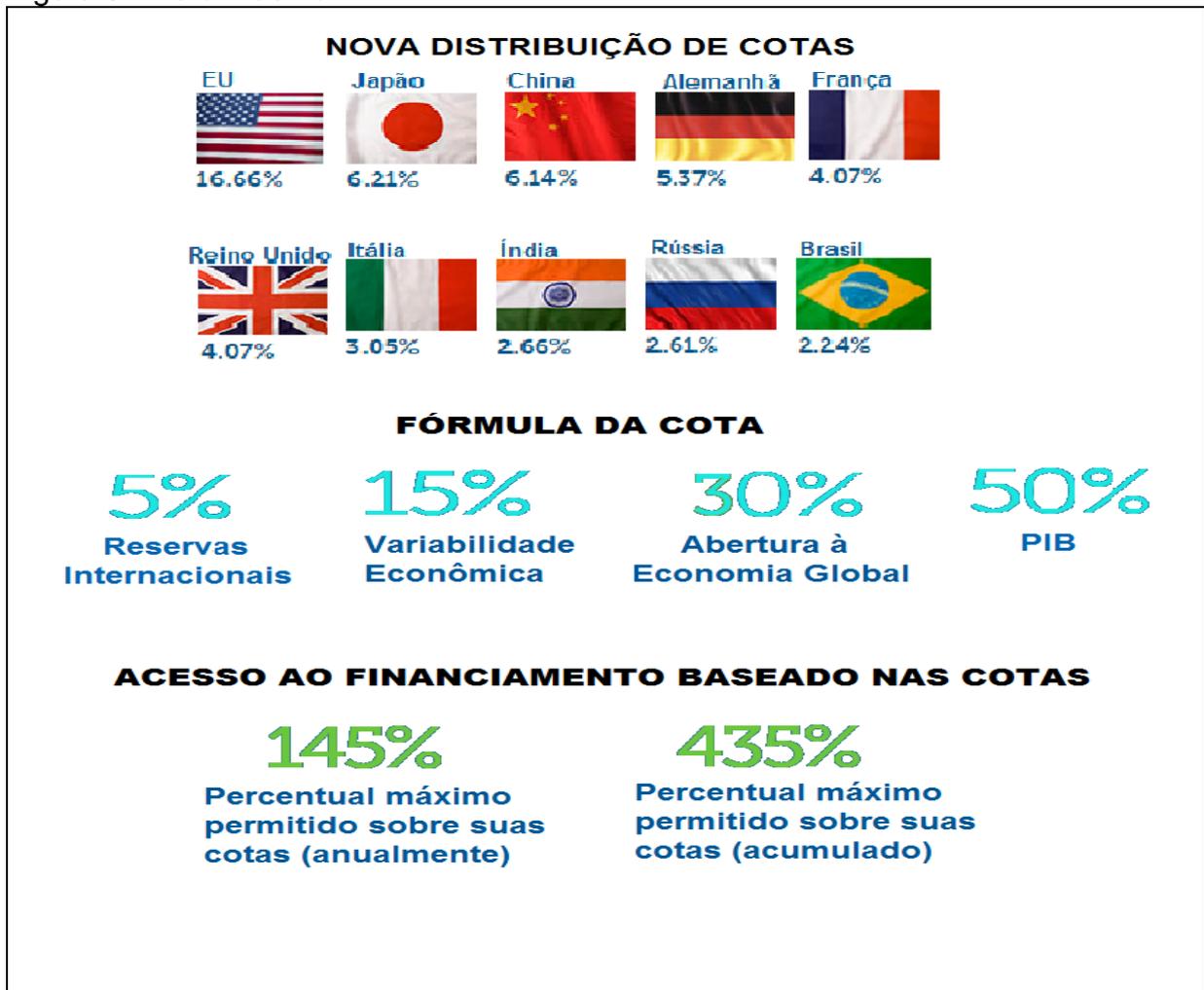
4.2 RELAÇÕES POLÍTICAS A PARTIR DOS ANOS 1990

Desde os anos de 1970 houve uma ascensão na economia mundial dos países até então às “margens” do mundo desenvolvido e em contrapartida uma diminuição da participação dos países do G8. Como consequência, os países que mais cresceram passaram a ter maior relevância na economia política global, interferindo no seu funcionamento e processo de crescimento econômico, com destaque para os países emergentes. Com isso, a inclusão dos países emergentes

em certos mecanismos de governança global tem-se tornado cada vez mais indispensável a partir dos anos 1990 para garantir o equilíbrio de forças (RAMOS, 2013).

Como consequência dessas mudanças, em 2015 foi aprovado pelo governo norte-americano a reforma do sistema de cotas do FMI. A reforma representa um passo notável na estrutura das instituições de governança global frente o crescente papel dos mercados emergentes e dos países em desenvolvimento na conjuntura internacional. Pela primeira vez na história do FMI quatro países emergentes, sendo eles: Brasil, Rússia, Índia e China, estarão entre os dez maiores membros da instituição. Os critérios que determinam as cotas de cada membro são baseados na fórmula de 5%, reservas internacionais; 15%, variabilidade econômica; 30%, abertura a economia global; 50%, PIB, conforme figura a seguir (FMI, 2016).

Figura 8 - Reformas no FMI



Fonte: FMI (2016).

As cotas de um membro do FMI ditam sua relação financeira e organizacional com a instituição. Elas determinam o poder de voto e a capacidade para obtenção de financiamento que um Estado pode obter perante o FMI. Quando integrado um novo membro na instituição, este tem o dever de integralizar o montante total de suas cotas. Anualmente, o membro tem o direito de financiar até 145% referente ao valor de suas cotas, podendo chegar ao acumulado máximo de 435% (FMI, 2016).

Dessa forma, os cinco países que formam os BRICS reúnem um poder extraordinário quando combinado. Dois deles fazem parte do Conselho de Segurança das Nações Unidas; três deles, são potências nuclearmente armadas, “além de serem países com forte base de recursos naturais, capacidades industriais, parques científicos, tecnológicos e de inovação em áreas, em geral, complementares e capacidade de produção de alimentos” (CARMONA, 2014, p. 41).

A cooperação financeira e econômica dos BRICS, desenvolveu uma nova forma de cooperação Sul-Sul. A estrutura básica desse tipo de cooperação é o desenvolvimento mútuo dos países. Os BRICS, baseados em suas próprias experiências de desenvolvimento estão mais aptos e dispostos a auxiliarem outros países a desenvolverem-se, por meio de métodos mutuamente benéficos, ensinando-os a “pescar” ao invés de dar-lhes o “peixe” (TIAN, 2016).

A cooperação por meio dos BRICS não restringe-se apenas ao apoio com os planos de ação dos Objetivo de Desenvolvimento Sustentáveis (ONU) mas também em auxiliar os países mais pobres. Os BRICS comprometeram-se em reduzir as dívidas (para com os BRICS), facilitar a entrada em seus mercados e aumentar a transferência de tecnologias para estes países (TIAN, 2016).

Em suma, os BRICS perceberam que possuem interesses mútuos em assuntos internacionais e resolveram unir forças para aumentar sua influência na cooperação multilateral e da governança global (TIAN, 2016).

4.3 PARTICIPAÇÃO DOS BRICS NA ECONOMIA INTERNACIONAL

No presente capítulo, são descritos indicadores econômicos dos BRICS que mostram um panorama de fatores socioeconômicos nos períodos recentes. Esses indicadores foram calculados ou coletados em bases de dados oficiais como

Banco Mundial, CIA, IBGE e UNCTAD. Dito isso, a seguir encontra-se o percentual de investimentos realizados pelos BRICS.

Tabela 2 – Investimentos em educação, saúde e pesquisa e desenvolvimento (P&D)

PAISES	EDUCAÇÃO	RANKING	P&D	RANKING	SAÚDE	RANKING
BRASIL	5,9 %*	49	1,2%**	-	8,3%***	52
RÚSSIA	4,2%*	110	1,2%***	-	7,1%***	79
ÍNDIA	3,8%*	134	0,8	-	4,7%***	163
CHINA	-	-	2,0***	-	5,5%***	126
ÁFRICA DO SUL	6,1%***	42	0,7*	-	8,8%***	45
MUNDO	4,4%*	-	2,1%**	-	9,9%***	-
UNIÃO EUROPEIA (UE)	4,8%*	-	2%***	-	7,8%***	-
EUA	5,2%	63	2,7%**	-	17,1%***	1

Fonte: Elaboração própria a partir de Brasil (2016a), Banco Mundial (2016) e CIA (2016).

Notas: * Dados de 2012

** Dados de 2013

*** Dados de 2014

Conforme apresentado na Tabela 2, todos os países dos BRICS apresentaram percentuais de investimentos saúde e pesquisa e desenvolvimento inferiores ao da média global, exceto em educação. Entre os BRICS, a África do Sul está em primeira colocação nos investimentos realizados em saúde e à frente até mesmo dos EUA nos investimento em educação. Os investimentos em P&D ficam aquém do montante investido pelos EUA, bom como da média mundial. Percebe-se que os parques investimentos em educação, somados a esses reduzidos montantes alocados em P&D, são indicadores que impõe a desaceleração da capacidade de crescimento e inserção nas cadeias globais de valor nos níveis mais elevados de determinação das regras do mercado e da produção, uma vez que trabalha ao revés do desenvolvimento tecnológico e da capacidade de inovação. Este seria um dos principais fatores negativos ao posicionamento dos BRICS como líderes na economia internacional.

A seguir serão abordados indicadores econômicos dos BRICS, União Europeia (UE), EUA e a média mundial de 2015.

Tabela 3 - Dados econômicos de 2015

PAÍS	PIB 2015 (US\$ TRILHÕES)	% PIB GLOBA L	PIB PER CAPITA 2015 (US\$)	RANKI NG	POUPANÇA % PIB	DÉBIT PUBLI CO(% PIB)	% INFLAÇÃO 2015	I ¹	DESEMPREGO ²
BRASIL	1,7	2,4	8.538,6	71	16,4	66,5	9	33,3	6,9
RÚSSIA	1,3	1,8	9.057,1	67	29,1	9,4	15,5	7,5	5,6
ÍNDIA	2	2,7	1.581,6	139	31,1*	52,4	5,9	8,9	-
CHINA	10,8	14,7	7.924,7	74	48,9*	15,3	1,4	4,8	4
ÁFRICA DO SUL	0,312	0,4	5.691,7	89	18,5	44,4	4,6	5,4	25,4
MUNDO	73,4	-	9.995,6	-	18,5	58,7	1,4	-	4,4
UE	16,2	22,1	31.843,2	-	22,5	86,8	-0,1	-	-
EUA	17,9	24,4	55.836,80	7	17,3	73,6	0,1	2,2	5,3

Fonte: Elaboração própria a partir de Banco Mundial (2016).

Notas: * Dados de 2014

¹ (i) - Taxa de juros de empréstimos (%)

² Desemprego em 2015 (% da força de trabalho).

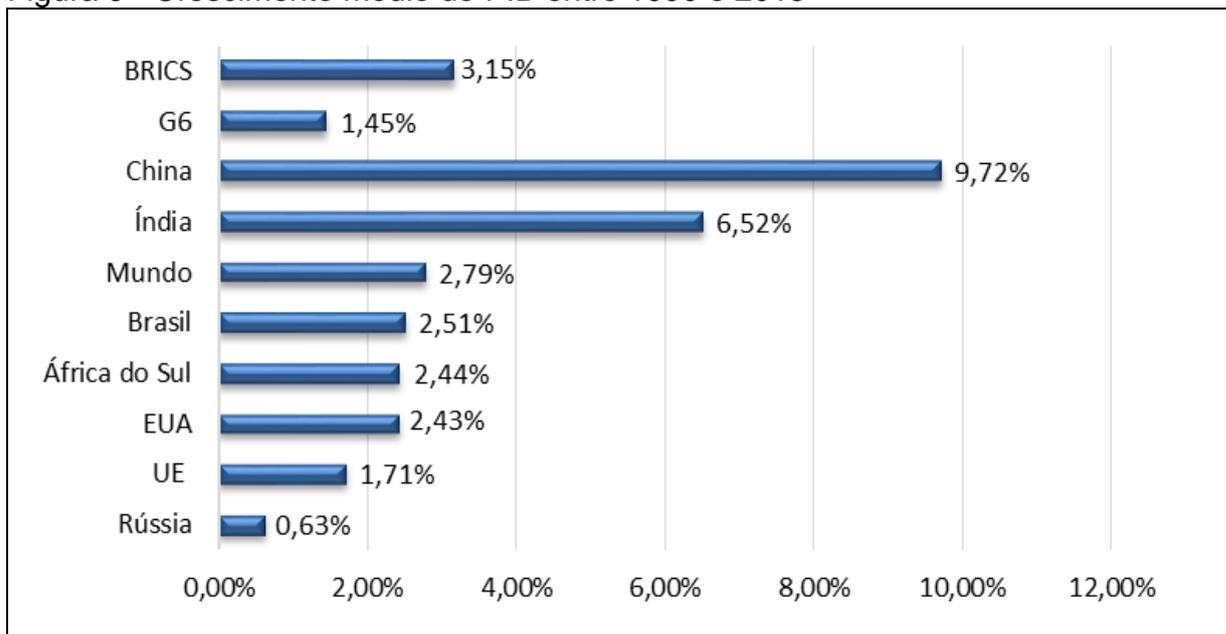
De forma geral, pode-se observar que os BRICS divergem-se com relação aos seus dados econômicos. A China se destaca por ter o segundo maior PIB no mundo, participando com, em torno de 15% da riqueza global produzida em um ano. Somado a isso, a China possui a maior poupança interna do planeta, baixa dívida pública (15% do PIB), baixa inflação, taxa de juros e desemprego. Todos esses indicadores favorecem a capacidade de investimento rápido, seja ele produtivo, em infraestrutura, ou comércio, e a geração de capacidades competitivas na economia global. O ponto negativo é ainda o PIB per capita, que se posiciona abaixo da média mundial, e o baixo nível de consumo das classes trabalhadoras. Todavia, considerando que a base da economia chinesa é a produção para o mercado global, enquanto houver perspectiva de crescimento das demandas externas o mercado interno poderia ficar adormecido.

A Rússia possui PIB *per Capita* próximo à média mundial, a Índia apresenta valor 7,7 vezes inferior; assim como a China apresenta poupança de 48,9% do seu PIB, o Brasil apresenta apenas 16,4%, enquanto seu débito público é o maior dos BRICS (66,5% do PIB). Já referente à inflação, a China é que apresenta melhores percentuais, estando na média mundial de 1,4%, enquanto a Rússia apresenta 15,5%.

Referente ao PIB, quando somado o PIB das cinco economias que compõem os BRICS, o grupo chega ao montante de US\$ 16,3 trilhões, representando 22,3% do PIB mundial, mesmo que, deve-se notar que há certa

disparidade entre esses países. Enquanto o PIB *per Capita* da Rússia fica próximo à média mundial, a Índia possui PIB *per Capita* 5,7 vezes inferior ao da Rússia. Todavia, ressalta-se que, de acordo com informe da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – UNCTAD (2016), a partir dos anos 2000, o PIB *per Capita* das nações em desenvolvimento, como um todo, apresentaram taxas de crescimento superior ao das nações desenvolvidas. Como ilustra a Figura 9, todos os países dos BRICS, exceto a Rússia, cresceram a taxas superiores à média do G6, da União Europeia e dos EUA, nos últimos 25 anos, no período pós Consenso de Washington (entre 1990 e 2015). Esses indicadores de crescimento propõe uma discussão um tanto intrigante para o Ocidente e, principalmente, para os países do G6, que foram os proponentes do Consenso, pois os seus resultados econômicos acabaram por se apequenar diante dos países em desenvolvimento - aqueles que estavam enfraquecidos e endividados à época e, para os quais, se dirigiam a maioria das lições e mudanças de posturas políticas e econômicas. Os números do crescimento são contundentes em ilustrar esse descompasso que favorece aos países chamados emergentes ou BRICS: enquanto o G6 cresceu à média de 1,45% em 25 anos os BRICS cresceram 3,15%, acima ainda da média mundial que alcançou 2,79% no período.

Figura 9 - Crescimento médio do PIB entre 1990 e 2015



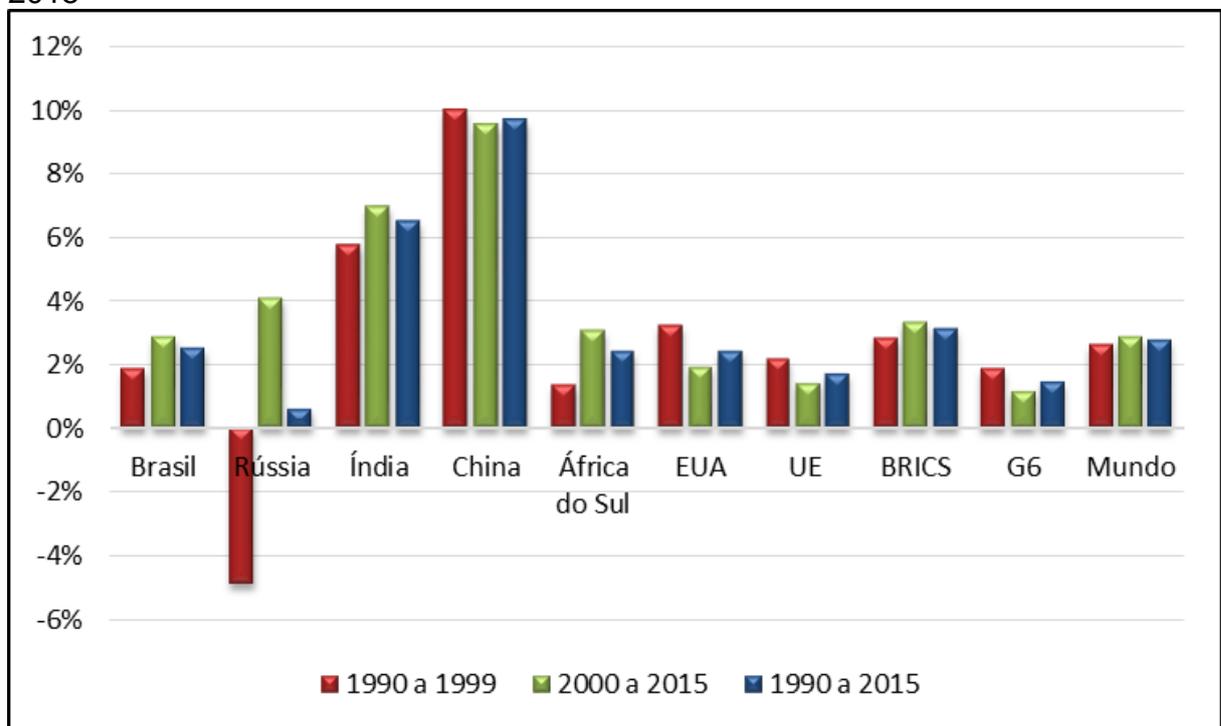
Fonte: Elaboração própria a partir de Banco Mundial (2016).

responsável pela diminuição da diferença econômica entre esses dois grupos, sendo que ela representa 66,4% do PIB dos BRICS e atualmente é a segunda maior economia mundial, decorrente do seu crescimento de 3027,1% entre 1990 e 2015. Os demais países que compõem os BRICS, sendo Brasil, Rússia, Índia e África do Sul representam 10,9%, 8,1%, 12,7% e 1,9% do seu PIB respectivamente.

Embora o BRIC não tenha ficado imune à crise mundial que ocorreu em 2008, os países que o compõem saíram da crise e recuperaram seu ritmo de crescimento mais rapidamente que as nações desenvolvidas, demonstrando seu potencial em tornar-se a força motriz da economia mundial (CHEN, 2012). O alto crescimento dos BRICS, tornou-se possível devido a liberalização comercial e de investimentos que possibilitou maior integração da economia doméstica com o mercado mundial (CHEN, 2012).

A seguir apresenta-se a comparação do crescimento médio do PIB entre os BRICS, o G6 e o mundo, sendo os períodos de 1990-1999, 2000-2015 e 1990-2015.

Figura 11 - Crescimento médio do PIB entre 1990-1999, 2000-2015 e 1990 e 2015



Fonte: Elaboração própria a partir de Banco Mundial (2016).

A China e a Índia destacam-se pelo elevado crescimento quando avaliado o crescimento médio do PIB entre 1990 e 2015, sendo 9,7% e 6,5% respectivamente, ultrapassando a média mundial de 2,8%. A Rússia apresentou baixo crescimento nesse período, sendo de apenas 0,63%. Contudo, deve ser ressaltado que no período entre 2000 e 2015, a Rússia apresentou crescimento médio de 4,08% em contrapartida ao período de 1990 a 1999, apresentando crescimento médio negativo (- 4,91%), como uma consequência do fim da União Soviética no início da década de 1990.

Quando dividida a análise do crescimento médio do PIB em dois períodos, sendo o primeiro de 1990 a 1999 e o segundo de 2000 a 2015, observa-se que no segundo período os países emergentes, com exceção da China, possuem crescimento médio mais elevado que o primeiro período, ocorrendo o inverso com os países desenvolvidos.

Para os BRICS, o final do século XX e início do século XXI foi um período chave para a mudança de posicionamento global. Nesse período (a partir dos anos 2000), suas taxas de crescimento foram superiores ao período anterior. Devido a isso, as especulações realizadas no início dos anos 2000 acerca dos países que compõem os BRICS foram modesta em comparação ao potencial do grupo. Na Figura 12 e Figura 13 será comparado as projeções do PIB do BRIC (sem África do Sul) e do G6, realizadas em 2003 com o PIB real.

Figura 12 - Comparação do PIB real com o PIB projetado para o BRIC, no período de 2000 a 2015

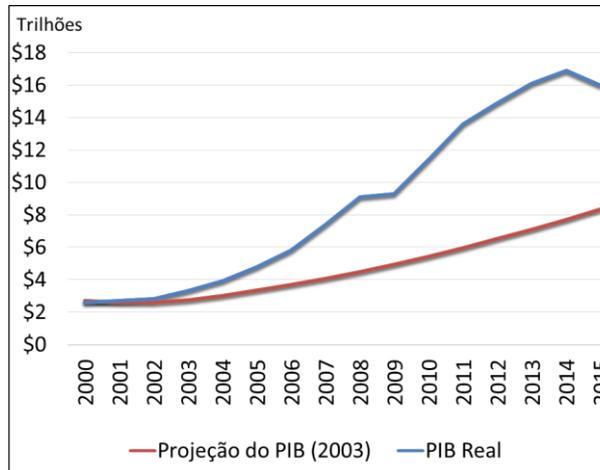
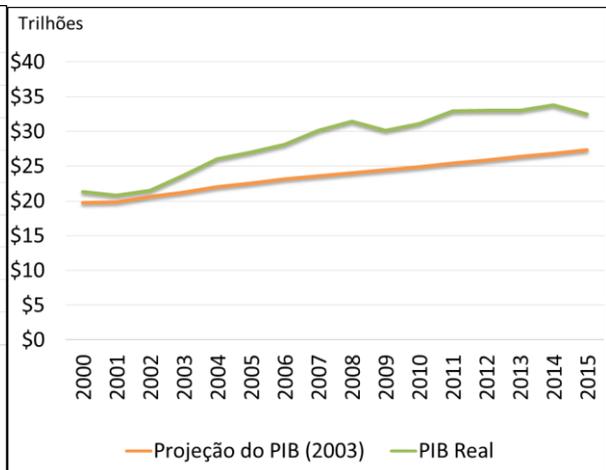


Figura 13 - Comparação do PIB real com o PIB projetado para o G6, no período de 2000 a 2015



Fonte: Elaboração própria a partir de Wilson e Purushothaman (2003) – PIB projetado; e Banco Mundial (2016) - PIB real.

Como pode ser observado na Figura 12 e Figura 13, o crescimento do PIB até 2015 tanto em relação ao BRIC como ao G6, foi superior ao projetado em 2003. No entanto, enquanto a diferença entre o PIB projetado e o real do G6 teve um aumento de 18%, o BRIC superou sua projeção em 92%. Quando adicionado a África do Sul no valor do PIB real do BRIC, essa diferença passa para 96%.

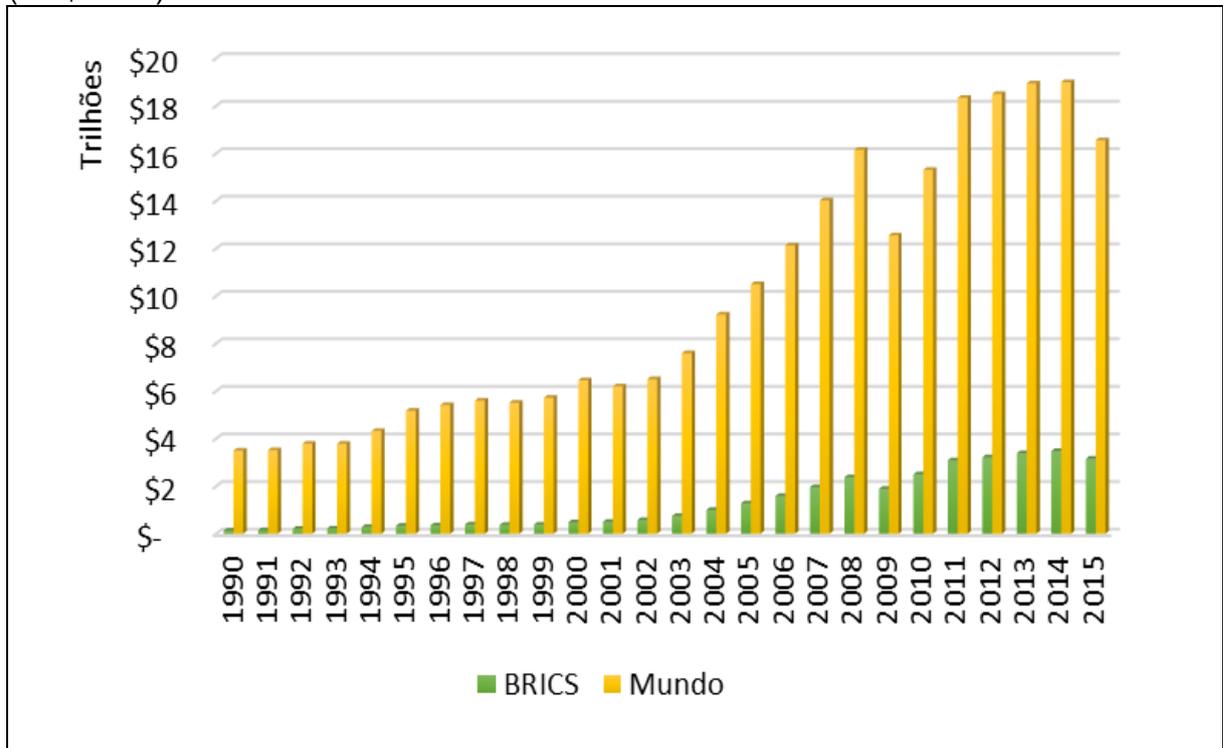
A partir de 1990 a trajetória de crescimento nos BRICS começou a se tornar entrelaçada, quando o Brasil e a Rússia começaram a beneficiar-se da crescente demanda proveniente de outras economias emergentes, em especial a China. No início dos anos 2000, as economias emergentes, “de forma gradual e constante tornaram-se um dos principais mecanismos de condução do crescimento da economia mundial” (TIAN, 2016, p. 112).

A crise global de 2008, demonstrou gradativamente que os países dos BRICS são contribuintes indispensáveis para a governança global, como importantes *players* na economia mundial (TIAN, 2016).

4.4 PARTICIPAÇÃO DOS BRICS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Conforme apontado anteriormente, os BRICS apresentam um aumento constante de sua participação no PIB mundial, no entanto esse fenômeno não acontece exclusivamente nos resultados de crescimento da produção e crescimento internos mas também com relação à participação no comércio internacional. A Figura 14 mostra a evolução das exportações mundiais e dos BRICS no período de 1990 a 2015.

Figura 14 - Evolução das exportações mundiais e dos BRICS entre 1990 e 2015 (US\$ FOB)



Fonte: Elaboração própria a partir de UNCTAD (2016b).

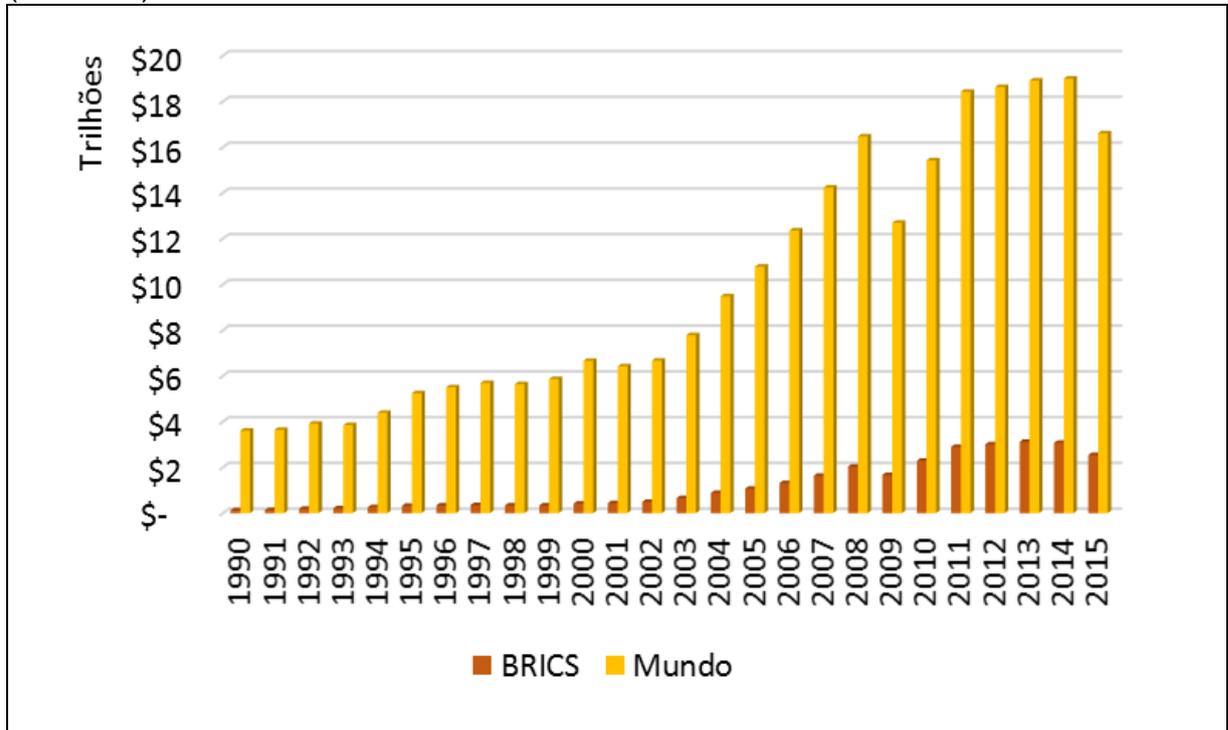
Em 1990, o valor exportado pelos BRICS era de US\$ 135 bilhões em contrapartida aos US\$ 3,5 trilhões exportados por todo o mundo, ou seja, os BRICS representavam 3,9% das exportações mundiais. Passados vinte e seis anos mais tarde, em 2015 os BRICS apresentaram crescimento de 23,3 vezes ao valor de 1990, chegando ao montante de US\$ 3,1 trilhões, representado 19,1% do total mundial. Enquanto que as exportações mundiais cresceram apenas 4 vezes seu valor, chegando ao montante de US\$ 16,5 trilhões.

Dos US\$3,5 trilhões exportados pelos BRICS em 2015, a China foi responsável por US\$ 2,3 trilhões, ou seja, ela representou 72,1% do montante total dos BRICS, seguida pela Rússia, Índia, Brasil e África do Sul com 10,8%, 8,5%, 6,1% e 2,6% respectivamente.

Analisando as importações, observa-se um aumento considerável do valor importado pelos BRICS e pelo mundo de forma geral. Entre 1990 e 2015, o total mundial aumentou em 4,6 vezes o valor importado, enquanto os BRICS apresentaram crescimento 21,5 vezes superior ao seu valor inicial em 1990. Com esse expressivo aumento dos BRICS, o grupo passou da participação de 3,3% das

importações mundiais para 15,3% em 2015. Porém, sua representatividade em 2013 foi superior, sendo de 16,5%.

Figura 15 - Evolução das importações mundiais e dos BRICS entre 1990 e 2015 (US\$ CIF)



Fonte: Elaboração própria a partir de UNCTAD (2016b).

A China foi a principal responsável pelo crescimento dos BRICS no total das importações mundiais. No período entre 1990 e 2015, ela saltou de US\$ 53,3 bilhões para US\$ 1,7 trilhões, apresentando crescimento de 31,5 vezes ao seu valor inicial. Os demais países que compõem os BRICS também apresentaram crescimento nesse período, porém menos significativo que o da China. A Índia foi a que obteve o segundo maior crescimento do grupo, tendo aumentado seu valor importado em 16,6 vezes, seguida pelo Brasil, África do Sul e Rússia com respectivamente 7,9; 4,9 e 4,8 vezes.

Assim como nas exportações, a China representa a maior fatia das importações gerais do grupo, sendo responsável por 66,3% do valor total importado, seguida pela Índia, Rússia, Brasil e África do sul com 15,4%, 7,6%, 7% e 3,6% respectivamente.

Em suma, os BRICS ampliaram sua participação no comércio internacional, apresentando crescimento constante desde 1999 referindo-se às

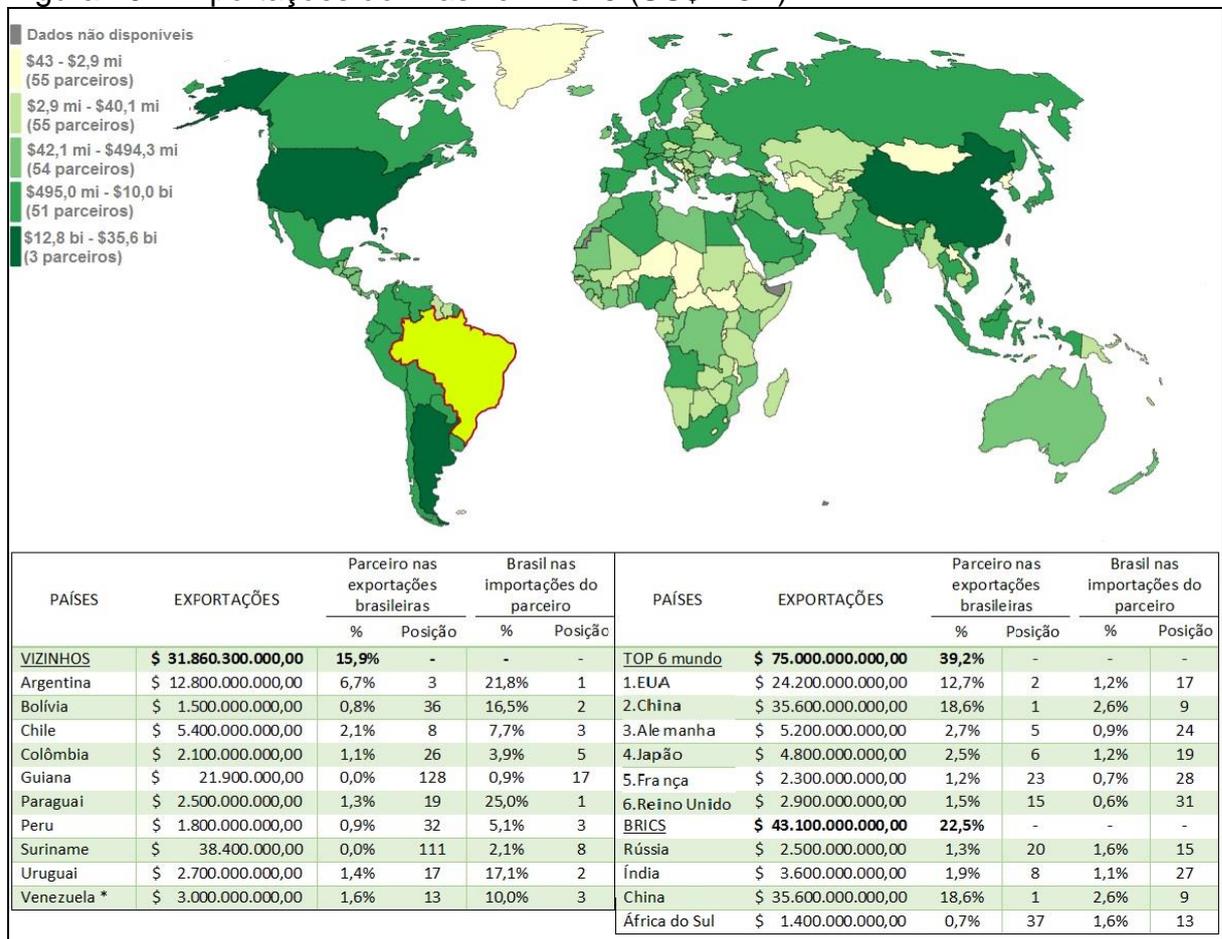
importações – com ligeiras quedas em 2009 e 2014 – e desde 1990 das exportações – com ligeiras quedas em 2009 e 2015. Ao mesmo tempo em que, as nações desenvolvidas, de forma geral, estão apresentando queda em suas participações no comércio internacional no período pós anos 2000 (UNCTAD, 2016b).

No tópico seguinte, será abordado os dados do comércio internacional individuais das cinco economias que compõem os BRICS.

4.4.1 Brasil

Em 2015, o Brasil foi o 25º maior exportador mundial, estando à frente apenas da África do Sul, representando 1,2% das exportações mundiais com o valor de US\$ 191 bilhões (UNCTAD, 2016b). A Figura 16 ilustra no mapa os principais parceiros comerciais do Brasil no mundo e mostra um resumo das exportações brasileiras no ano de 2015, destacando os seus volumes, a participação nas importações e exportações para diferentes regiões e países.

Figura 16 - Exportações do Brasil em 2015 (US\$ FOB)



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016).

Notas: *Dados de 2011.

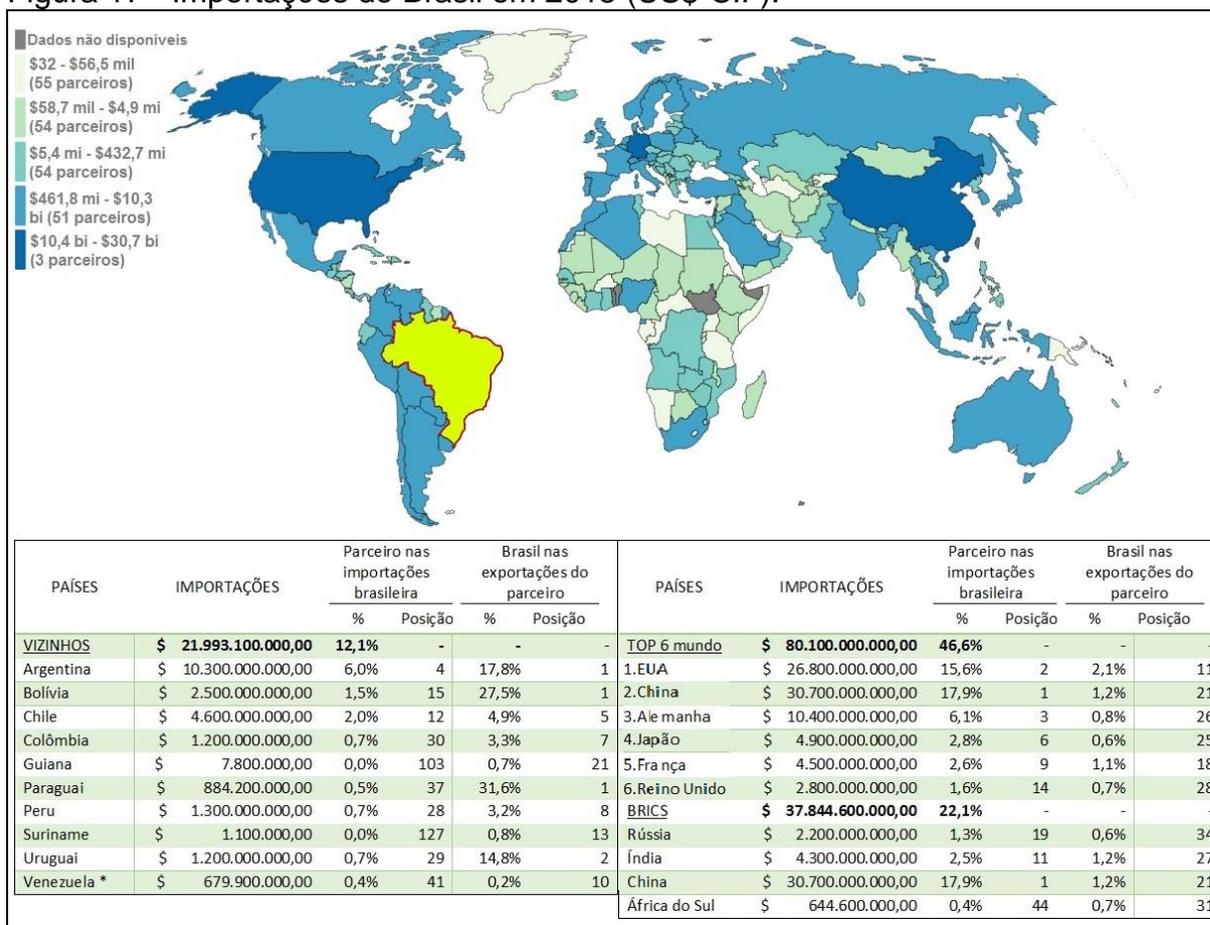
Como pode ser observado na figura 16, as exportações brasileiras destinam-se principalmente à China, EUA e Argentina, representando 38% das exportações totais do Brasil. Um ponto a ser destacado é a participação brasileira em seus mercados vizinhos. Em 2015, foram destinados 15,9% das exportações brasileiras a seus vizinhos, sendo a Argentina e o Chile os países mais representativos nas exportações brasileiras.

A participação dos BRICS como mercado importador do Brasil, possui representatividade de 22,5%. Os principais produtos destinados aos países dos BRICS são: Rússia, carne e seus derivados; Índia, óleos minerais; China, grãos e frutas; e África do Sul, veículos (UNCOMTRADE, 2016).

A economia brasileira caracteriza-se por seu alto desenvolvimento no setor agrícola e de mineração. Devido a isso, sua economia torna-se dependente dos preços internacionais destas *commodities*. Todavia, o preço desses bens são manipulados por grandes multinacionais estrangeiras, fazendo com que o país fique vulnerável às mudanças de preço no mercado global - essa característica também é comum à Rússia e à Índia (CHEN, 2012).

Quanto às importações brasileiras, elas representam 1,1% do montante mundial com o valor de US\$ 178 bilhões, sendo o 25º maior importador mundial, ficando atrás da China e Rússia. Na figura 17 pode-se verificar o panorama das importações realizadas pelo Brasil em 2015.

Figura 17 - Importações do Brasil em 2015 (US\$ CIF).



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016)

Notas: *Dados de 2011.

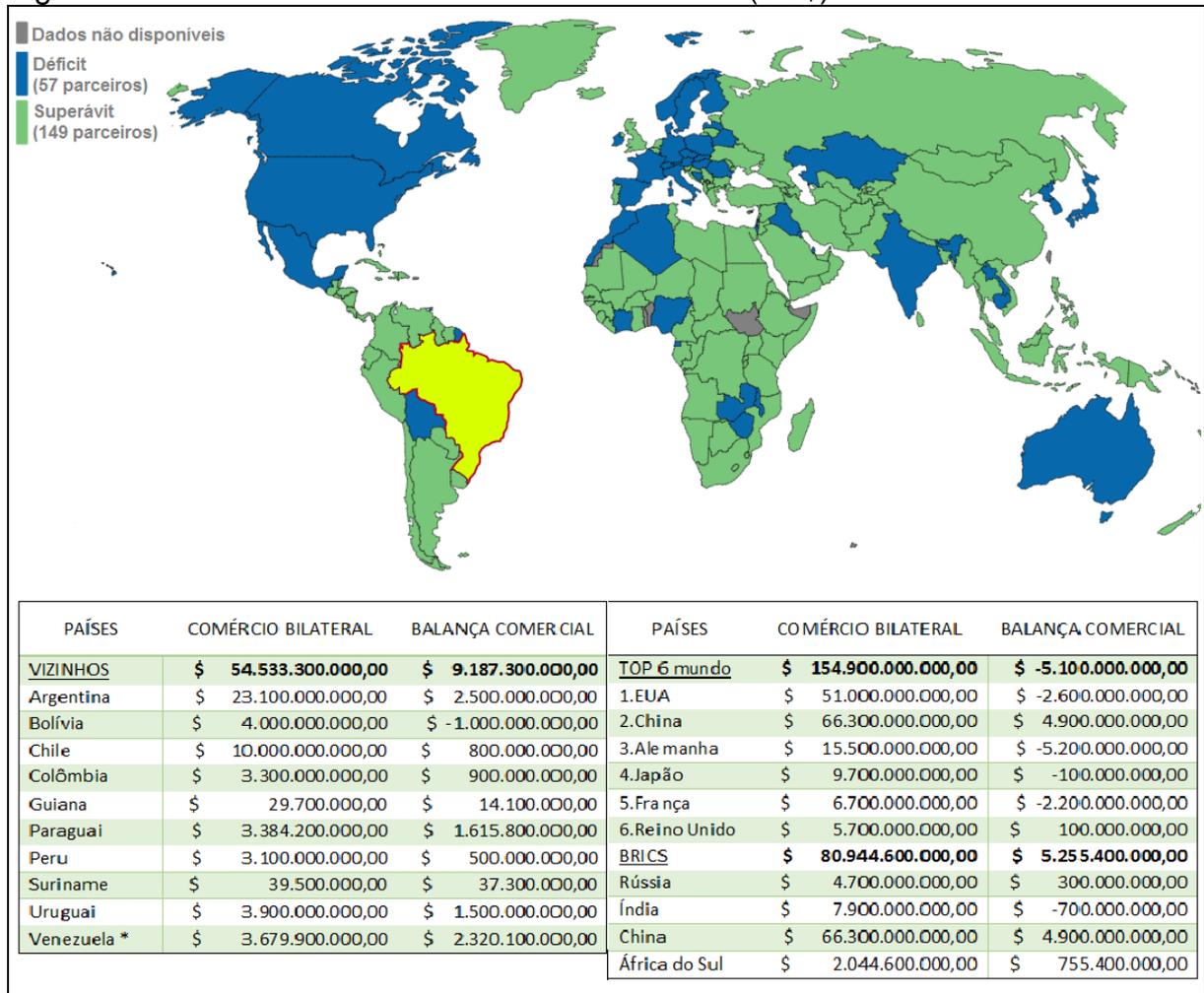
Conforme apresentado na Figura 17, a integração do Brasil com seus vizinhos é de 12,1% de seu montante total, sendo que essas economias não apresentam grande participação no mercado importador brasileiro, com exceção da Argentina que está na quarta colocação. Contudo, o Brasil está entre os 10 principais mercados importadores de seus países vizinhos, com exceção apenas da Guiana e Suriname.

Quanto aos BRICS, eles possuem maior participação no mercado das importações brasileiras, representando 22,1% de seu montante. O Brasil importa dos BRICS principalmente combustíveis minerais, reatores nucleares e eletrônicos (UNCOMTRADE, 2016).

Com o valor das importações de US\$ 179 bilhões e das exportações de US\$ 191 bilhões, o Brasil encerra o ano de 2015 com superávit de US\$ 12,3 bilhões.

Na figura 18, vê-se de forma mais detalhada a corrente de comércio e a balança comercial brasileira em 2015.

Figura 18 - Corrente de comércio do Brasil em 2015 (US\$).



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016)

Notas: *Dados de 2011.

O Brasil possui relações comerciais no comércio exterior com 206 países no globo. Desse total, possui superávit em sua relação comercial com 149 países e déficit com 57 países, exportando principalmente *commodities* como frutas e grãos, minérios e escoria e importando principalmente combustíveis minerais e reatores nucleares.

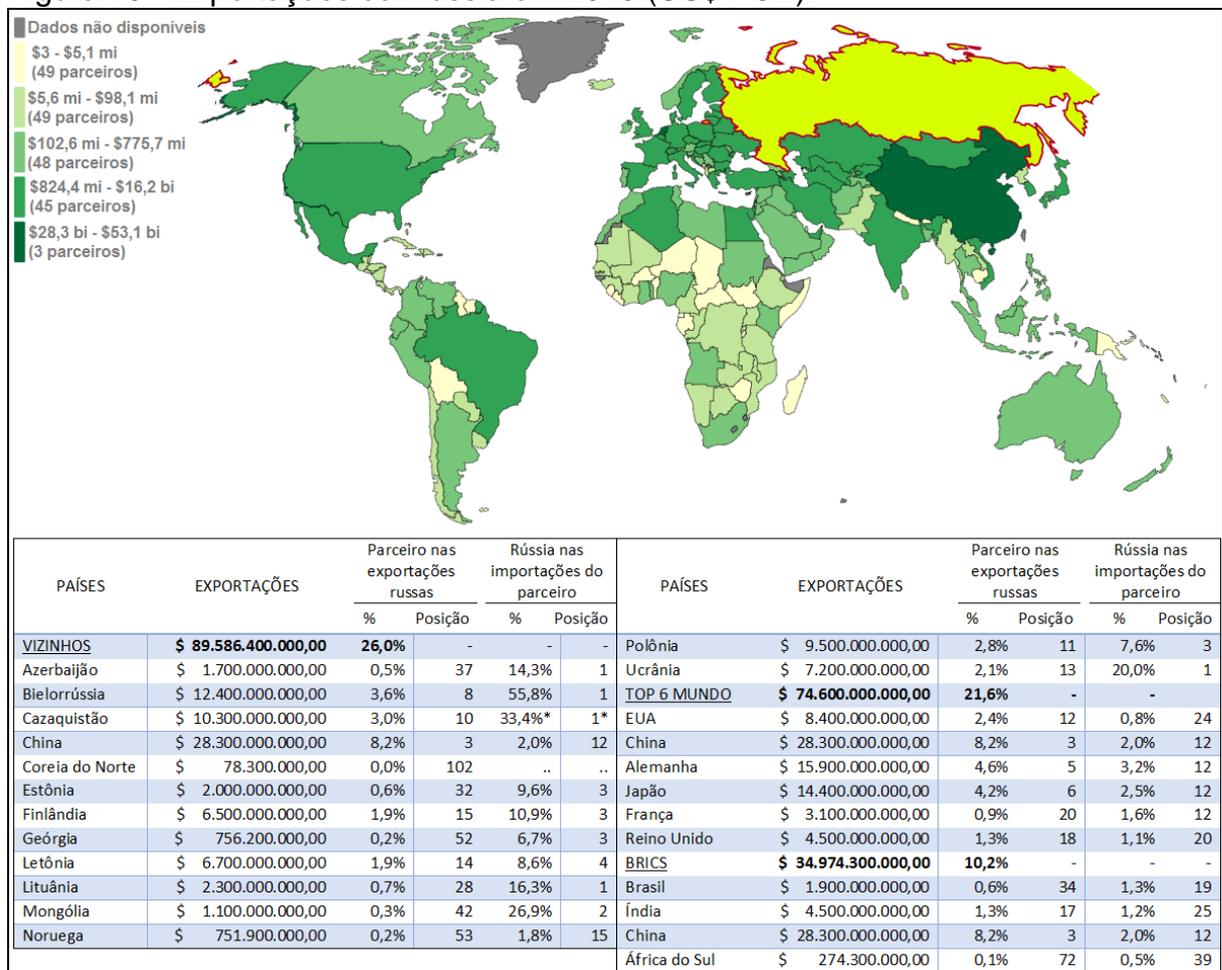
A corrente de comércio do Brasil chega ao valor de US\$ 370 bilhões, o que seria equivalente a 20,8% de seu PIB, tornando com isso, importante a participação do país no comércio internacional. O Brasil apresenta superávit em sua

relação com os BRICS (US\$ 5,2 bilhões), no entanto, com os seis principais *players* globais ela apresenta déficit (-US\$ 5,1 bilhões).

4.4.2 Rússia

Em 2015, a Rússia foi a 15º maior exportadora mundial, estando à frente do Brasil, Índia e da África do Sul, representando 1,6% das exportações mundiais com o valor de US\$ 267 bilhões (UNCTAD, 2016b). Na sequência será apresentado as exportações russas no ano de 2015.

Figura 19 - Exportações da Rússia em 2015 (US\$ FOB).



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016).

Notas: *Dados de 2014.

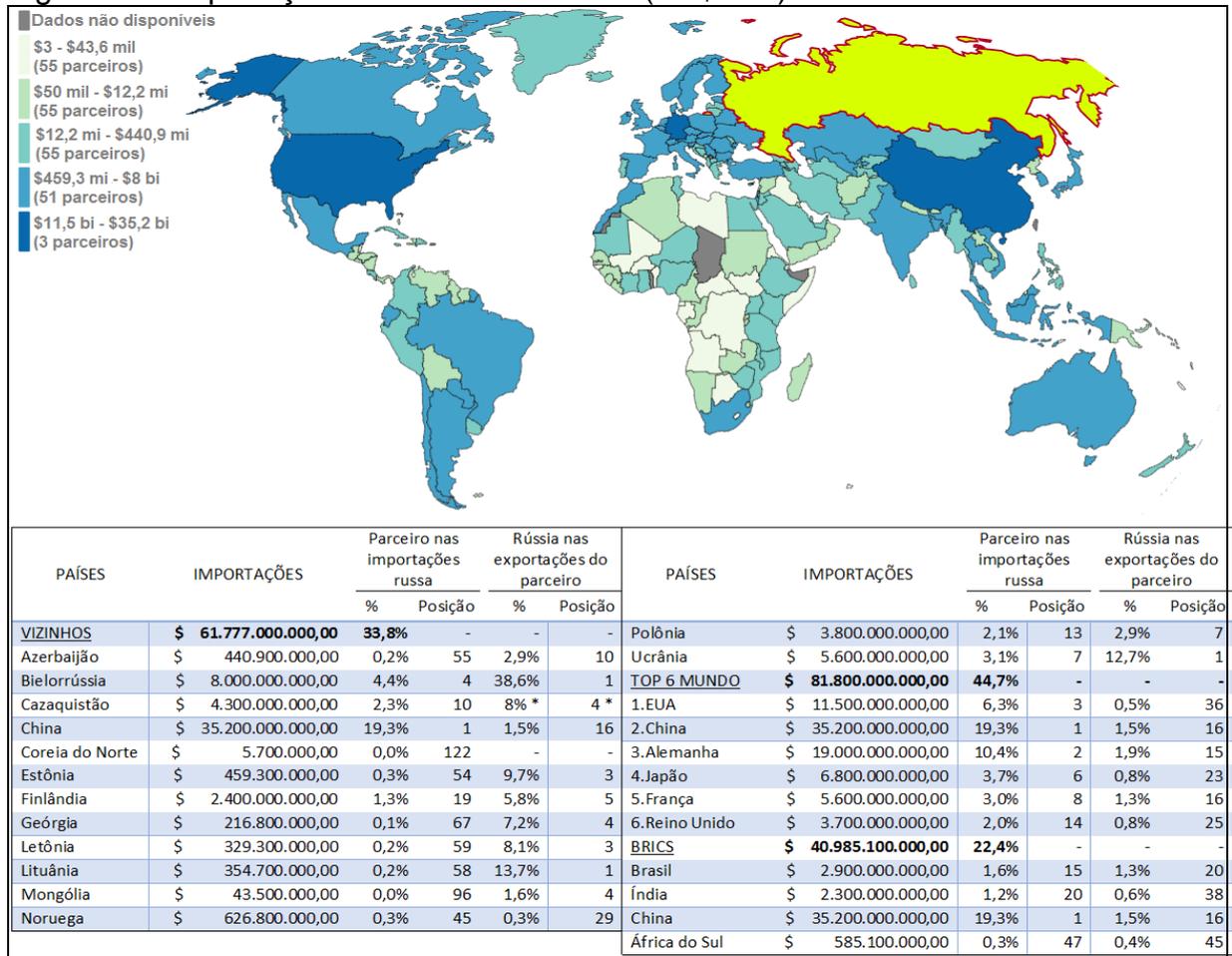
Em 2015, os principais destinos das exportações russas foram Holanda, China e Itália que corresponderam respectivamente por 11,7%, 8,2% e 4,7%. Quanto sua relação comercial com seus vizinhos, estes representaram 26% do seu

mercado exportador, estando apenas a China, Bielorrússia e Cazaquistão entre os 10 principais parceiros como destinatários de suas exportações. Contudo, a Rússia está entre os 4 principais parceiros das importações realizadas por seus vizinhos, com exceção apenas da China e Noruega na qual está em 12º e 15º posição respectivamente.

Assim como o Brasil, as exportações russas são compostas principalmente por bens primários, sendo que de forma geral são majoritariamente combustíveis minerais, seguida por ferro e aço em menor volume. A Rússia é o maior exportador mundial de gás natural e o segundo maior de óleos. Sua expansão econômica deu-se devido à grande exportações de energia nas últimas décadas (CHEN, 2012).

Quanto as importações da Rússia, elas representam 1,2% do montante mundial com o valor de US\$ 194 bilhões, sendo o vigésimo terceiro maior país importador. Na Figura 20 será abordado as importações realizadas pela Rússia em 2015.

Figura 20 - Importações da Rússia em 2015 (US\$ CIF).



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016)

Notas: *Dados de 2014.

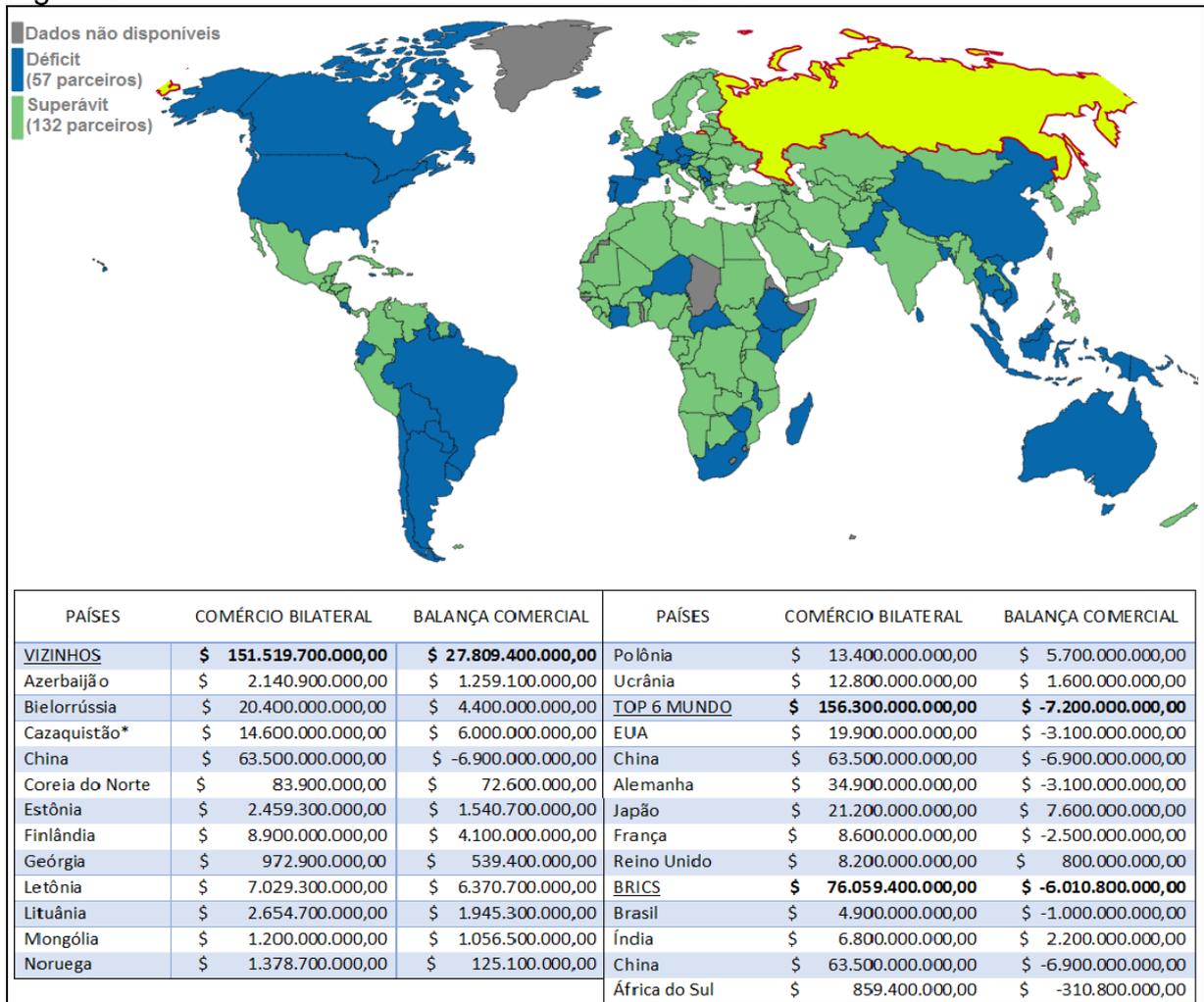
Conforme a Figura 20, a integração da Rússia com os seus países vizinhos é de 33,8% do total de suas importações, no entanto esses países não são os principais parceiros do mercado importador russo, com exceção apenas da China e Bielorrússia que representam 19,3% e 4,4% da origem de suas importações respectivamente.

Quanto aos BRICS, 22,4% das importações russas são originárias do grupo. Diferentemente do que acontece com os países vizinhos da Rússia, os BRICS não possuem a Rússia entre seus principais parceiros, demonstrando-se com isso a limitação na relação comercial desse país com os demais que compõem o grupo.

Os principais bens exportados pelos BRICS ao país são; carne e seus derivados, Brasil; produtos farmacêuticos, Índia; eletrônicos e reatores nucleares, China; e frutas frescas e nozes África do Sul (UNCOMTRADE, 2016).

Com o valor das importações de US\$ 194 bilhões e das exportações de US\$ 340 bilhões, a Rússia encerra o ano de 2015 com superávit de US\$ 146 bilhões. Na Figura 21 a seguir, será melhor detalhada à corrente de comércio e a balança comercial russa.

Figura 21 - Corrente de comércio da Rússia em 2015.



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016)

Notas: *Dados de 2014.

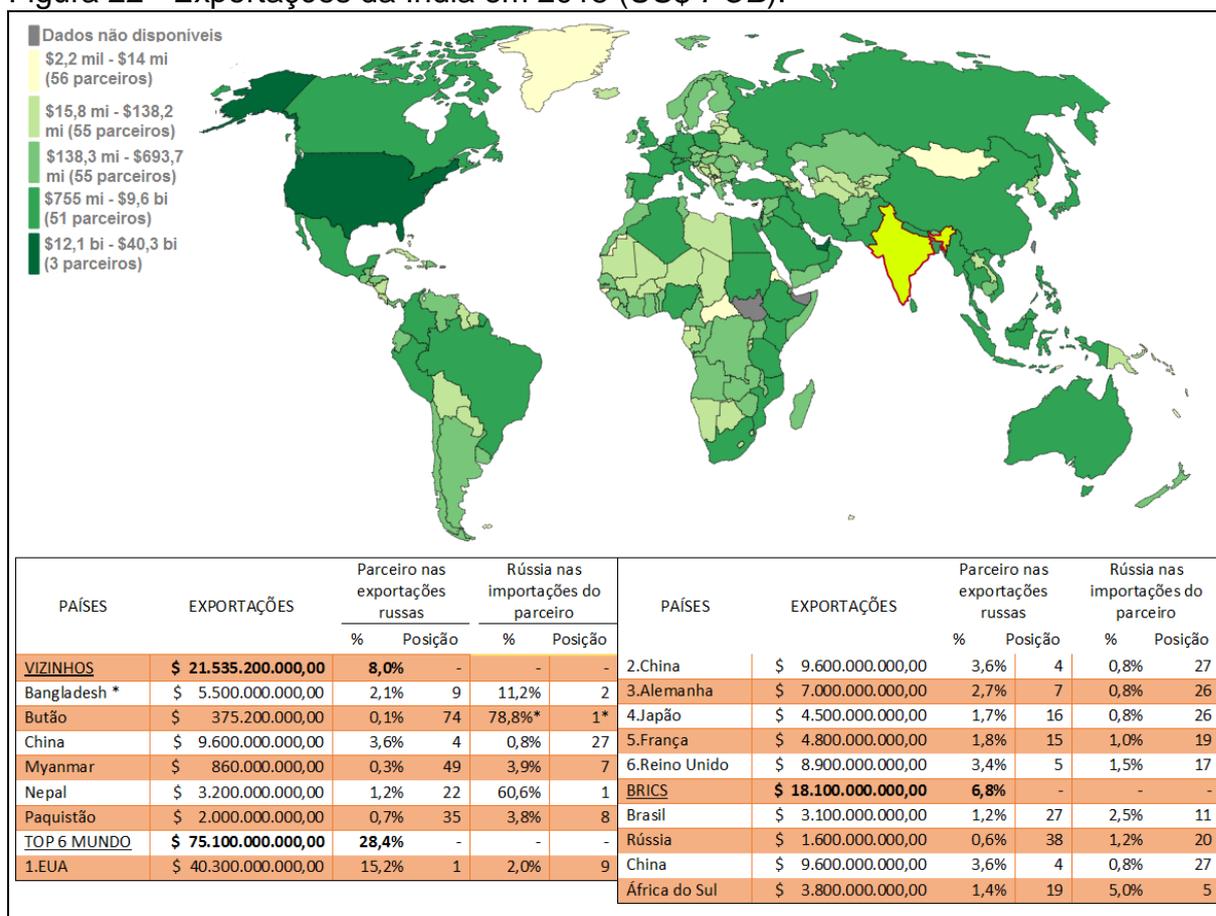
A Rússia possui superávit em sua relação comercial com 132 parceiros e déficit com 57 parceiros, exportando principalmente combustíveis minerais, sendo o maior exportador mundial desse bem e importando principalmente reatores nucleares, eletrônicos e veículos (UNCOMTRADE, 2016).

A corrente de comércio da Rússia chega ao valor de US\$ 534,4 bilhões, o que seria equivalente a 40,3% de seu PIB. A Rússia apresenta déficit em sua relação com os BRICS (US\$ 6 bilhões) e com os seis principais *players* globais (US\$ 5,1 bilhões). No entanto apresenta superávit com seus países vizinhos (US\$ 27,8 bilhões).

4.4.3 Índia

Em 2015, a Índia foi o 20º maior país exportador, estando a frente do Brasil e da África do Sul, chegando ao valor total de US\$ 267 bilhões, o que equivale a 1,6% das exportações mundiais. A Índia apresentou grande crescimento de suas exportação entre os anos 1990 e 2015, passando de US\$ 17,9 bilhões para US\$ 267 bilhões, ou seja, um aumento de 14,8 vezes (UNCTAD, 2016b). A seguir, será apresentado as exportações indianas no ano de 2015.

Figura 22 - Exportações da Índia em 2015 (US\$ FOB).



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016).

Notas: *Dados de 2012.

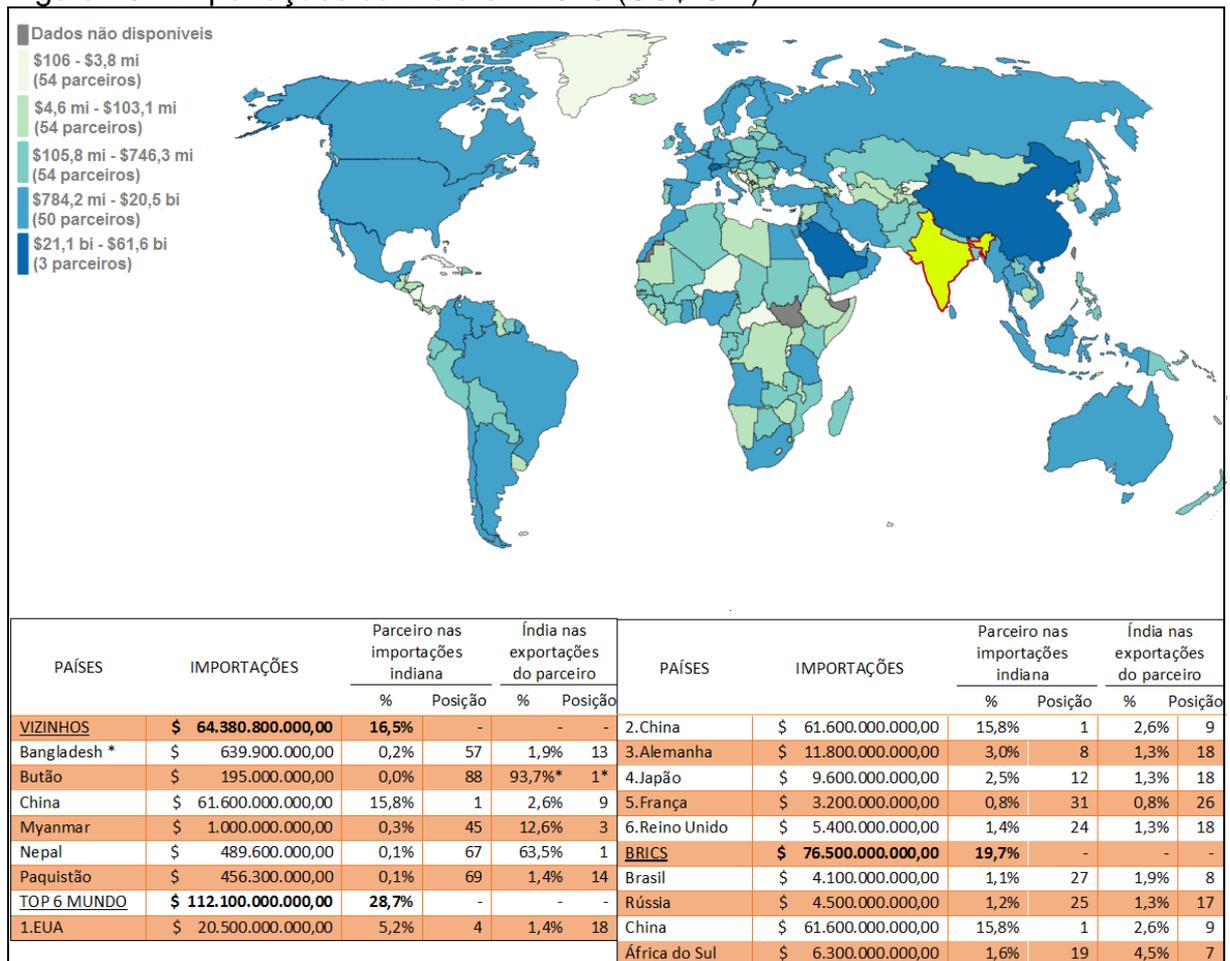
Em 2015, os principais destinos das exportações indianas foram os EUA, os Emirados Árabes Unidos e Hong Kong (China). Dentre os BRICS, a Índia é o país que possui menor grau de integração de suas exportações com seus parceiros vizinhos, sendo de apenas 8% do total de suas exportações, no entanto a importância da Índia para esses países é alta. A Índia está entre os 8 maiores parceiros de seus vizinhos, com exceção apenas da China. Contudo, seus países

vizinhos não são as principais destinações de suas exportações (UNCOMTRADE, 2016).

Quanto aos BRICS, apenas 6,8% das exportações indianas são destinadas ao grupo, demonstrando-se assim, a baixa relação comercial entre a Índia com os demais BRICS. Entre suas exportações aos BRICS, destacam-se; Brasil, combustíveis minerais e químicos orgânicos; Rússia, produtos farmacêuticos e reatores nucleares; China, cobre; e África do Sul, combustíveis minerais e veículos (CHEN, 2012; UNCOMTRADE, 2016).

Quanto as importações da Índia, elas representam 2,4% do montante mundial com o valor de US\$ 392 bilhões, sendo o 13º país no *ranking* mundial de importações. Na Figura 23, a seguir, será abordado as importações realizadas pela Índia em 2015.

Figura 23 - Importações da Índia em 2015 (US\$ CIF).



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016)

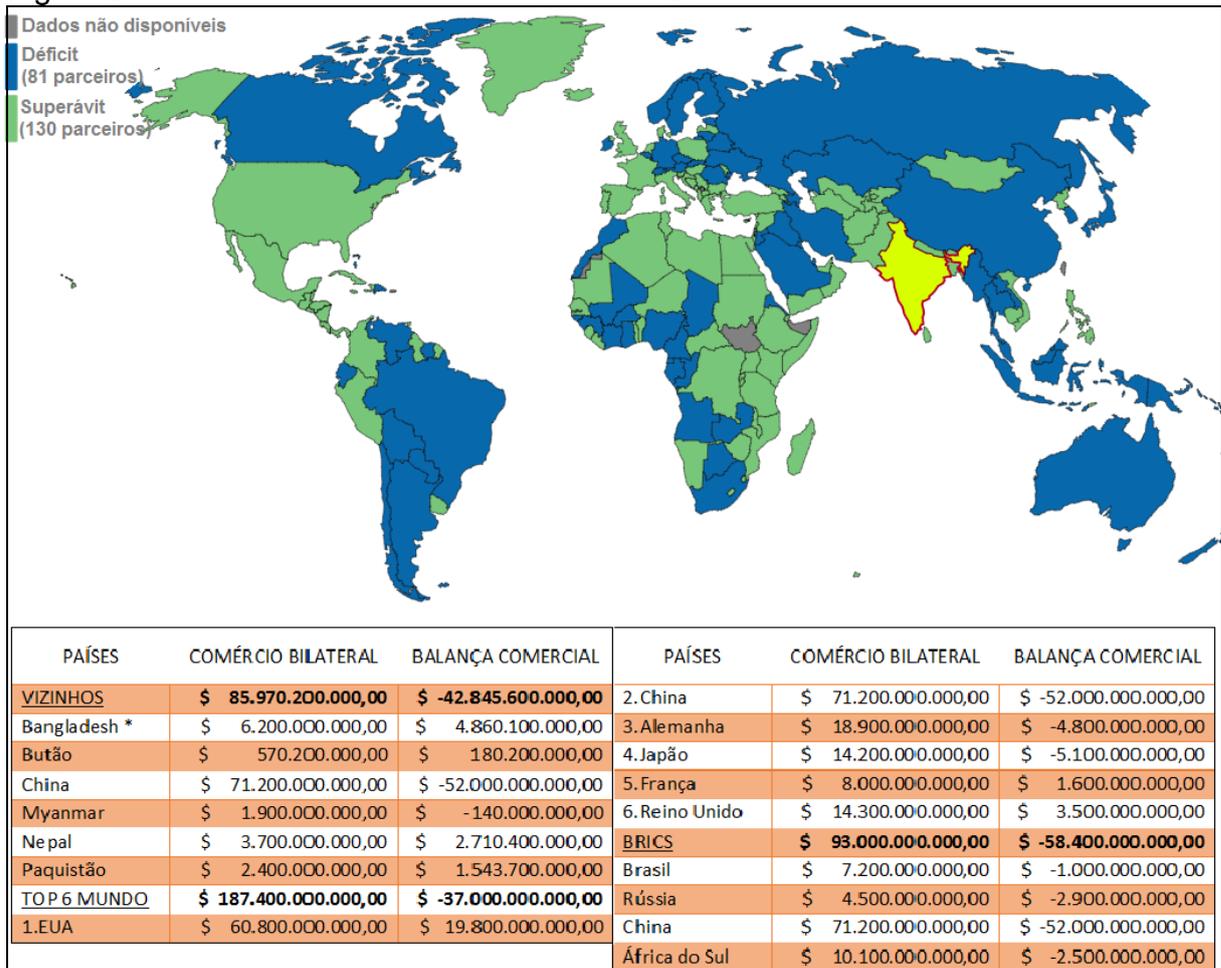
Notas: *Dados de 2012.

Conforme a Figura 23, a Índia apresenta baixa integração no seu mercado de importações com seus vizinhos. No montante total, 16,5% da importações indianas são oriundas de seus vizinhos mas deve ser ressaltado que apenas a China corresponde a 15,08%, restando apenas 0,7% aos 5 demais países fronteiriços. A Índia está entre os três principais parceiros em três de seus vizinhos, com destaque para o Butão, do qual o país destina 93,7% de suas exportações para a Índia, tornando-o extremamente dependente do mercado indiano.

Referente aos BRICS, dos bens importados pela Índia, 19,7% são oriundos do grupo. Seu principal parceiro é a China, que representa 80,5% da participação dos BRICS no mercado indiano. Os principais bens exportados pelos BRICS a Índia são: combustíveis minerais, animais e óleos vegetais do Brasil; pedras preciosas, metal e fertilizantes da Rússia; combustíveis minerais e veículos da Índia; e eletrônicos e reatores nucleares da China (UNCOMTRADE, 2016).

Com o valor das importações de US\$ 392 bilhões e das exportações de aproximadamente US\$ 267 bilhões, a Índia encerra o ano de 2015 com déficit de US\$ 124,8 bilhões na balança comercial de bens. Contudo, a Índia é o único país dos BRICS a apresentar balança comercial superavitária de serviços, representando 3,15 das exportações mundiais de serviço e 3,07% nas importações (WTO, 2016). Na Figura 24, a seguir, será melhor detalhada à corrente de comércio e a balança comercial indiana.

Figura 24 - Corrente de comércio da Índia em 2015



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016).

Notas: *Dados de 2012.

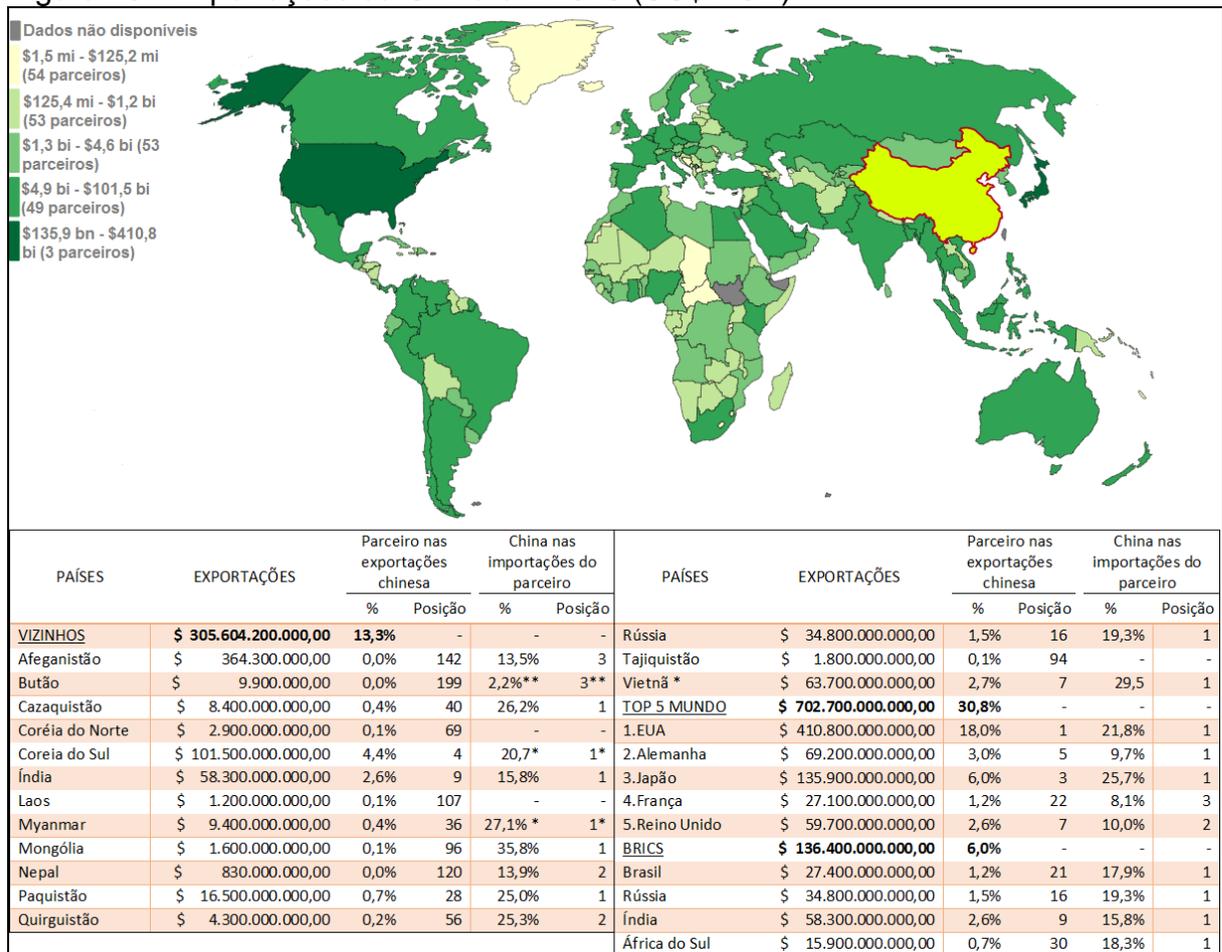
A Índia possui superávit em sua relação comercial com 130 países e déficit comercial com 81 países, exportando principalmente pedras preciosas e metal e importando principalmente combustíveis minerais.

A corrente de comércio da Índia chega ao valor de US\$ 659,1 bilhões, o que seria equivalente a 31,8% de seu PIB, demonstrando-se com isso, a importância do comércio internacional para esse país. A Índia apresenta déficit de US\$ 58,4 bilhões em sua relação com os BRICS, todavia também possui déficit com seus países vizinhos e com os seis maiores *players* globais, isso por consequência de seu alto déficit comercial de bens com a China, chegando ao final de 2015 ao valor de US\$ 52 bilhões.

4.4.4 China

Em 2015, a China foi a líder mundial nas exportações com 13,7% da parcela mundial, seguida pelos EUA, Alemanha, Japão e Reino Unido (WTO, 2016). Dentre os BRICS, a China foi quem apresentou maior crescimento de suas exportações entre os anos 1990 e 2015, passando de US\$ 62 bilhões para US\$ 2,3 trilhões, ou seja, um aumento de 36,6 vezes (UNCTAD, 2016b). A seguir, será apresentado as exportações chinesas no ano de 2015.

Figura 25 - Exportações da China em 2015 (US\$ FOB)



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016).

Notas: *Dados de 2010

**Dados de 2012

Em 2015, os principais destinos das exportações chinesas foram os EUA, Hong Kong (China) e o Japão que corresponderam respectivamente por 18%, 14,6% e 6% do total exportado por ela. Vale ser destacado que o principal mercado de importações dos EUA, Hong Kong (China) e do Japão também foi a China. A China além de ser um grande *player* no comércio internacional, possui representativa muito

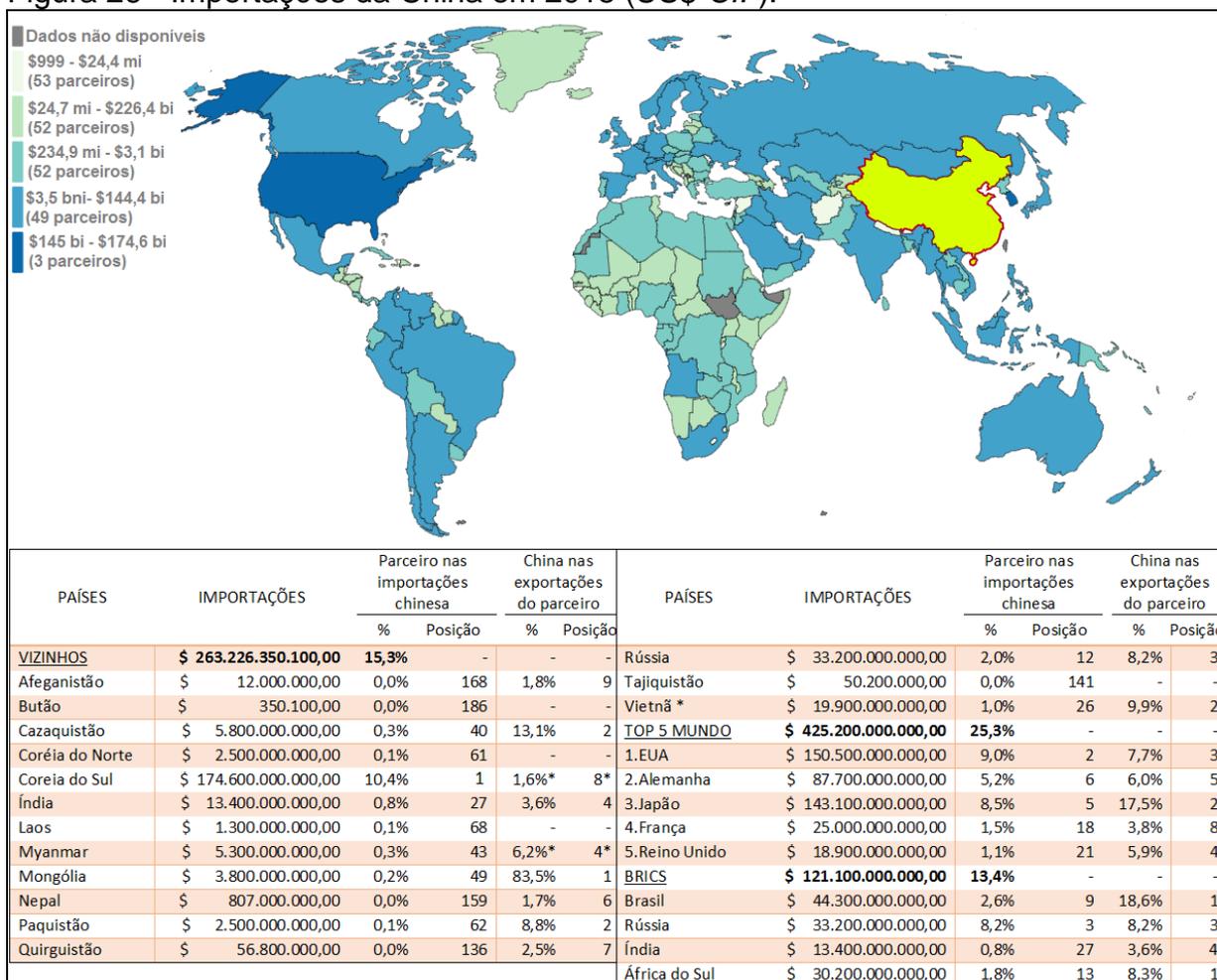
significativa no mercado importador de seus vizinhos, estando entre os três principais fornecedores a esses países, demonstrando com isso sua importância regional.

Uma característica peculiar é que em relação aos BRICS, a China destina apenas 6% de suas exportações, na qual ela é a principal fornecedora de bens aos países que compõem o grupo, demonstrando com isso a baixa dependência chinesa do mercado consumidor dos BRICS. Entre os principais produtos exportados aos BRICS destacam-se produtos eletrônicos e reatores nucleares (UNCOMTRADE, 2016).

As exportações chinesas para o mundo de forma geral, são de alto valor agregado, estando em primeiro lugar os eletrônicos e equipamentos elétricos com 26,4% de participação, seguido por reatores nucleares com 16%. No entanto, ao longo dos anos 2000, ela passou por grandes modificações em suas características exportadora, migrando da exportação predominante de recursos naturais e produtos com baixo mão-de-obra qualificada para produtos tecnológicos e capital humano intensivo (CHEN, 2012; UNCOMTRADE, 2016).

Quanto as importações da China, elas representam 10,1% do montante mundial com o valor de US\$ 1,7 trilhões, sendo o segundo maior país importador, estando atrás apenas dos EUA com US\$ 2,3 trilhões representando 13,9% (UNCTAD, 2016b). Na Figura 26 será abordado as importações realizadas pela China em 2015.

Figura 26 - Importações da China em 2015 (US\$ CIF).



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016)

Notas: *Dados de 2010.

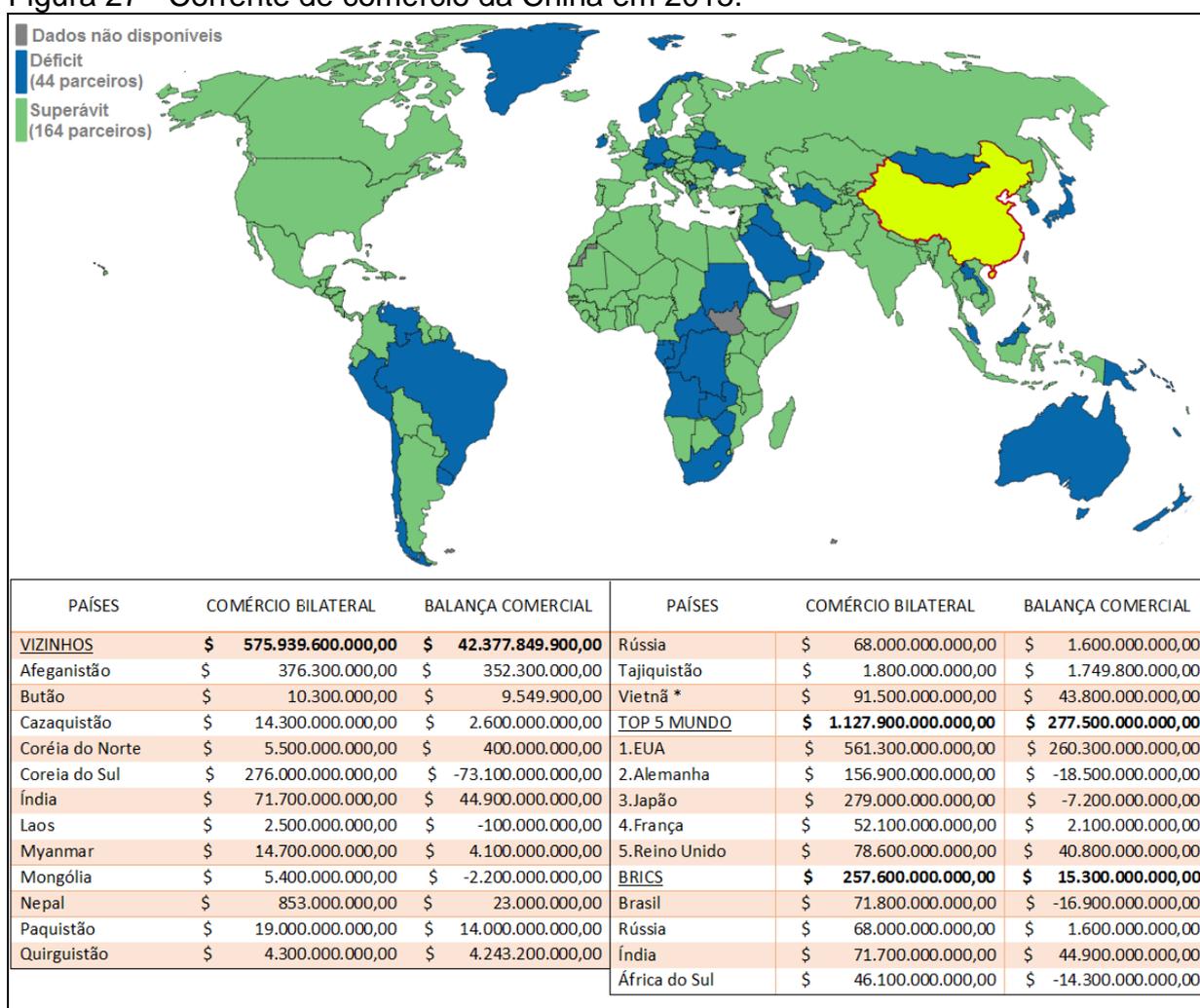
Conforme a Figura 26, a integração da China com os seus países vizinhos é de 15,3% do total de suas importações, possuindo percentual superior quanto as exportações. A Coreia do Sul destaca-se por corresponder a 10,4% da origem dos bens comprados pela China, sendo sua principal parceira nas importações. Em segundo lugar encontra-se os EUA com participação de 9%, com destaque para os eletrônicos e aeronaves.

Quanto aos BRICS, sua relação permanece pouco significativa, no entanto apresenta maior relação que as exportações, sendo 13,4% originárias do grupo. O Brasil exporta para a China principalmente grãos, frutas e óleos de sementes; a Rússia, combustíveis minerais e óleos; a Índia, algodão e pedras preciosas; e a África do Sul, minérios, escórias e ferro (UNCOMTRADE, 2016).

A posição dos países que compõem os BRICS no mercado de importações da China não está entre as principais, com exceção da Rússia que ocupa a terceira colocação e do Brasil que ocupa a nona colocação. Contudo, a China está entre as quatro principais parceiras desses países.

Com o valor das importações de US\$ 1,7 trilhões e das exportações de US\$ 2,3 trilhões, a China encerra o ano de 2015 com superávit de US\$ 593 bilhões (UNCTAD, 2016b). Na Figura 27, a seguir, será melhor detalhada à corrente de comércio e a balança comercial chinesa.

Figura 27 - Corrente de comércio da China em 2015.



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016).

Notas: *Dados de 2010.

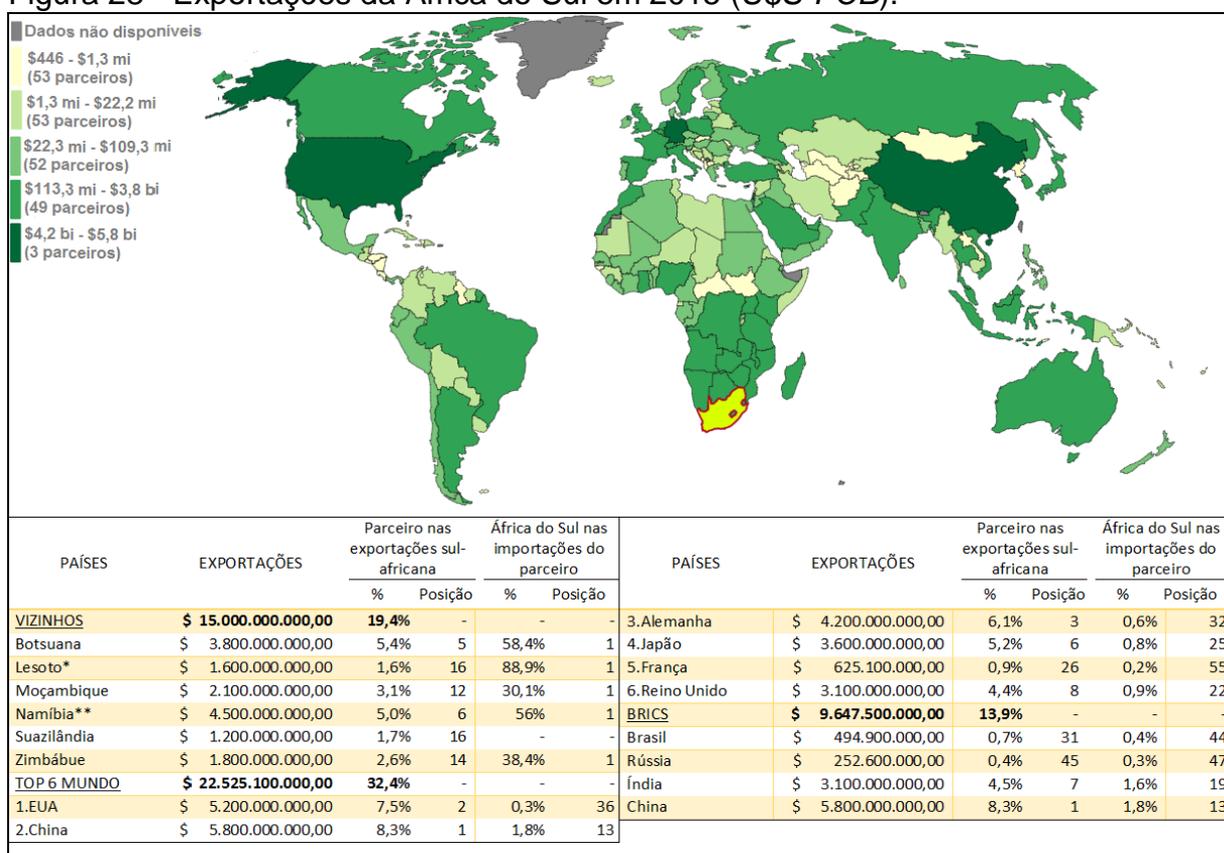
A China possui superávit em sua relação comercial com 164 países e déficit com 44 países, exportando principalmente bens com alto valor agregado e importando matérias primas a serem manufaturados.

A alta dependência chinesa do comércio internacional apresenta-se por meio do alto valor de sua corrente de comércio chegando ao valor total de US\$ 3,9 trilhões, ou seja, 20,9% do seu PIB. A escala de seu comércio internacional é muito maior ao dos demais países que compõem os BRICS, sendo 2,2 vezes maior que a soma total do grupo (CHEN, 2012; UNCOMTRADE, 2016).

4.4.5 África do Sul

Em 2015, a África do Sul foi o 37º maior país exportador, sendo o país dos BRICS com menor valor exportado, chegando ao valor total de US\$ 81,6 bilhões, o que equivale a 0,5% do montante mundial. Se comparados o valor exportado em 1990 e em 2015, houve aumento de 3,5 vezes, apresentando crescimento menor que os demais BRICS (UNCTAD, 2016b). A seguir, será apresentado as exportações sul-africanas no ano de 2015.

Figura 28 - Exportações da África do Sul em 2015 (US\$ FOB).



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016).

Notas: *Dados de 2012.

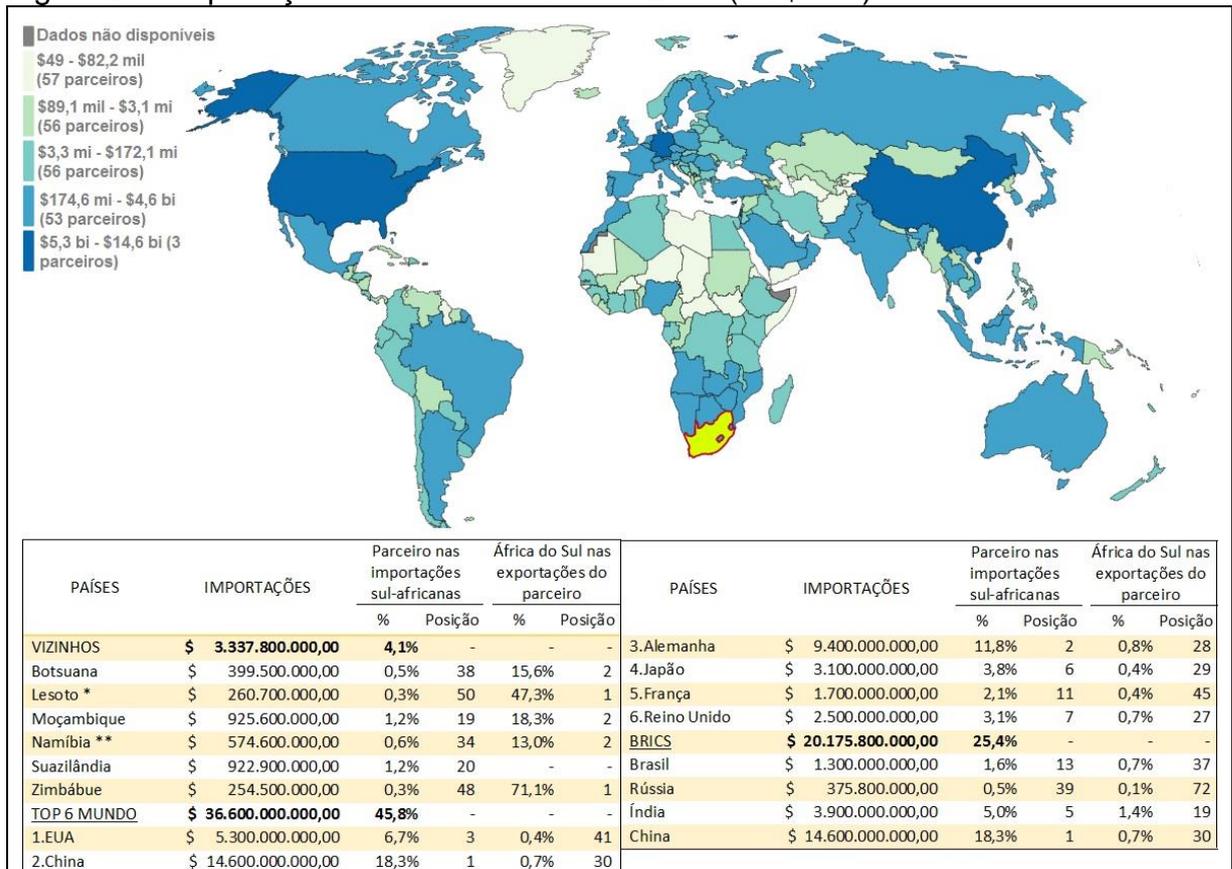
**Dados de 2014.

Em 2015, os principais destinos das suas exportações foram a China, os EUA e Alemanha, que corresponderam respectivamente por 8,3%, 7,5% e 6,1% de seu mercado exportador. De modo geral, a África do Sul está bem integrada comercialmente com seus países vizinhos. No último ano foram destinados 19,4% de suas exportações a esses países, estando como a principal parceira comercial para eles e em contrapartida, eles estão entre os 16 maiores parceiros da África do Sul.

Em relação aos BRICS, assim como característica apresentada pelos demais países que compõem o grupo, a África do Sul possui baixa relação comercial com os BRICS, com exceção da China que é líder mundial nas exportações. Apenas 13,9% das exportações sul-africanas foram destinadas ao grupo sendo importado principalmente; pelo Brasil, veículos e combustíveis minerais; Rússia, frutas frescas e nozes; Índia, óleos minerais; China, escoria e minério. Isso demonstra a participação distinta dos países dos BRICS nos setores de cada economia que compõem o grupo. As exportações sul-africanas para o mundo de forma geral, são primordialmente pedras preciosas e metal, seguidas por combustíveis minerais (UNCOMTRADE, 2016).

Quanto as importações da África do Sul, elas representam 0,5% do montante mundial com o valor de US\$ 90,3 bilhões, sendo o 34º país no *ranking* mundial de importações e estando atrás dos demais BRICS (UNCTAD, 2016b). Na Figura 29, a seguir, será abordado as importações realizadas pela África do Sul em 2015.

Figura 29 - Importações da África do Sul em 2015 (US\$ CIF).



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016)

Notas: *Dados de 2012.

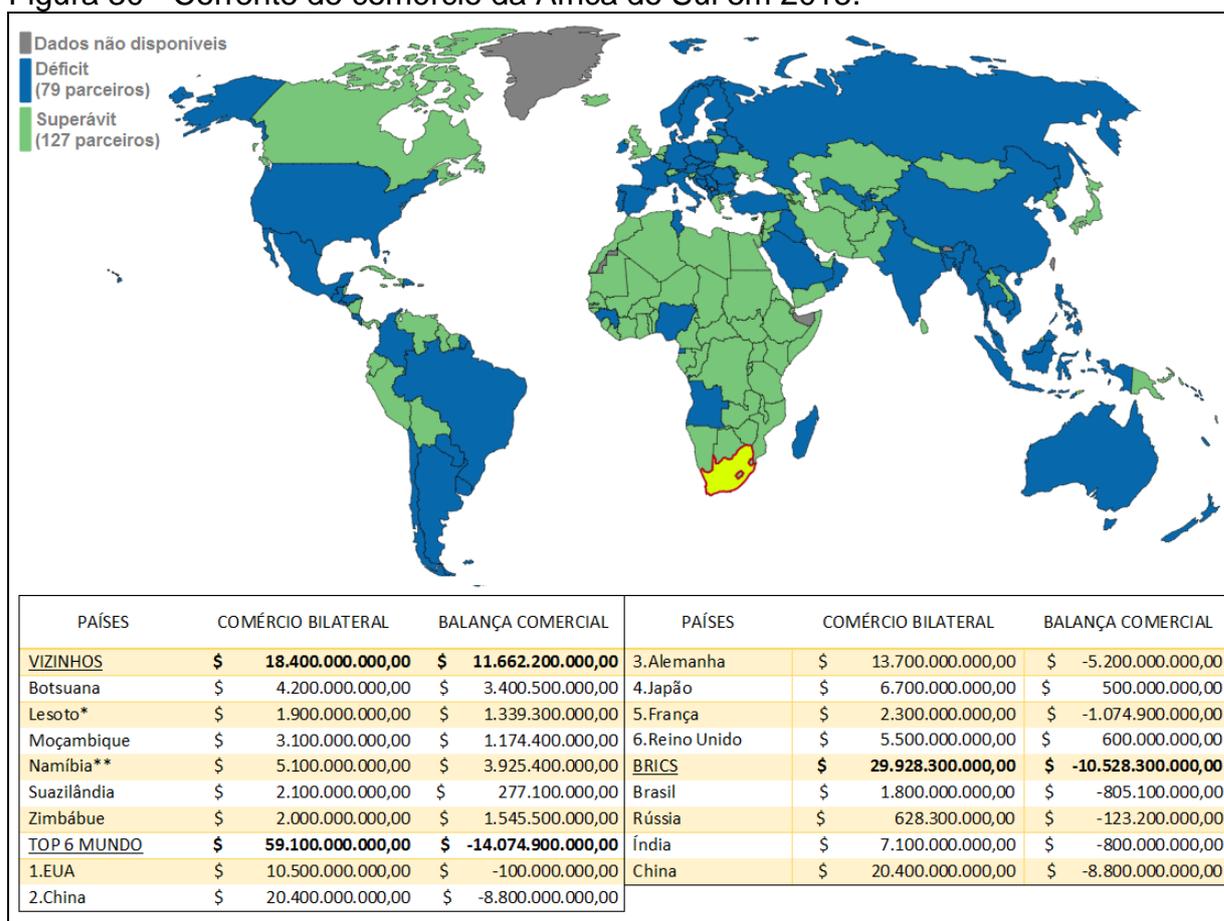
**Dados de 2014.

Conforme a Figura 29, a integração da África do Sul com seus países vizinhos é extremamente baixa, representando apenas 4,1% do seu mercado importador. Esses países são pouco representativos nas importações sul-africanas, no entanto a África do Sul está entre seus dois principais parceiros comerciais, demonstrando mais uma vez a importância regional desse país.

Quanto aos BRICS, dos bens importados pela África do Sul, 25,4% são oriundos do grupo. Seus principais parceiros são a China, na primeira colocação e a Índia, na quinta colocação, os demais membros do grupo possuem representatividade menor, ficando em 13 e 39 colocação respectivamente, Brasil e Índia. Os principais bens exportados pelos BRICS a África do sul são: *commodities* (não especificadas) e zinco, Brasil; cobre e fertilizantes, Rússia; combustíveis minerais e veículos, Índia; e eletrônicos e reatores nucleares, China (UNCOMTRADE, 2016).

Com o valor das importações de US\$ 90,3 bilhões e das exportações de US\$ 81,7 bilhões, a África do Sul encerra o ano de 2015 com déficit de US\$ 8,6 bilhões (UNCTAD, 2016b). Na Figura 30, a seguir, será melhor detalhada à corrente de comércio e a balança comercial russa.

Figura 30 - Corrente de comércio da África do Sul em 2015.



Fonte: Mapa: UN Comtrade (2016); Planilhas: elaboração própria a partir de dados de UN Comtrade (2016)

Notas: *Dados de 2012

**Dados de 2014

A África do Sul possui superávit em sua relação comercial com 127 países e déficit com 79 países, exportando principalmente pedras preciosas, metal e combustíveis minerais e importando principalmente Combustíveis minerais e reatores nucleares (UNCOMTRADE, 2016).

A corrente de comércio da África do Sul chega ao valor de US\$ 172 bilhões, o que seria equivalente a 55,5% de seu PIB, sendo o país dos BRICS do qual esse percentual é maior. A África do Sul apresenta déficit em sua relação com

os BRICS e com o *top 6* de US\$ 10,5 bilhões e US\$ 14 bilhões respectivamente. Todavia, ela apresenta superávit com seus vizinhos no valor de US\$ 11,7 bilhões.

Em suma, os países dos BRICS não possui elevada relação comercial entre si, com exceção da China que possui representatividade significativa nos outros BRICS, tanto nas importações quanto nas exportações. O grupo ainda está se fortalecendo e sua parceria é mais voltada na cooperação ao desenvolvimento dos países.

4.4.6 As cadeias globais de valor

Conforme observado no decorrer do capítulo 4.4, os BRICS apresentam relações comerciais com a grande maioria dos países, possuindo forte participação no mercado de seus vizinhos. O grupo apresenta características comerciais distintas entre si, como por exemplo, o Brasil, Rússia e África do Sul destacam-se no setor primário, fornecendo especialmente *commodities*, recursos naturais e minérios; enquanto a China e Índia destacam-se na manufatura e prestação de serviços. Na **Erro! Fonte de referência não encontrada.** é ilustrado o nível de sofisticação tecnológica e valor agregado referente a CGV de cada país que compõem os BRICS.

Figura 31 - Participação dos BRICS na CGV em diferentes níveis de sofisticação e valor agregado, 2010

Exportações por nível de sofisticação tecnológica					
País	Recursos	Fabricação de baixa tecnologia	Fabricação de nível médio	Fabricação sofisticada	Conhecimento-baseado em serviços
Brasil	60%	5%	15%	5%	10%
Rússia	75%	5%	10%	0%	5%
Índia	35%	15%	10%	5%	25%
China	10%	25%	20%	30%	5%
África do Sul	55%	5%	25%	0%	5%

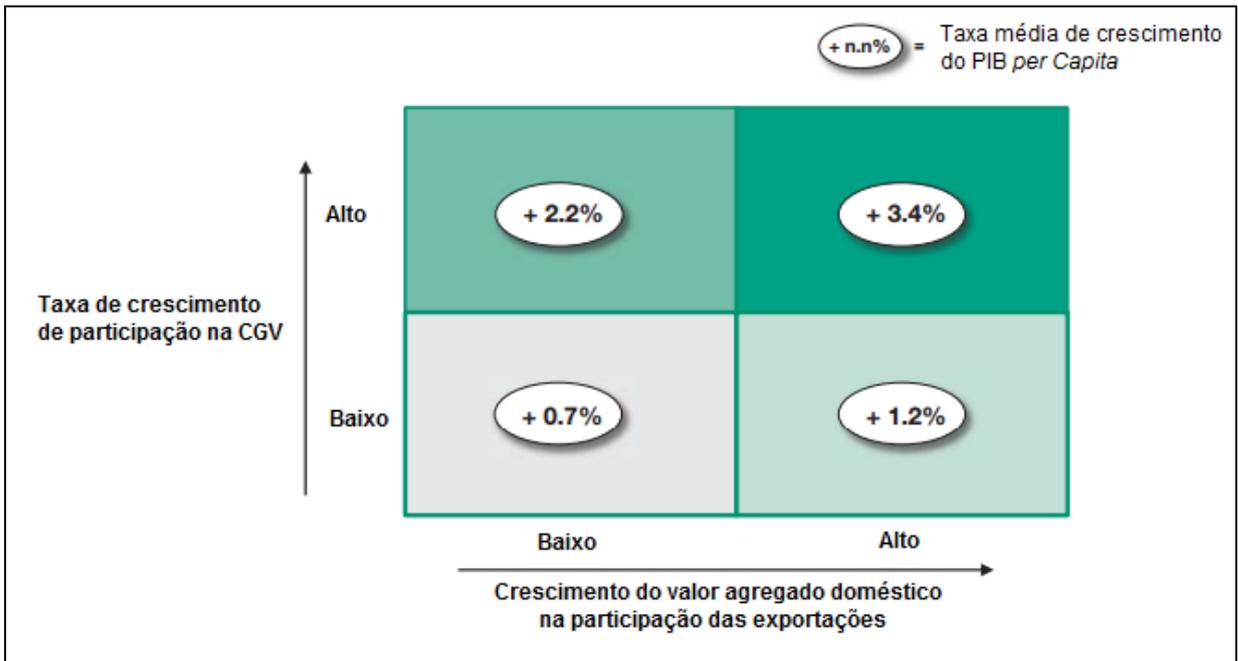
Fonte: Adaptado de UNCTAD (2013, p. 173).

Ao longo dos anos 2000, a China expandiu-se com êxito para a ampliação das atividades de alta tecnologia orientadas para a exportação, sendo o país de destaque entre os BRICS quanto a *fabricação sofisticada*. A base para o crescimento das exportações da China e a ampliação da participação de bens com *fabricação sofisticada* na CGV, deve-se inicialmente aos investimentos diretos estrangeiros e o estabelecimento de contratos com multinacionais (UNCTAD, 2013).

Outro ponto a ser observado é a participação do *conhecimento baseado em serviços* na CGV da Índia. Ela possui destaque entre os BRICS nesse quesito, sendo seu segundo nível de sofisticação mais representativo, estando apenas atrás de *recursos*. O Brasil, Rússia e África do Sul possuem o predomínio de *recursos* em seu nível de sofisticação.

O grau de envolvimento de cada nível de sofisticação na CGV pode interferir na taxa média de crescimento do PIB *per capita*. Foi realizado um levantamento pelo UNCTAD do qual foram analisados 125 países em desenvolvimento, elencados pelo nível de crescimento na participação em CGV e o valor agregado (doméstico). Constatou-se que quanto mais elevado a taxa de participação em ambos os indicadores, a taxa média de crescimento do PIB *per capita* tende a ser maior.

Figura 32 – Taxas de crescimento do PIB *per capita* para países com crescimento alto/baixo na participação de GVC e alta/baixa crescimento da participação no valor agregado doméstico, 1990-2010



Fonte: Adaptado de UNCTAD (2013, p. 170).

Conforme ilustrado na Figura 32, a taxa de crescimento na participação da CGV vinculada ao crescimento do valor agregado (doméstico) nas exportações, contribui para o aumento da taxa média de crescimento do PIB *per capita*.

4.5 OS BRICS NOS ANOS 2000: SÍNTESE DOS FATORES POLÍTICOS E ECONÔMICOS INFLUENCIADORES DO SEU POSICIONAMENTO NA GEOPOLÍTICA GLOBAL

Conforme abordado durante o trabalho, os BRICS estão destacando-se no cenário internacional não de forma aleatória, mas sim em consequência de sua importância e representatividade mundial. Esses cinco países apresentam elevadas taxas de crescimento ao longo dos últimos anos, em contradição a baixa taxa de crescimento apresentadas pelas tradicionais potências mundiais.

Contudo, os motivos que contribuíram no destaque dos BRICS nos anos 2000, tiveram início ainda no século passado. Como resumo da pesquisa realizada no presente trabalho, no Quadro 11 é possível visualizar os fatores ocorridos com os BRICS nos últimos anos e quais foram as influências desses fatores para seu posicionamento, conforme assuntos abordados no capítulo 4.

Quadro 11 - síntese dos fatores políticos e econômicos influenciadores do posicionamento dos BRICS no cenário internacional

(continua)

Cenário	Período	Fatores	Influências no Posicionamento dos BRICS na geopolítica global
Político	2001-2003	Origem do acrônimo BRIC e Projeção do PIB do BRIC comparado ao G6 (2000 – 2050).	Formação oficial do BRIC em 2009.
	2011	Ingresso da África do Sul ao Grupo.	Representatividade dos BRICS no continente africano.
	2014	Oficializado a criação do Novo Banco de Desenvolvimento dos BRICS.	Reformas nas instituições financeiras internacionais. Ampliação dos BRICS no sistema de cotas do FMI.
	2014/2015	BRICS representam 44,6% da mão-de-obra e 42,1% da população mundial.	Amplo mercado consumidor e mão-de-obra em nível de crescimento.
	2015	Brasil, Rússia, Índia e China estão entre os cinco maiores territórios, população e PIB.	Capacidade em se tornar potencia mundial.

Quadro 12 - síntese dos fatores políticos e econômicos influenciadores do posicionamento dos BRICS no cenário internacional

(conclusão)

Cenário	Período	Fatores	Influências no Posicionamento dos BRICS na geopolítica global
Econômico	1990 - 1999	Crescimento médio dos BRICS de 2,84 % e do G6 de 1,88%.	Superação da projeção realizada em 2003 do PIB do BRIC em 92% e do G6 em 18%. Redução do tempo para os BRICS ultrapassarem o G6.
	2000 - 2015	Crescimento médio dos BRICS de 3,34% % e do G6 de 1,19%.	
	1990 - 2015	Crescimento médio do PIB dos BRICS de 3,15% e do G6 de 1,45 %.	Diminuição da participação do G6 na economia mundial e ampliação da participação dos países emergentes, em especial dos BRICS.
	2015	BRICS representam 22,3% do PIB mundial.	Ampliação da participação em instituições financeiras.
	2015	Forte participação dos BRICS no mercado importador de seus vizinhos	Os BRICS tornaram-se em potencias regionais.

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados da pesquisa (2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ineficácia corrente das cooperações Norte-Sul em projetarem o desenvolvimento das nações subdesenvolvidas e emergentes ao longo prazo, fez com que a cooperação entre estes países a “margem” das nações desenvolvidas buscassem cooperação entre si. Com isso, surge então a cooperação Sul-Sul com o intuito de compartilhar as experiências dos países bem sucedidos do “sul global”, que possuem maior compreensão de suas reais necessidades.

Neste sentido, um grupo formado por cinco emergentes, os BRICS, unisse para compartilhar suas experiências em uma tentativa de reposicionamento global, almejando maior representatividade dos países do “sul global” no cenário mundial.

No entanto, o termo surgiu inicialmente em 2001, em um artigo publicado pelo economista da *Goldman Sachs*, Jim O’Neill em 2001 (*Building Better Global Economic BRICs- Construindo uma melhor economia global*), no qual utilizou para designar as quatro maiores economias emergentes. Dando sequência aos estudos de O’Neill, Dominic Wilson e Roopa Purushothaman publicam em 2003 o artigo “*Dreaming with BRIC’s: The path to 2050*” no qual projetavam que até 2050 os BRIC ultrapassariam o PIB o G6 e transformar-se-iam nas próximas potências globais.

Tendo como base o alto crescimento apontado pelo BRICS a partir dos anos 2000, este trabalho visou Identificar os fatores políticos e econômicos que fundamentaram o posicionamento dos BRICS no cenário internacional dos anos 2000. Para este estudo, foi realizado um estudo quanto aos meios como descritivo e quanto aos fins como pesquisa bibliográfica e documental. Abordando acerca dos objetivos específicos, os quais buscaram caracterizar os BRICS e identificar seus fatores políticos, econômicos e comerciais.

No primeiro objetivo específico verificou-se que os BRICS, na busca por melhor colocação global, uniram-se para compartilhar suas experiências e dividir agendas em comum, tratando de temas gerais para seu desenvolvimento e não focando apenas em uma área. Além disso, o grupo apresenta um grande mercado consumidor e cerca de 44% da mão-de-obra mundial, sendo eles fatores vinculados ao desenvolvimento desses países.

Quanto ao segundo objetivo específico, verificou-se que o crescimento apresentado pelos BRICS contribuiu para seu melhor posicionamento na política

internacional, representado especialmente pela reforma de cotas no sistema do FMI, posicionando os BRICS entre os dez principais membros da instituição passando a ser a voz dos países emergentes e subdesenvolvidos.

No que se refere ao terceiro objetivo específico, constatou-se o crescimento apresentado pelos BRICS nos últimos 26 anos. Os BRICS saíram de 1990 com representatividade no PIB mundial de 7,9% para 22,3% em 2015, enquanto as seis maiores economias mundiais reduziram sua participação. O ponto chave verificado nesse objetivo, foi que o BRIC superou em 92% a projeção realizada em 2003, enquanto o G6 conseguiu superar em apenas de 18%, mostrando-se com isso que os BRICS estão crescendo de forma mais rápida que o esperado e que possivelmente estarão tornando-se a força motriz da economia mundial muito antes que o esperado inicialmente.

Acerca do quarto objetivo, visualizou-se que não apenas na economia global mas também no comércio internacional, os BRICS estão ampliando sua participação nos últimos anos, enquanto as grandes economias atuais estão reduzindo. Outro ponto observado foi que os BRICS são importantes parceiros comerciais de seus países vizinhos no entanto ainda há poucas trocas comerciais entre os BRICS, sendo que eles dependem pouco de seus mercados vizinhos.

Em suma pode ser observado que os BRICS estão a passos mais rápidos, que o projetado em 2003, rumo a liderança global. Sendo que quatro de seus membros (Brasil, Rússia, Índia e China) estão entre os cinco países que unem as três principais forças necessárias para alcançar o poder global, sendo: população, território e riquezas. Além disso, os países do BRICS usam sua cooperação para completarem-se e unirem esforços frente aos desafios em comum, criando assim uma agenda de cooperação.

A partir dos estudos realizados, recomenda-se ampliar a parceria comercial entre os BRICS a fim de desenvolverem maior cadeia de valor, sendo que cada país dos BRICS possui competitividade em áreas distintas como: *commodities*, energia, mão-de-obra, minério, além de possuírem grande mercado consumidor.

O presente trabalho possui limitações na profundidade de algumas informações analisadas, levando em consideração a diversidade da base de dados entre cada país e o tempo disponível para tal.

Sugere-se como tema de trabalhos futuros levantar forças e fraquezas em cada país dos BRICS, quanto a agenda de cooperação do grupo; comparar os

dados dos BRICS com os principais países em desenvolvimento; analisar a evolução dos indicadores socioeconômicos e quais os fatores que ocasionaram essas mudanças.

O trabalho realizado proporcionou a pesquisadora, um conhecimento mais amplo e aprofundado sobre a sistemática do cenário internacional. Além disso, possibilitou vincular os conhecimentos adquiridos ao longo do curso e uma nova visão sobre o posicionamento internacional dos BRICS e principalmente do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J. A. G.. **Relações internacionais contemporâneas: A ordem mundial depois da Guerra Fria**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ALMEIDA, P. R. A economia internacional no século XX: um ensaio de síntese. **Revista Brasileira de Política Internacional**. Brasília, v. 1, n. 44, p.112-136, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v44n1/a08v44n1.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2016.

ANDRADE, M. M. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ANTUNES, L. 5 grandes mudanças na Europa com a Primeira Guerra Mundial. **Super Interessante**. 2014 . Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/5-grandes-mudancas-na-europa-com-a-primeira-guerra-mundial/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

BARROS, A. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia: um guia para iniciação científica**. 2.ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 10. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

BATISTA, P. N. **O consenso de Washington**. A visão neoliberal dos, 1994.

BAUMANN, R. BRICS: Oportunidade e Desafio para a Inserção Internacional do Brasil. In: BAUMANN et al. **BRICS: Estudos e Documentos**. Brasília: Funag, 2015. pp.21-37.

BAUMANN, R.; et al. **Economia internacional: teoria e experiência brasileira**. Rio

de Janeiro: Campus, 2004.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Países**. Disponível em: <http://paises.ibge.gov.br/>. Acesso em: 03 set. 2016a.

_____. Itamaraty. **Banco Mundial**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/diplomacia-economica-comercial-e-financeira/120-banco-mundial>>. Acesso em: 10 maio 2016b.

_____. _____. **BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul**. Disponível em:< <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics>>. Acesso em: 30 ago. 2016c.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. **Países**. Disponível em:< <http://paises.ibge.gov.br/#/pt>>. Acesso em: 17 set. 2016c.

CARMONA, R. O retorno da geopolítica: a ascensão dos BRICS. Austral: ***Brazilian Journal of Strategy & International Relations***, [S.l.], v. 3, n. 6. p. 37-72. 2014. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/view/51286/33164> >. Acesso em: 17 out. 2016.

CARVALHO, L. A. **Geopolítica e relações internacionais**. Curitiba: Juruá, 2002.
CAVUSGIL, S. T.; KNIGHT, G.; RIESENBERGER, J. R. **Negócios internacionais: estratégia, gestão e novas realidades**. São Paulo: Pearson, 2010.

CEPAL. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. **Horizontes 2030: a igualdade no centro do desenvolvimento sustentável**. 2016. Disponível em: < <http://repositorio.cepal.org/handle/11362/40118>>. Acesso em: 16 out. 2016.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4 ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHEN, L. *The BRICS in the global value chains: an empirical note*. **Cuadernos de Economía**, Bogotá, v. 31, n. spe57, p. 221-239, jun 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-47722012000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2016.

CIA. Central Intelligence Agency. **Publicações**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sf.html>>. Acesso em: 09 out. 2016.

CORRÊA, M. L. **Prática comentada da cooperação internacional**: entre a hegemonia e a busca de autonomia. Brasília: Ed. Do autor, 2010.

COSTA, W. M. **Geografia política e geopolítica**: discursos sobre o território e o poder. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

DIAS, R.; RODRIGUES, W. **Comércio exterior**: teoria e gestão. São Paulo: Atlas, 2007.

DOWBOR, L. (Org.). **Desafios da globalização**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

EICHENGREEN, B. **A globalização do capital**: uma história do sistema monetário internacional. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva. 2001.

FIORI, J. L. **O poder global**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

FMI. Fundo Monetário Internacional. **IMF anual report 2016**. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/ar/2016/eng/quota.htm#flags>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

FOBE, N. J. Uma proposta esquecida-o Bancor. **Revista DIREITO GV**, v. 10, n. 2, p. 441-450. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdgv/v10n2/1808-2432-rdgv-10-2-0441.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

FONT, J. N.; RUFÍ, J. V. **Geopolítica, identidade e globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

HENDERSON, H. **Além da globalização: modelando uma economia global sustentável**. Bloomfield: Pensamento-cultrix, 2003.

KEEDI, S. **ABC do comércio exterior**. 2. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2004.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia internacinal: teoria e política**. 6.ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005.

MAGNOLI, D. **Relações internacionais: teoria e história**. São Paulo: Saraiva, 2004. 369 p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7.ed São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.

MARTINS, R. B.. **Metodologia científica: Como tornar mais agradável a elaboração de trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Juruá, 2004.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MELLO, L. I. A. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: Edusp, 1999.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais:** um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MOFFITT, M. **O dinheiro do mundo:** de Bretton Woods à beira da insolvência. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MONTESQUIEU. O espírito das leis. São Paulo: Abril Cultura, 1979 apud MAGNOLI, Demétrio. **Relações internacionais:** teoria e história. São Paulo: Saraiva, 2004.
NOSÉ JUNIOR, A. **Marketing Internacional:** estratégia empresarial. São Paulo: Thomson, 2005.

MUNDIAL – Banco Mundial. **Database.** Disponível em:

<http://databank.worldbank.org/data/reports.aspx?source=world-development-indicators#>. Acesso em: 15 set. 2016.

OLIC, N. B. **A desintegração do leste: URSS, Iugoslávia, Europa Oriental.** Moderna, 1993.

OLIC, N. B. **Conflitos do mundo:** questões e visões geopolíticas. São Paulo: Moderna, 1999.

O'Neill, J. **O mapa do crescimento:** oportunidades econômicas nos BRIC's e além deles. São Paulo: Globo, 2012.

PANCERI, J. W. Os reflexos do fim da Guerra Fria político-econômica da União Europeia. In: LADWING, N. I.; COSTA, R. S. (Org.). **Vinte anos da queda do muro de Berlim.** Palhoça: Ed. Unisul, 2009.

PEREIRA, A. G. et al. **Globalização novos rumos no mundo do trabalho.**

Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

PINHEIRO, J. M. **Da iniciação científica ao TCC: uma abordagem para os cursos de tecnologia.** Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.

RAMOS, L. Potências médias emergentes e reforma da arquitetura financeira mundial? Uma análise do BRICS no G20. **Revista de Sociologia e Política.** Curitiba, v. 22, n. 50, p. 49-65, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782014000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2016.

RIBEIRO, E. J. J.; MORAES, R. F. De BRIC a BRICS: como a África do Sul ingressou em um Clube de Gigantes. **Contexto int.**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 255-287, Apr. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292015000100255&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 05 set. 2016.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação.** São Paulo: Nova Cultura, 2 ed. 1885.

ROBERTSON, R. **Globalization: Social theory and global culture.** Sage, 1992. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=gmCJCwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 04 jun. 2016.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa.** 3. ed São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANCHEZ, I. **Para entender a internacionalização da economia.** São Paulo: Senac, 1999.

SANDOVAL, S. *La cadena global de valor: consideraciones desde el ciclo del capital.* **Problemas del Desarrollo,** México, v. 46, n. 182, p. 165-190, sept. 2015.

Disponvel em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0301-70362015000300165&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2016.

SARAIVA (org.), J. F. S. **História das relações internacionais contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

SERRANO, F. **Relações de poder e a política macroeconômica americana, de Bretton Woods ao padrão dólar flexível**. O poder americano. Petrópolis: Vozes, p. 179-222, 2004.

TIAN, H. *The BRICS and the G20*. **China & World Economy**, v. 24, n. 4, p. 111-126, 2016.

TOMÉ, L. L. O Estado e a nova ordem internacional: entre a fragmentação e a globalização. In: II Encontros Internacionais de Macau, 2002, Macau. **Anais...** Macau, Universidade Autónoma Editora, 2002. p.17. Disponível em: <http://repositorio.ual.pt/handle/11144/1769>. Acesso em: 29 abr. 2016.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VESENTINI, J. W. **A capital da geopolítica**. São Paulo: Ática, 1996.

VESENTINI, J. W. **A nova ordem mundial**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2000.

VESENTINI, J. W. **Novas geopolíticas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

VIANNA, I. O. A. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica**. São Paulo: EPU, 2001.

VIZENTINI, P. F. **O descompasso entre as nações**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

WBG – *World Bank Group*. **World Databank**. Disponível em: <http://databank.worldbank.org/data/reports.aspx?Code=NY.GDP.MKTP.KD.ZG&id=af>

[3ce82b&report_name=Popular_indicators&populartype=series&ispopular=y#](#).

Acesso em: 14 jun. 2016.

WILSON, D.; PURUSHOTHAMAN, R. *Dreaming with BRIC's: the path to 2050*.

Global Economics Paper nº 99, 2003. Disponível em:

<http://www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/brics-dream.html>. Acessado em: 27 out. 2016.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **IDH**. Disponível em:

<http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15_overview_pt.pdf>. Acesso em: 15 out. 2016.

UNCTAD. Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.

World Investment report. 2013. Disponível em:

<http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/wir2013_en.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

UNCTAD. Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.

Trade and development report. 2016. Disponível em:

<http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/tdr2016_en.pdf>. Acesso em: 11 out 2016a.

UNCTAD. Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento.

Stat. Disponível em: <

<http://unctadstat.unctad.org/wds/ReportFolders/reportFolders.aspx>>. Acesso em: 15 out 2016b.

WTO. *World Trade Organization*. **Value added trade, global value chains, and**

trade policy: renewed push for trade liberalization. 2015. Disponível em: <

https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/miwi_e/paper_january15_e.htm>. Acesso em: 16 out. 2016.

WTO. *World Trade Organization*. **Statistics**. Disponível em:

<https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/wts2016_e/WTO_Chapter_05.pdf>.

Acesso em: 12 out 2016.

WTO. *World Trade Organization. **Statistics***. Disponível em: <
<http://stat.wto.org/CountryProfile/WSDBCountryPFView.aspx?Language=E&Country=BR%2cCN%2cIN%2cRU%2cZA>>. Acesso em: 16 out 2016b.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Evolução do PIB em trilhões de dólares entre 1990 e 2015.

(continua)

PAÍS ANO	BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA	ÁFRICA DO SUL	EUA	UNIÃO EUROPEIA	BRICS	G6	MUNDO	% PIB MUNDIAL		PIB BRICS / PIB G6
											BRICS	G6	
1990	\$461.951.7 82.000	\$516.814.2 58.696	\$326.608.0 14.285	\$358.973.2 30.048	\$112.014.8 36.393	\$5.979.589. 000.000	\$7.577.008.8 28.898	\$1.776.362.1 21.422	\$14.394.051.3 02.934	\$22.563.115. 177.745	7,9%	63,8%	8,1
1991	\$602.860.0 00.000	\$517.962.9 62.963	\$274.842.1 61.318	\$381.454.7 03.833	\$120.225.9 85.442	\$6.174.043. 000.000	\$7.863.770.1 12.665	\$1.897.345.8 13.556	\$15.233.187.7 24.787	\$23.898.464. 428.049	7,9%	63,7%	8,0
1992	\$400.599.2 50.000	\$460.290.5 56.901	\$293.262.7 22.482	\$424.934.0 65.934	\$130.513.6 80.154	\$6.539.299. 000.000	\$8.569.019.6 42.257	\$1.709.600.2 75.471	\$16.419.415.6 69.272	\$25.374.818. 246.063	6,7%	64,7%	9,6
1993	\$437.798.5 77.640	\$435.083.7 13.851	\$284.194.0 18.792	\$442.874.5 96.387	\$134.309.8 07.571	\$6.878.718. 000.000	\$7.813.273.5 18.554	\$1.734.260.7 14.241	\$16.815.165.2 54.411	\$25.805.707. 315.785	6,7%	65,2%	9,7
1994	\$558.111.9 97.497	\$395.077.3 01.248	\$333.014.9 93.710	\$562.261.1 29.869	\$139.752.3 73.972	\$7.308.755. 000.000	\$8.296.860.8 04.940	\$1.988.217.7 96.296	\$18.002.785.9 53.939	\$27.706.373. 746.783	7,2%	65,0%	9,1
1995	\$785.643.4 56.467	\$395.531.0 66.563	\$366.600.1 93.391	\$732.032.0 45.218	\$155.460.2 34.816	\$7.664.060. 000.000	\$9.525.457.1 55.497	\$2.435.266.9 96.455	\$19.607.847.0 74.318	\$30.658.944. 469.581	7,9%	64,0%	8,1
1996	\$850.425.8 28.276	\$391.719.9 93.757	\$399.787.2 63.893	\$860.844.0 98.049	\$147.608.0 50.636	\$8.100.201. 000.000	\$9.735.448.8 52.001	\$2.650.385.2 34.611	\$19.539.803.7 04.467	\$31.324.994. 778.851	8,5%	62,4%	7,4
1997	\$883.199.4 43.414	\$404.926.5 34.140	\$423.160.7 99.041	\$958.159.4 24.835	\$152.586.0 31.836	\$8.608.515. 000.000	\$9.180.731.9 39.720	\$2.822.032.2 33.266	\$19.297.686.5 74.210	\$31.240.755. 811.190	9,0%	61,8%	6,8
1998	\$863.723.3 95.088	\$270.953.1 16.950	\$428.740.6 90.380	\$1.025.276. 902.079	\$137.774.6 95.404	\$9.089.168. 000.000	\$9.502.191.4 33.931	\$2.726.468.7 99.901	\$19.561.139.2 59.559	\$31.122.701. 749.602	8,8%	62,9%	7,2
1999	\$599.388.8 79.705	\$195.905.7 67.669	\$466.866.7 20.521	\$1.089.447. 108.706	\$136.631.8 81.365	\$9.660.624. 000.000	\$9.488.108.9 03.885	\$2.488.240.3 57.965	\$20.607.428.2 68.048	\$32.282.974. 777.802	7,7%	63,8%	8,3
2000	\$655.421.1 53.321	\$259.708.4 96.267	\$476.609.1 48.165	\$1.205.260. 678.392	\$136.361.7 91.003	\$10.284.77 9.000.000	\$8.818.086.7 15.617	\$2.733.361.2 67.148	\$21.030.931.1 08.869	\$33.321.297. 208.154	8,2%	63,1%	7,7
2001	\$559.372.5 02.338	\$306.602.6 73.980	\$493.954.1 61.368	\$1.332.234. 719.890	\$121.515.8 80.069	\$10.621.82 4.000.000	\$8.922.661.7 84.768	\$2.813.679.9 37.645	\$20.812.811.0 05.930	\$33.134.207. 861.324	8,5%	62,8%	7,4
2002	\$507.962.7 41.820	\$345.110.4 38.692	\$523.968.3 81.477	\$1.461.906. 487.858	\$115.482.3 04.202	\$10.977.51 4.000.000	\$9.732.741.4 42.663	\$2.954.430.3 54.049	\$21.484.574.4 31.632	\$34.418.046. 864.505	8,6%	62,4%	7,3
2003	\$558.320.1 16.997	\$430.347.7 70.732	\$618.356.4 67.437	\$1.649.928. 718.135	\$175.256.8 66.089	\$11.510.67 0.000.000	\$11.859.660. 657.836	\$3.432.209.9 39.389	\$23.680.141.9 10.612	\$38.656.298. 927.512	8,9%	61,3%	6,9

APÊNDICE A – Evolução do PIB em trilhões de dólares entre 1990 e 2015.

(conclusão)

PAÍS ANO	BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA	ÁFRICA DO SUL	EUA	UNIÃO EUROPEIA	BRICS	G6	MUNDO	% PIB MUNDIAL		PIB BRICS / PIB
											BRICS	G6	
2004	\$669.316.2	\$591.016.69	\$721.584.80	\$1.941.745.6	\$228.593.70	\$12.274.928.	\$13.701.690.	\$4.152.257.0	\$25.970.292.	\$43.552.125.	9,5%	59,6%	6,3
	39.316	0.743	5.205	02.165	3.991	000.000	846.115	41.420	200.774	346.243			
2005	\$891.629.9	\$764.017.10	\$834.214.69	\$2.268.598.9	\$257.772.76	\$13.093.726.	\$14.334.011.	\$5.016.233.4	\$27.002.286.	\$47.142.587.	10,6%	57,3%	5,4
	70.424	7.992	9.568	04.116	6.358	000.000	439.138	48.459	114.679	523.753			
2006	\$1.107.640	\$989.930.54	\$949.116.76	\$2.729.784.0	\$271.638.63	\$13.855.888.	\$15.295.130.	\$6.048.110.2	\$28.070.807.	\$51.074.511.	11,8%	55,0%	4,6
	.325.472	2.279	9.619	31.906	0.111	000.000	473.683	99.388	617.596	683.436			
2007	\$1.397.084	\$1.299.705.	\$1.238.699.	\$3.523.094.3	\$299.415.35	\$14.477.635.	\$17.685.550.	\$7.757.998.9	\$30.109.835.	\$57.583.425.	13,5%	52,3%	3,9
	.381.901	764.824	170.079	14.821	9.540	000.000	146.490	91.164	988.192	018.506			
2008	\$1.695.824	\$1.660.846.	\$1.224.097.	\$4.558.431.0	\$286.769.85	\$14.718.582.	\$19.029.134.	\$9.425.968.8	\$31.427.703.	\$63.128.556.	14,9%	49,8%	3,3
	.517.396	387.625	069.460	73.438	0.240	000.000	448.899	98.158	948.916	653.065			
2009	\$1.667.020	\$1.222.644.	\$1.365.371.	\$5.059.419.7	\$295.936.47	\$14.418.739.	\$17.020.888.	\$9.610.392.0	\$30.065.450.	\$59.835.529.	16,1%	50,2%	3,1
	.106.032	282.202	474.048	38.267	1.258	000.000	550.380	71.807	216.834	905.241			
2010	\$2.208.872	\$1.524.917.	\$1.708.458.	\$6.039.658.5	\$375.349.44	\$14.964.372.	\$16.946.058.	\$11.857.256.	\$31.056.071.	\$65.647.819.	18,1%	47,3%	2,6
	.214.643	468.442	876.830	08.486	2.837	000.000	883.844	511.238	651.543	210.535			
2011	\$2.614.573	\$2.031.771.	\$1.815.865.	\$7.492.432.0	\$416.596.71	\$15.517.926.	\$18.321.253.	\$14.371.239.	\$32.917.937.	\$72.843.138.	19,7%	45,2%	2,3
	.170.732	419.409	716.202	97.810	6.627	000.000	083.348	120.779	362.749	849.549			
2012	\$2.460.658	\$2.170.145.	\$1.824.960.	\$8.461.623.1	\$397.386.41	\$16.155.255.	\$17.249.382.	\$15.314.774.	\$33.036.832.	\$74.428.356.	20,6%	44,4%	2,2
	.440.428	829.224	308.641	62.714	8.270	000.000	954.725	159.277	698.111	862.440			
2013	\$2.465.773	\$2.230.628.	\$1.863.208.	\$9.490.602.6	\$366.057.91	\$16.663.160.	\$17.986.267.	\$16.416.270.	\$32.968.477.	\$76.431.318.	21,5%	43,1%	2,0
	.850.935	062.254	343.558	00.148	3.372	000.000	255.955	770.268	824.783	769.141			
2014	\$2.417.046	\$2.030.972.	\$2.042.438.	\$10.351.111.	\$349.873.02	\$17.348.071.	\$18.516.744.	\$17.191.442.	\$33.770.453.	\$78.106.337.	22,0%	43,2%	2,0
	.323.842	571.014	591.344	762.216	6.989	500.000	672.413	275.405	668.007	567.715			
2015	\$1.774.724	\$1.326.015.	\$2.073.542.	\$10.866.443.	\$312.797.57	\$17.946.996.	\$16.229.464.	\$16.353.524.	\$32.511.226.	\$73.433.643.	22,3%	44,3%	2,0
	.818.900	096.948	978.209	998.394	6.594	000.000	160.143	469.045	724.668	553.308			
% PIB MUNDIAL EM 2015	2,4%	1,8%	2,8%	14,8%	0,4%	24,4%	22,1%	22,3%	44,3%	100%	-	-	-
% CRESCIMENTO ENTRE 1990 A 2015	384,2%	256,6%	634,9%	3027,1%	279,2%	300,1%	214,2%	920,6%	225,9%	325,5%	-	-	-

Fonte: Elaboração própria a partir de Banco Mundial (2016).

APÊNDICE B – Evolução de Crescimento do PIB em Percentuais entre 1990 e 2015.

(continua)

PAÍS ANO	BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA	ÁFRICA DO SUL	EUA	UE	BRICS	G6	MUNDO
1990	-3,1	-3,0	5,5	3,9	-0,3	1,9	3,0	3,0	2,4	2,9
1991	1,5	-5,0	1,1	9,3	-1,0	-0,1	1,4	1,4	1,3	1,4
1992	-0,5	-14,5	5,5	14,3	-2,1	3,6	1,1	1,8	1,2	1,8
1993	4,7	-8,7	4,8	13,9	1,2	2,7	-0,1	1,7	-0,2	1,7
1994	5,3	-12,6	6,7	13,1	3,2	4,0	2,9	3,2	2,4	3,0
1995	4,4	-4,1	7,6	11,0	3,1	2,7	2,7	3,1	2,3	3,0
1996	2,2	-3,6	7,5	9,9	4,3	3,8	2,0	4,3	2,0	3,3
1997	3,4	1,4	4,0	9,2	2,6	4,5	2,8	3,8	2,1	3,8
1998	0,3	-5,3	6,2	7,9	0,5	4,4	3,0	3,0	2,7	2,4
1999	0,5	6,4	8,8	7,6	2,4	4,7	3,0	3,3	2,5	3,3
2000	4,1	10,0	3,8	8,4	4,2	4,1	3,9	4,2	3,8	4,3
2001	1,7	5,1	4,8	8,3	2,7	1,0	2,2	2,7	1,7	2,0
2002	3,1	4,7	3,8	9,1	3,7	1,8	1,3	3,7	0,7	2,2
2003	1,1	7,3	7,9	10,0	2,9	2,8	1,3	2,9	1,3	2,9
2004	5,8	7,2	7,9	10,1	4,6	3,8	2,6	4,6	2,4	4,5
2005	3,2	6,4	9,3	11,4	5,3	3,3	2,1	5,3	1,5	3,8
2006	4,0	8,2	9,3	12,7	5,6	2,7	3,4	5,6	2,5	4,4
2007	6,1	8,5	8,6	14,2	5,4	1,8	3,1	5,4	2,3	4,3
2008	5,1	5,2	3,9	9,6	3,2	-0,3	0,5	3,2	-0,4	1,8
2009	-0,1	-7,8	8,5	9,2	-1,5	-2,8	-4,4	-1,5	-4,8	-1,7
2010	7,5	4,5	10,3	10,6	3,0	2,5	2,1	4,3	2,2	4,3
2011	3,9	4,3	6,6	9,5	3,2	1,6	1,8	3,2	1,8	3,1
2012	1,9	3,5	5,6	7,8	2,2	2,2	-0,5	2,5	0,8	2,5
2013	3,0	1,3	6,6	7,7	2,2	1,5	0,2	2,4	1,0	2,4

APÊNDICE B – Evolução de Crescimento do PIB em Percentuais entre 1990 e 2015.

PAÍS ANO		BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA	ÁFRICA DO SUL	EUA	UE	BRICS	G6	MUNDO
	2014	0,1	0,7	7,2	7,3	1,5	2,4	1,4	2,6	0,9	2,6
	2015	-3,8	-3,7	7,6	6,9	1,3	2,4	1,9	2,5	1,4	2,5
Média	1990 A 1999	1,88	-4,91	5,77	10,01	1,39	3,23	2,17	2,84	1,88	2,66
	2000 A 2015	2,91	4,08	6,98	9,55	3,09	1,93	1,43	3,34	1,19	2,87
	1990 A 2015	2,51	0,63	6,52	9,72	2,44	2,43	1,71	3,15	1,45	2,79

Fonte: Elaboração própria a partir de Banco Mundial (2016).

APÊNDICE C – Disponibilidade de mão-de-obra, 2014

PAÍSES	TOTAL	% MUNDO
BRASIL	109.842.906	3,2%
RÚSSIA	76.754.167	2,3%
ÍNDIA	496.960.163	14,7%
CHINA	806.498.521	23,8%
ÁFRICA DO SUL	20.001.038	0,6%
MUNDO	3.384.193.532	100,0%
EUA	161.074.378	4,8%
UE	247.074.464	7,3%

APÊNDICE D – Evolução das exportações dos BRICS e do mundo entre 1990 e 2015 (FOB US\$ milhões).

(continua)

PAÍS	BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA	ÁFRICA DO SUL	BRICS	SHARE MUNDIAL	MUNDO
ANO								
1990	\$ 31.414	–	\$ 17.969	\$ 62.091	\$ 23.549	\$ 135.023	3,9%	\$ 3.495.675
1991	\$ 31.620	–	\$ 17.727	\$ 71.910	\$ 23.279	\$ 144.536	4,1%	\$ 3.516.772
1992	\$ 35.793	\$ 42.039	\$ 19.628	\$ 84.940	\$ 23.440	\$ 205.840	5,4%	\$ 3.786.844
1993	\$ 38.555	\$ 44.297	\$ 21.572	\$ 91.744	\$ 24.222	\$ 220.390	5,8%	\$ 3.781.825
1994	\$ 43.545	\$ 67.379	\$ 25.022	\$ 121.006	\$ 25.308	\$ 282.260	6,5%	\$ 4.320.714
1995	\$ 46.506	\$ 82.419	\$ 30.630	\$ 148.780	\$ 27.853	\$ 336.188	6,5%	\$ 5.176.236
1996	\$ 47.747	\$ 89.685	\$ 33.105	\$ 151.048	\$ 29.221	\$ 350.806	6,5%	\$ 5.410.859
1997	\$ 52.994	\$ 86.895	\$ 35.008	\$ 182.792	\$ 31.027	\$ 388.716	6,9%	\$ 5.599.525
1998	\$ 51.140	\$ 74.444	\$ 33.437	\$ 183.712	\$ 26.362	\$ 369.095	6,7%	\$ 5.509.646
1999	\$ 48.013	\$ 75.551	\$ 35.667	\$ 194.931	\$ 26.707	\$ 380.869	6,7%	\$ 5.722.820
2000	\$ 55.119	\$105.033	\$ 42.379	\$ 249.203	\$ 29.983	\$ 481.717	7,5%	\$ 6.452.318
2001	\$ 58.287	\$101.884	\$ 43.361	\$ 266.098	\$ 29.258	\$ 498.888	8,1%	\$ 6.195.068
2002	\$ 60.439	\$107.301	\$ 49.250	\$ 325.596	\$ 29.723	\$ 572.309	8,8%	\$ 6.499.786
2003	\$ 73.203	\$135.929	\$ 58.963	\$ 438.228	\$ 36.482	\$ 742.805	9,8%	\$ 7.589.983
2004	\$ 96.678	\$183.207	\$ 76.649	\$ 593.326	\$ 46.146	\$ 996.005	10,8%	\$ 9.223.768
2005	\$118.529	\$243.798	\$ 99.616	\$ 761.953	\$ 51.626	\$ 1.275.522	12,1%	\$ 10.502.488
2006	\$137.807	\$303.551	\$121.808	\$ 968.978	\$ 58.175	\$ 1.590.319	13,1%	\$ 12.127.771
2007	\$160.649	\$354.403	\$150.159	\$1.220.456	\$ 69.784	\$ 1.955.451	13,9%	\$ 14.020.775
2008	\$197.942	\$471.606	\$194.828	\$1.430.693	\$ 80.782	\$ 2.375.851	14,7%	\$ 16.148.864
2009	\$152.995	\$303.388	\$164.909	\$1.201.612	\$ 61.677	\$ 1.884.580	15,0%	\$ 12.555.778
2010	\$201.915	\$400.630	\$226.351	\$1.577.754	\$ 91.347	\$ 2.497.998	16,3%	\$ 15.302.138
2011	\$256.040	\$522.011	\$302.905	\$1.898.381	\$ 108.815	\$ 3.088.152	16,8%	\$ 18.338.967
2012	\$242.578	\$529.256	\$296.828	\$2.048.714	\$ 99.606	\$ 3.216.982	17,4%	\$ 18.497.485
2013	\$242.034	\$523.276	\$314.848	\$2.209.005	\$ 95.938	\$ 3.385.100	17,9%	\$ 18.939.388

APÊNDICE D – Evolução das exportações dos BRICS e do mundo entre 1990 e 2015 (FOB US\$ milhões).

(conclusão)

PAÍS	BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA	ÁFRICA DO SUL	BRICS	SHARE MUNDIAL DOS BRICS	MUNDO
ANO								
2014	\$225.101	\$497.764	\$322.694	\$2.342.293	\$ 91.047	\$ 3.478.898	18,3%	\$ 18.995.654
2015	\$191.134	\$340.349	\$267.147	\$2.274.949	\$ 81.673	\$ 3.155.252	19,1%	\$ 16.551.591

Fonte: Elaboração própria a partir de UNCTAD (2016b).

APÊNDICE E – Evolução das importações dos BRICS e do mundo entre 1990 e 2015 (CIF US\$ milhões).

PAÍS	BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA	ÁFRICA DO SUL	BRICS	(continua) SHARE MUNDIAL DOS BRICS	MUNDO
ANO								
1990	\$ 22.522	–	\$ 23.580	\$ 53.345	\$ 18.399	\$ 117.846	3,3%	\$ 3.609.255
1991	\$ 22.947	–	\$ 20.448	\$ 63.791	\$ 18.829	\$ 126.015	3,5%	\$ 3.637.929
1992	\$ 23.116	\$ 40.737	\$ 23.579	\$ 80.600	\$ 19.738	\$ 187.769	4,8%	\$ 3.909.732
1993	\$ 27.604	\$ 36.135	\$ 22.788	\$ 103.959	\$ 19.991	\$ 210.477	5,5%	\$ 3.845.090
1994	\$ 36.192	\$ 50.452	\$ 26.843	\$ 115.637	\$ 23.363	\$ 252.487	5,8%	\$ 4.379.941
1995	\$ 54.137	\$ 62.603	\$ 34.707	\$ 132.079	\$ 30.546	\$ 314.072	6,0%	\$ 5.234.375
1996	\$ 56.981	\$ 68.092	\$ 37.942	\$ 138.943	\$ 30.182	\$ 332.140	6,0%	\$ 5.496.762
1997	\$ 64.242	\$ 71.983	\$ 41.432	\$ 142.189	\$ 32.998	\$ 352.844	6,2%	\$ 5.686.015
1998	\$ 60.652	\$ 58.015	\$ 42.980	\$ 140.305	\$ 29.242	\$ 331.194	5,9%	\$ 5.632.787
1999	\$ 51.767	\$ 39.537	\$ 46.979	\$ 165.788	\$ 26.696	\$ 330.767	5,6%	\$ 5.857.728
2000	\$ 58.643	\$ 44.862	\$ 51.523	\$ 225.024	\$ 29.695	\$ 409.747	6,2%	\$ 6.654.569
2001	\$ 58.382	\$ 53.764	\$ 50.392	\$ 243.553	\$ 28.248	\$ 434.339	6,8%	\$ 6.412.138
2002	\$ 49.723	\$ 60.966	\$ 56.517	\$ 295.170	\$ 29.267	\$ 491.643	7,4%	\$ 6.663.331
2003	\$ 50.881	\$ 76.070	\$ 72.558	\$ 412.760	\$ 39.748	\$ 652.017	8,4%	\$ 7.779.532
2004	\$ 66.433	\$ 97.382	\$ 99.775	\$ 561.229	\$ 53.466	\$ 878.286	9,3%	\$ 9.478.757
2005	\$ 77.628	\$125.434	\$142.870	\$ 659.953	\$ 62.304	\$ 1.068.189	9,9%	\$ 10.777.642
2006	\$ 95.838	\$164.281	\$178.410	\$ 791.461	\$ 78.715	\$ 1.308.705	10,6%	\$ 12.355.258
2007	\$126.645	\$223.486	\$229.370	\$ 956.116	\$ 88.450	\$ 1.624.067	11,4%	\$ 14.229.607
2008	\$182.377	\$291.861	\$321.032	\$1.132.567	\$ 101.640	\$ 2.029.477	12,3%	\$ 16.467.643
2009	\$133.677	\$191.803	\$257.202	\$1.005.923	\$ 74.054	\$ 1.662.659	13,1%	\$ 12.689.586
2010	\$191.537	\$248.634	\$350.233	\$1.396.247	\$ 96.835	\$ 2.283.486	14,8%	\$ 15.420.513
2011	\$236.964	\$323.831	\$464.462	\$1.743.484	\$ 124.430	\$ 2.893.171	15,7%	\$ 18.415.633
2012	\$233.398	\$335.446	\$489.694	\$1.818.405	\$ 127.154	\$ 3.004.097	16,1%	\$ 18.625.032
2013	\$250.556	\$341.335	\$465.397	\$1.949.990	\$ 106.950	\$ 3.114.228	16,5%	\$ 18.908.72

APÊNDICE E – Evolução das importações dos BRICS e do mundo entre 1990 e 2015 (CIF US\$ milhões).

(conclusão)

PAÍS	BRASIL	RÚSSIA	ÍNDIA	CHINA	ÁFRICA DO SUL	BRICS	SHARE MUNDIA L DOS BRICS	MUNDO
ANO								
2014	\$239.152	\$308.027	\$462.910	\$1.959.233	\$ 104.789	\$ 3.074.111	16,2%	\$ 18.996.512
2015	\$178.798	\$194.087	\$391.977	\$1.681.951	\$ 90.357	\$ 2.537.170	15,3%	\$ 16.607.237

Fonte: Elaboração própria a partir de UNCTAD (2016b).